CAM
10 P

[redacted]

Vê-se no prologo dos Leitores que precede ás Rimas ser esta a 1ª Edição, e como tal é considerada. Este prologo é de Fernão Rodrigues Lobo Surrupita advogado na Corte.

Encadernação ... 200 —

A — 10

10

Soneto x

Com grandes esperanças a cantei
Com que os Deuses no Olimpo conquistara
Despois vim a chorar porq̃ cantara,
E agora choro ja, porque chorei
Se cuido nas passadas que ia Dei
Nustame esta lembrança sô tão cara,
que a dor de ver as magoas q̃ passara
tenho pola mor magoa que passei.
Pois logo se está claro que hum tormento
Dâ causa q̃ outro n'alma se acrecente,
Ia nunca posso ter contentamento
Mas desta fantesia se me mente.
Ô occioso, & cego pensamento
Ainda Eu imagino Em ser Contente.

NB. Estes Sonetos com excepção do que vai marcado com a nota (a) achão se impressos na Edição de 1598.

Soneto

Des bois que quis Amor q̃ eu so passasse
quanto mal á q̃ m̃ repartiu.
Entregou-me á fortuna porq̃ viu
que nas tinha mais mal q̃ emmi mostrasse
Ella q̃ que do Amor se auentajasse
no tormento q̃ o seo me permittiu
o que q̃ ninguem se consentiu,
p̃ mi so mandou q̃ se inuentasse.
Eis me aqui vou com uario sem gritar
copioso exemplario pera agente
que destes dous tiramos se soggeitar
Desuarios em versos concertando.
triste quem seu descanso tanto vtreis
que deste tam pequeno esta contenta

RHYTHMAS DE LVIS DE CAMOES,

Diuididas em cinco partes.

Dirigidas ao muito Illuſtre ſenhor D. Gonçalo Coutinho.

Impreſſas com licença do ſupremo Conſelho da geral Inquiſição, & Ordinario.

EM LISBOA,

Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. Lxxxxv.

A cuſta de Eſtevão Lopez mercador de libros.

T. NORTON.

VI por mandado de sua A. o liuro intitulado Rimas de poesia de Luis de Ca-
mões, assi como vay nam tem cousa que seja contra a nossa sancta Fe Ca-
tholica, ou contra os bos costumes, & guarda delles, antes com sua poesia po
ensinar, & com a variedade deleytar a muytos. Vsa o autor como poeta dest
vocabulos Deoses, Fado, Fortuna, & outros semelhantes, os quais ja algũs l
tacharão, mas sem rezão, porque não pode prejudicar as consciencias, o que n
encontra as escripturas, nem a verdadeira Theologia: Este vocabulo Deoses
vsado na sagrada Escrittura a cada passo. Fado se admite na Theologia, com
se pode ver em S. Thomas 1. par. q. 116. art. 1. & sequentibus, & 3. cõtra gẽtes, c.
onde approua o parecer daquelles que disseram fatum esse ordinationem q
est in rebus ex diuina prouidentia. E mais abaxo accrecẽta, Secũdum hanc er
acceptionem negare fatũ, est prouidentiam diuinam negare. De fortuna lo qu
August. lib. 1. questionum super Genesim. q. 91. diz Fortuna intelligenda est p
his rebus quæ fortuitô videntur accidere, nõ quia nomem aliquod sit. E que
autor vse destes vocabulos neste sentido, esta claro de outros lugares seus, c
mo mostrey largamente na approuação que dey as Lusiadas do mesmo aut
que agora nouamẽte se imprimem; o q̃ visto bem se pode este liuro imprim

F. Manoel Coelho.

Vista a informação, podese imprimir este liuro, & de
pois de impresso torne a este Conselho, pera se confe
rir, & se lhe dar licença pera correr. Em Lisboa a 1
de Nouembro de 94.

Obispo Deluas. Diogo de Sousa. Marcos Teixeira.

¶ *Podese imprimir a 3. de Dezembro de 94.*

Ioão de Lucena Homem.

CAM
10 P

VEL REY Faço saber aos que este meu alua ra virem, que Estevão Lopez Iureyro, morador nesta Cidade de Lisboa, me enuiou dizer por sua petição, que eu ouuera por bẽ de lhe dar licença por elle ter ja a da sancta Inquisição, & do Ordinario, pera se poderem imprimir varias Rimas poéticas de Luis de Camões, que inda não forão impressas: & para se tornar a imprimir o liuro dos seus Luziadas q̃ ja foy impresso, por agora auer poucos, & porque tiuera trabalho em ajuntar as ditas obras, & gastara muito na impressam, me pedia ouuesse por bem de lhe conceder priuilegio, para ninguem poder imprimir, nem vender os ditos liuros sem sua licença, & receberia merce. E visto seu requerimento, & por lha fazer ey por bem, & me praz que por tempo de dez annos, nenhum imprimidor, nem liureyro algum, nem outra pessoa de qualquer qualidade que seja, não possa imprimir, nẽ vender em todos estes Reynos & Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles os ditos liuros, senam aquelles liureyros, & pessoas que para isso tiuerem licença do dito Estevão Lopez. E qualquer imprimidor, liureyro, ou pessoa que durãdo os ditos dez annos, imprimir, ou vender os ditos liuros de varias Rimas, & o das luziadas de Luis de Camões, nos ditos Reynos, & Senhorios, ou os trouxer de fora delles sem licẽça do dito Estevão Lopez, perderá para elle todos os volumes que assi imprimir, vender, ou de fora trouxer: & além disso encorrerá em pena de vinte cruzados, a metade para minha Camara, & a outra a metade para quem o acusar. E mando a todas minhas justiças, officiaes, a que o conhecimento disto pertencer, que lhe cumprão, guardem, & façam inteiramente cumprir, & guardar este aluara, como se nelle contem: o qual me praz que valha, & tenha força & vigor, posto q̃ o effeito delle aja de durar mais de hũ anno, sem embargo da Ordenação do segundo liuro, titulo vinte, que o contrario dispoem. Belchior Pinto o fez em Lisboa a trinta de Dezembro, de mil & quinhentos, & nouenta & cinco. Iohão da Costa o fez escreuer.

REY.

¶ Ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho.

VAS razões, muito Illustre Senhor, me moueri a tirar a luz esta parte das obras do admirav Luys de Camões Principe dos Poëtas. A primey serem ellas taes, que merece o autor este nome segunda ter eu a v.m. por meu senhor, para me v ler de seu emparo nos casos a que se arrisca que sae a publico, & ambas me obrigam a offerecellas a v.m & pedirl que sofra arrimallas a seu nome Porque se me render louuor de bo juyzo a escolha que fiz de taõ alta poësia para a imprimir, quero f car de todo acreditado, na eleyção do padroeyro que tomo para defender. Quam alta, & quam excellente obra seja esta, bem posso e cusar de o encarecer, pois a ponho no theatro do mũdo, ha mais pur & emendada impressam que pude auer. Nella está retratado, antes r uo aquelle admirauel engenho, de quẽ affirmo q̃ se viuera pudera fa zer immortal o nome Portuguez, & ainda das feridas de nossas cala midades, em que tantos falsos escrittores taõ pesadamente nos ma goarão, soubera tirar louuores, & trõpheos. Não posso declarar com espanta a agudeza de seus conceitos, como obriga a propriedade da palauras, como enleua o encarecimento das razões. Que alteza tem de sentẽças, que metaphoras, que hiperboles, que figuras tã Poëticas! Admirauel he a grauidade dos Sonetos, a graça das Odes, & Cãçoes a malencolia tam musica, das Elegias, a brandura tam namorada das Eglogas. Que d'rey da policia & facilidade do verso? da elegãcia dos termos da riqueza da lingoa? Por hũa parte me parece que tira a todo homẽ a esperança de ser Poëta: por outra toda a disculpa aos que vão mendigãdo lingoajes estrangeiras para compor nellas, & ta chão a nossa de esteril: defeito seu, mais q̃ culpa della. Apontei estas cousas, que v.m. não ignora, porque quero que entenda que sei co nhecer o preço do que dou. Por onde me hei por muy obrigado a mi nha ventura, por me apresentar occasião, em que desejando muito seruir a v. m. quasi igualei a vontade com a obra. Mas tambem con fesso que lhe não deuerei nunca poderme dar cousa que iguale ao merecimento de v.m. Em cujos louuores não quero entrar, porque vejo diante o mar Oceano muito mais largo, & estendido do que na verdade he. Baste que se fiz algum seruiço a v. m. com as poesias de Camões, muito mayor o fiz a elle, em as entregar a v. m. de quẽ se sabe q̃ em dotes de animo, he mayor q̃ todos seus iguaes, & nas do

corpo

corpo igual a todos os máyores do mundo. Porque quánto á isto que menos importa a casa dos Coutinhos he hũa das muy poucas, que começarão com o Reyno em Portugal, & com ella permanescerão. Mas que digo começarão? No mesmo tempo do primeiro Rey Afonso consta per escripturas antiguas, que auia Coutinhos, que erão conquistadores per si. Para o que era necessario terem a sangue illustre para obrigar o pouo, & riqueza para o pagar: que sam os dous esteos que conseruão a nobreza. De como se continuou por estes quatrocentos annos por virtude propria, mais que fauor alheo dão testemunho todos os lugares, em que Portugueses fizerão feitos de valor, semeados de ossos de Coutinhos. E como a virtude per si mesmo sem outra valia se sustenta, deu a este Reyno doze, & mais casas, q̃ oje cõ esplendor illustre se continuan liberaes de valerosos peitos para a guerra, & não a varas de perfundos juyzios para a administração da paz. Entre estas deu dous Condados, dos quaes, & do mais antigo & verdadeyro desta familia (inda que oje extincto por se iuntar com a casa Real, pello casamento do Iffante dom Fernando, yrmão del Rey dom Ioão o terceyro, com a senhora dona Guimar, vltima possuydora delle) he v.m decendente per linha legitima masculina. Quanto as partes do animo de que Deos dotou a v. m. bom indicio nos deu v.m. dellas na sua empresa da olyueyra, que tanto tẽpo ha que vsa em suas armas. Porque esta he aquella que engeitou o Reinado das outras aruores, que dignamente lhe offereciam. E esta he aquella que he Symbolo da paz, & brádura cortezá de que v.m. he dotado. Esta he a aruore de Pallas, que mestura cõ as armas todas as boas sciencias & disciplinas com tal conserto, que reciprocamente se communicão admiraũel lustre, como as vemos em v. m. na letra, MIHI TAXVS. Estou contemplando o queixume geral dos grandes entendimentos, que sentencioſamente se descobre nella: os quaes hũa vez por nam serem conhecidos daquelles a quem elles faltão, & outra por serem dos mesmos enuejados nunca alcanção o que merescem. De maneira que o saber pella Olyueira, significando, que lhes ouuera de ser occasião de sobirem a grandes estados, lhes causa effeitos de cõtradição & odio, entendidos no veneno do texo Outras muitas applicações se podem descubrir nesta empreza, assi ao sentido moral, como ao namorado, que todos me dão certos penhores do profundo juyzo de v.m. das quaes ná trato, pellas não danar cõ a pobreza de meu estillo, & por deixar que especular aos bós engenhos. E bẽ mostra v. m. nellas as partes excellentes de seu animo, de que não direy mais, porq̃ sey q̃ não bastão liuros inteiros, quãto mais prologo curto

Más cõmo não ey de exalçar atè o ceo a magnifica & muj heroicá obra que v.m. fez em dar sepultura honrada aos ossos deste admirauel varão, que pobre & plebeiamente jazião no Mosteiro de santa Anna. Tomou v.m. â sua conta a obrigação cõmua, não deste Reino soo, mas de toda Espànha: & assi recolheo para si toda a gloria que a toda esta prouincia viera, se para tão deuida obra se ajuntara. Bastânte razão era esta para suas Poesias serem dedicadas ao nome de v.m. & não conhecerem outro. Aceiteas v.m. defendaas, honreas, que se v.m. o fizer entre os estrangeiros, elle lhe pagara com honrar seu nome entre os estrangeiros & naturaes. Porque a verdadeira patria dos altos engenhos, não he o lugar que conhecem por nascimento, he sô o entendimento claro & perfeito, que sabe estimar as cousas grandes, & leuantadas. E assi o amparo que v.m. lhe der entre juizos pobres que o perseguem, como estrangeiro, pagarâ com fazer enuejado o nome de v.m. entre os ricos & excellentes que o estimão como natural. E bem he razão, que pois elle por meo de v.m. começa oje a viuer noua vida per gloria de seus escrittos, fique a memoria de v.m. pello seu, liure das leis da morte & do esquecimento, cõforme â antiga & bem prouada profecia Poetica. Por maneira, que se v.m. lhe for Achilles entre aquelles, seja elle para v.m. Homero entre hũs & outros. Nosso Senhor a muito illustre pessoa de v.m. guarde, vida & calâ accrescente como pode. De Lisboa. 27. de Feuereiro de 95.

Beija as maõs a v.m.

Esteuão Lopez.

IN LAVDEM LODOVICI Camonij Principis Poëtarũ.

Emanuelis Souſæ Coutigni Epigramma.

Quod Maro ſublimi, quod ſuaui Pindarus, alto
Quod Sophocles, triſti Naſo quod ore canit.
Mœſtitiam, caſus, horrentia prælia, amores,
Iuncta ſimul, cantu ſed grauiore damus.
Quis nam author? Camonius. Vnde hic? Protulit illum
Lyſia in Eoas imperioſa plagas.
Vnus tanta dedit? Dedit, & maiora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Vltimus hic choreis Muſarum præfuit, illo
Plenior Aonidũm eſt, nobiliorq́; chorus.
Flos veteris, virtusq́; nouæ fuit ille Camænæ,
Debita iure ſibi ſceptra poëſis habet.
In Luſitanos Heliconis culmina tractus
Tranſtulit, antra, Lyras, ſerta, fluenta, Deas.
Currere Caſtalios noſtra de rupe liquores,
Iuſſit ab inuito prata virere ſolo.
Cerne per incultos Tempe meliora receſſus,
Cerne ſatas ſterili ceſpite veris opes.
Omnibus Occidui tibi rident floribus horti:

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Non ego iam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes,
Traxit et ab Stygio squallida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes,
Pieridûmq; trahis, cælitûumq; choros.
Sunt maiora tuæ Orphœis miracula vocis.
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

ALIVD EIVSDEM.

Ad Dominum Gondisaluum Coutignum.

Nominibus gentis, donis, Coutigne, Mineruæ,
Nobilitatis honos, Pieridûmq; decus.
Victa sita in tenebris Camonij Musa iacebat,
Quo nihil in toto grandius orbe sonat.
Per te squallentem cultum deponit, et audet
Obsita Lysiacæ plectra ferire Lyræ.
Ac velut Orphœo renocasti munere amicum,
Orphœus existet nominis ille tui.
Sic vos alterno viuetis munere, et Orpheus
Alter erit Musæ, nominis alter erit.

DE LVIS FRANCO,
SONETO.

SOpra la polue, & l'oßa regnar morte
Potrà, & ne i mortali hauer l'impero,
Et ſepellir il nome al nuouo Homero,
Et negarli il ſepolchro l'empia ſorte.
Però la fama del morir piu forte
Lo reſe chiaro al'vno, e altro Hemiſphero,
V'regna Phebo, e oue il popol piu fiero
Habita Hircania, Scythia, & Caſpie porte.
Di Gonzallo mercê gentil Coutigno,
Per Muſe illuſtre, & arme, & aui Illuſtri.
Ch' al Camões nella morte fu Mecena.
Per cui Phenice egli rinaſce, e vn cigno,
Per cui viurà nel mondo mille luſtri
La ſua dolce, & altißona camena.

Diogo Bernardes, em louuor de Luys de Camoes.

Soneto.

Quem louuará Camões qu' elle não seja?
Quem não vè que cansa em vão engenho, & arte?
Elle se louua a si soo, em toda parte,
E toda parte, elle soo enche d'inueja.
Quem iuntos n'hum sprito ver deseja
Quantos dões, entre mil Phebo reparte
(Quer elle de amor cante, quer de Marte,)
Por mais não desejar, elle soo veja.
Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez, com elle soo, ser encolhida,
Em premio d'estender della a memoria.
Mas se lhe foy fortuna escassa em vida
Não lhe pode tirar despois da morte
Hum rico emparo de sua fama & gloria.

AO AVTOR,
De Diego Taborda Leitão,

SONETO.

SPirito, que ao Empyreo cèo voaſte,
Das Muſas cà na terra tão chorado,
Quanto milhor terás ja la cantado,
Do muito que taõ bem nos cà cantaſte?
Partiſtete de nòs, sòs nos deixaſte,
A ſer la doutro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que cà com teus verſos tanto honraſte.
Lâ Hymnos, Odes, cantos mais ſuaues
Pôdes cantar na Angelica Hierarchia,
Ondè eſſa voz de ciſne mais ſe apurã.
Nem te podem faltar materias graues,
Em que occupes melhor a fantaſia,
Qu'emfim a de cà paſſa, o de là dura.

COMO Este liuro há de vir a maõs de muitos. E não he possiuel em todos ser igoal a noticia das cousas, que se requerem para entendimento delle, não pareceo pouco acertado aduertir brevemente algũas, assi sobre o titulo & diuisaõ da obra, como tambem sobre o autor della: & começando pello titulo, esta palaura Rhythimas, (que os Italianos, & Franceses pronunciaõ sem aspirações) descende de ῥυθμὸς, vocabulo Grego, q̃ quer dizer numero, ou armonia, como declara Diomedes grãmatico, & Nicolao Peroto na Cornucopia no Comento do 4. Epygráma. E em ambas as significações conuem propriamente ao verso de medida Italiana, porque a armonia consiste em certo numero de syllabas, mas tambem na armonia da mida dos accentos & consoantes, como proua Benedetto Varchi no Dialogo Herculano, na pregunta 9. Nem isto recebe duuida por que geralmẽte o corpo de toda a sorte de poëma se forma de numero, & armonia, donde naseeo chamarlhe Polsidonio Stoico, dicção numerosa, que consta de medida certa, como refere Laertio na vida de Zenão: Em tanto que sendo Socrates auisado por hum oraculo, sequeria alcançar a bemauenturança applicasse o animo à musica, entendeo que satisfazia ao intento daquelle auiso em se empregar todo em fazer versos por ser a armonia & numeros delles parte da mesma musica, como cõta Cælio Calcagnino na oração que fez em louuor das artes. Donde tambem procedeo a ethymologia deste neme, Poeta, que conforme a opinião de Eustathio seguida por Rhodagino no lib. 4. cap. 4. se deriua de ποιῶ, que significa ἐμμέλγω, que quer dizer cantar, & o mesmo nome de Musa significa canto como afirma o mesmo Nicolao Perotto sobre o 5. Epygrama, & por isso Dante chamou a poesia, ficção, Rhetorica posta em musica. E que o titulo de Rhythmas, conuenha à toda esta obra, mostrase tambem claramente por hum discurso que faz o Cardeal Petro Bembo no liuro 2. das Prosas, onde diz que as Rhythmas, ou Rimas (como elle screue) saõ de tres maneiras, porque ou saõ reguladas, ou liures: ou parte liures, parte reguladas. Reguladas se chamaõ aquellas que vão sempre atadas a hũa mesma regra, como saõ os Tercettos, de que se crẽ ser inuentor Dante, porque antes delle se não achão feitos por outrem. E assi as oitauas

que

que inuentarão os Sicilianos fazendoas de dous consoantes atè o cabo, & despois foraõ reduzidas a melhor forma pellos Thoscanos, acrescentandolhe terceyro consoante nos dous versos vltimos: & as Seistinas, que forão inuenção dos Prouensais, especialmente de Arnaldo Danielo. Rimas liures saõ aquellas que não guardam regra algũa, nem no numero dos versos, nem na correspondencia dos cõsoantes, como sam os Madrigais, deriuados de Mádra, palaura Thoscana, por ser cõposição villanesca, a que respondem os nossos villácetes. Rimas parte liures, parte reguladas saõ as que em algũas cousas vão soggeitas a regra, & noutras saõ isentas della: como sam os Sonettos, & Canções, porque os Sonettos ainda que no numero dos versos, & disposição delles, teem obrigação de seguir sempre hũa mesma regra: com tudo na correspondencia dos consoantes, não tẽ obrigação certa, como mostra Ringifo na sua arte poëtica no cap. 43. seguindo todauia a obseruação que com muito engenho & juizo aduertio Torquato Tasso no seu dialogo da poësia toscana. E as canções tem á mesma natureza, como apponta o mesmo Ringifo no cap. 59. & nos siguintes. E cõ isto temos satisfeito ao titulo.

Seguese adiuisaõ da obra, que vai repartida em cinco partes, porque o numero quinquennario pertence particularmente à obras de poësia, & eloquencia, o que se vè clàramente porque conforme a doutrina dos Platonicos era dedicado à Mercurio, & aos outros Deoses que no seu rito gentilico erão padroeiros das artes, como screue Rhodagino, lib. 12. c. 10. & a Mercurio tinhão elles por diuindade da eloquencia, & por isso lhe consagrauão as língoas, como refere Vincencio Cartario no liuro das imageẽs dos deoses, sobre a imagẽ de Mercurio: & sendo assi da eloquencia, ficaua tambem sendo da poesia pella la- nça que ambas entresi teem cõforme a definição de Dáte, & Posidonio. E por isso a quinta letra do alphabeto Grego era dedicada à Apollo, como screue Guillelmo Onciaco no liuro dos lugares numerais cap. 5. & as Musas posto que seiaõ nouesò à cinco dellas tocaua o ministerio da poesia, porque â Clio se attribuia o soggeito della presidindo à historia: à Polihymnia o ornamento da lingoagẽ: á Calliope o verso Heroico: a Melpomene o Tragico: á Thalia o Comico conforme ao Epygrãma vulgar que anda entre os de Virgilio. Seguindo pois esta diuisaõ se deu a primeira parte aos sonetos por ser composição de mais merecimento, por causa das dificúldades della assi em não admittir nenhũa palaura ociosa nẽ de pouca eficacia,

efficacia como em auer de cerrar toda a matéria delle dentro no limite de quatorze versos, fechando o vltimo terçetto de maneira, que não fique ao entendimento desejo de passar auante, cousa em q̃ muitos poëtas, que andaõ nas asas da fama, teueraõ pouca felicidade. A segunda parte se deu às Canções, & Odes, que respondem aos versos Lyricos, como mostra Fernando de Herrera, no seu doctissimo Cõmento sobre a 1. Cançaõ de Garcilasso. A terceira, a Elegias, & Oitauas, de que naõ achamos que vsasse Petrarcha, mas de ambas estas composições vsou felicemente Arioſto, & por ventura que soube melhor imitar na graça & perfeiçaõ do verso Elegiaco à Tibullo, & Propertio, que laõ os Principes deste genero, que na maiestade do Heroico à Virgilio. A quarta a Eglogas, por ser specie de composiçaõ, em q̃ se requere menos sufficiencia, & nelle deixando Theocrito, & Virgilio, teue particular excellencia Sannazaro, como nas Piscatorias Bernardino Rota. A quinta & vltima parte se deu as grosas & voltas, & outras composições de verso pequeno, que saõ proprias da nossa Hespanha, em que Gregorio Syluestre se aventajou notauelmente entre todos os Hespanhoes, & teuera o primeiro lugar, se Luis de Camões lho naõ ganhara, assi na agudeza dos conceitos, & propriedade das palauras, como na habilidade de metter regras impossiueis, q̃ mostrou muito mais nas outras rimas, como logo diremos. E cõtinuando com elle (que he a terceira parte deste prologo) he euidẽte temeridade querer louuallo, porq̃ ainda que os outros poetas fossem particularmente abalisados em algũa perfeiçaõ special, todauia à hũs faltou a natureza, q̃ lhes fezesse facil a contextura do verso, laurandoo cõ tanta aspereza & difficuldade, que parece q̃ estaõ alli as palauras violentadas, & os cõceitos encerrados nellas per força, & assi carecem da suauidade em que consiste a mesma poesia, conforme a doutrina de Fracastorio, no seu Dialogo, intitulado Naugerio, tirada de Horacio & Quintiliano. Outros q̃ alcançaraõ ter mais natureza, ou por acertarem de ser pouco felices na eleiçaõ das palauras: ou por naõ terem cabedal com que atauiar a oraçaõ, assi da lindeza da lingoagem, como de tropos & figuras, sem as quais Cicero nem Virgilio nunqua falaraõ, vsaõ de hũs termos taõ humildes & vulgares, como se a natureza da poesia naõ consistira em ser leuantada do vso commum de falar, conforme a opiniaõ de Plutarcho, no seu trattado da Poetica, & de Rhodagino, no cap. 4. do lib. 4. Outros que se melhoraõ mais na lingoagem, naõ teem

nenhũa

nenhũa erudiçaõ com que illustrem suas obras, sendo verdade como diz Rhodagino, no cap. 2. do mesmo liuro, que só aquelles se chamaõ poetas legitimos, que mostraraõ noticia de diuersas sciencias em suas obras, como Orpheo, Homero, Virgilio, & Pyndaro. E pello contrario Luis de Camões está tão afastado de todos estes defeitos, que juntamente vemos nelle natureza promptissima para declarar seus pensamentos, accompanhada de hũa facilidade natural, que enche os seus versos de suauidade, & com ella hũa lingoagem taõ pura, & ornada de todos os lumes da elocuçaõ, & taõ riqua de conceitos, & diuersas joyas de todas as sciencias, que parece que nelle sô ajuntou a arte & a natureza tudo o que conuinha para subir ao mais alto da Poesia. E com ser excellente em toda a sorte de Rhythmas, & em especial no verso pequeno, como ja dissemos, muito mais o foi nas Canções, onde guardou de maneira todas as leis dellas, que nenhũa enueja pode ter à Petrarcha, Bembo, & Garcilasso, que neste genero saõ os mais louuados: & o mesmo lugar teem na na mayor parte dos Sonettos, & o teuera em todos, se algũs que aqui vaõ impressos por seus naõ foraõ feitos sem cuidado, á importunaçaõ de amigos, onde acontece muitas vezes acudir mais à pressa com que os pedem, que à obrigaçaõ de os limar, & despois sem vontade do author se publicaõ por seus, & outros à volta disso que o naõ saõ, como aqui aconteceo no Sonetto 19. que despois do impresso se soube que naõ era seu. Tratar do stylo Heroico naõ he deste lugar, porque quem commentar a sua Lusiada, terá esse cuidado: mas o que com razaõ se pode affirmar, he que cumprio nella tanto à risca as obrigações do poema Epico, que se naõ parecera arrogancia, poderamos darlhe assẽto muito perto de Virgilio. Porque na grandeza, grauidade, & armonia das palauras, na traça & discurso da obra, na alteza do soggeito seguio em tudo as pisadas de Virgilio: & nas ficções allegoricas (sem as quais naõ pode auer nenhum poema heroico conforme á opinião de Aristoteles, referida por Rhodagino no mesmo lib. 4. c. 4. E ao que escreue Plutarcho no lugar acima allegado, reprendendo á Empedocles, Parminedes, Nicandro, & Theognides, por vsurparem o nome de Poetas, sô com versos riquos de doutrina, mas desacompanhados de ficções) mostrou taõ admirauel engenho, que quasi se igualou a Homero, & ouxalà pudera humilhar a grandeza delle em algũas das Eglogas, cõformandose mais com o stylo Bucolico.

E posto

E posto que não faltão murmuradores q̃ calũniarão suas obras, não escurece isso o merecimento dellas, porque tambem Virgilio & Homero passarão por este trance, que he natural à todos os ingenhos raros: em tanto que soo de erros de Virgilio compos Carbilio Grãmatico hum liuro inteiro, & Cesar Caligula ousou affirmar, que nenhũa habilidade, nem erudição tiuera, & esteue determinado para mandar metter no fogo suas obras & retrattos que auia en algumas liurarias, como conta Suetonio Tranquillo, & Petro Crinito no li. 3. dos poetas latinos. E com isto não resta mais que lembrar, que os erros que ouuer nesta impressão, não passarão por alto à quem aiudou a compilar este liuro, mas achouse que era menos inconueniente irem assi como se acharão per cõferencia de algũs liuros de mão, onde estas obras andauaõ espedaçadas, que naõ violar as composições alheas, sem certeza euidente de ser a emẽda verdadeira, porque sempre aos bõos entendimentos fiqua reseruado julgarem que naõ saõ erros do author, senaõ vicio do tempo, & inaduertencia de quẽ as trasladou. E seguiose nisto o parecer de Augusto Cæsar, que na comissão que deu a Vario, & a Tucca para emmendar a Æneida de Virgilio, lhe defendeo expressamente que nenhũa cousa mudassem, nem acrescentassem, porque em effeito he confundir a substancia dos versos & conceitos do author com as palauras & inuenção de quem emmenda, sem fiquar ao diante certeza se o que se lee he proprio se emmendado. E por isso se não bolio em mais que soo nisto que claramente constou seruicio de pena, & o mais vai assi como se achou scritto, & muito differente do que ouuera de ir se Luis de Camões em sua vida o dera à impressão: mas assi debaixo destas afrontas, que o tempo, & ignorancia lhe fezeraõ, resplandesce tanto a luz de seus merecimentos que basta para neste genero de poesia naõ auermos enueja á nenhũa naçaõ estrangeira.

RITHMAS
De Luis de Camões, repartidas em cinco partes.

Parte primeira dos Sonetos.

EM quanto quis fortuna que tiuesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suaue pensamento
Me fez que seus effeitos escreuesse.
Porem temendo amor que auiso desse
Minha escriptura a algum juyzo isento,
Escureceom' o engenho co tormento,
Pera que seus enganos não disesse.
Ó vos que amor obriga a ser sogeitos
A diuersas vontades, quando lerdes
Num breue liuro casos tão diuersos,
Verdades puras saõ, & não defeitos:
E sabey que segund' o amor tiuerdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

SONETO. II.

EV cantarei de amor tão docemente,
Por hũs termos em si tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça sentir ao peito que não sente.
Farei que amor a todos abranda,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, sospiros namorados,
Temerosa ousadia, & pena ausente.
Tambem senhora do desprezo honesto
De vossa vista branda & rigurosa,
Contentarm'hei dizendo a menos parte.
Porem pera cantar de vosso gesto
A composiçam alta & milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, & arte.

SONETO. III.

Tanto de meu estado m' acho incerto,
Qu' em viuo ardor tremendo estou de frio,
Sem causa juntamente choro, & rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto.
He tudo quanto sinto, hum desconcerto:
D'alma hum fogo me sae, da vista hum rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora desuario, agora acerto.
Estando em terra, chego ao Ceo voando,
Num'hora acho mil annos, & he de geito
Qu'em mil annos não posso achar hum'hora,
Se me pregunta alguem porque assi ando,
Respondo que não sey: porem sospeito
Que soo porque vos vi, minha senhora.

SONETO.

TRansformase o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar,
Não tenho logo mais que desejar,
Pois em mi tenho a parte desejada.
Se nella está minh'alma transformada.
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente pode descansar,
Pois comsigo tal alma está liada.
Mas esta linda & pura semidea
Que como hum accidente em seu sogeito,
Assi coa alma minha se conforma;
Está no pensamento como idea
O viuo & puro amor de que sou feito,
Como a materia simplez busca a forma.

SONETO.

PAsso por meus trabalhos tão isento
De sentimento, grande nem pequeno,
Que só polla vontade com que peno
Me fica amor deuendo mais tormento.
Mas vayme amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não mo consente o soffrimento.
Porem se esta fineza o amor sente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Tornáme comprazer como ao sol neue.
Mas se me vê cos males tão contente,
Faz se auaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deue.

SONETO. VI.

EM flor vos arrancou de entao crescida
(Ah senhor dom Antonio) a dura sorte,
Donde fazendo andaua o braço forte
A fama dos antigos esquecida;
Hũa sò razão tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo auia honrada morte
Que não podieis tér mais larga a vida.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte;
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste, & longo canto
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes viuireis.

SONETO VII.

N'hum jardim adornado de verdura,
A que esmaltão por cima varias flores,
Entrou hum dia a Deosa dos amores,
Com a Deosa da caça, & da espessura:
Diana tomou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lirio dos melhores;
Mas excedião muito ás outras flores
As violas, na graça, & fermosura.
Preguntão a Cupido que alli estaua
Qual daquellas tres flores tomaria,
Por mais suaue, pura, & mais fermosa?
Sorrindose o menino lhe tornaua,
Todas fermosas saõ, mas eu queria,
Viol' antes que lirio, nem que rosa.

SONETO. VIII.

TOdo o animal da calma repousaua,
Só Liso o ardor della não sentia,
Que o repouso do fogo em que ardia
Consistia na Nympha que buscaua.
Os montes parecia que abalaua
O triste som das magoas que dezia;
Mas nada o duro peito commouia,
Que na vontade d'outrem posto estaua.
Cansado ja de andar pola espessura,
No tronco d'hũa faya por lembrança
Escreueo estas palauras de tristeza;
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Somente em ser mudauel tem firmeza.

SONETO IX.

BVsque amor nouas artes, nouo engenho
Para mattarme, & nouas esquiuanças,
Que não pode tirarme as esperanças,
Que mal me tirarà o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças;
Que não temo contrastes, nem mudanças
Andando em brauo mar perdido o lenho.
Mas com quanto não pode auer desgosto
Onde esperança falta, la m'esconde
Amor hum mal, que matta, & não se vè:
Que dias ha que n'alma me tem posto
Hum não sey que, que nasce não sey onde,
Vem não sey como, & doe não sey porque.

SONETO X.

QVem vé senhora claro & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Se não perder a vista sò em vellos,
Ia não paga o que deue a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de ventagem merecellos
Dei mais a vida & alma por querellos
Donde ja me não fica mais de resto.
Assi que a vida, & alma, & esperança
E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
E o proueito disso eu sò o leuo:
Porqu'he tamanha bemauenturança
O daruos quanto tenho, & quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos deuo.

SONETO XI.

QVando da bella vista, & doce riso,
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enleuado sinto o pensamento
Que me faz ver na terra o parayso.
Tanto do bem humano estou diuiso,
Que qualquer outro bem, julgo por vento
Assi que em caso tal segundo sento
Assaz de pouco faz quem perde o siso.
Em vos louuar senhora não me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente
Sentirá, que não pode merecellas;
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he d'estranhar dama excellente
Que quem vos fez, fizesse ceo & estrellas.

SONETO XXII.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou fortuna roubadora,
Deixaime repousar em paz hũa ora,
Que cómigo ganhais pouca vittoria.
Impressa tenho n'alma larga historia
Deste passado bem que nunca fora,
Ou fora,& não passara,mas ja agora
Em mĩ não pòde auer mais que a memoria.
Viuo em lembranças, mouro d'esquecido
De quem sempre deuera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente:
ô quem tornar podèra a ser nascido,
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO. XIII.

ALma minha gentil,que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa la no ceo eternamente,
E viua eu cá na terra sempre triste;
Se la no assento Ethereo,onde subiste
Memória desta vida se consente,
Não te esqueça daquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merecerte
Algũa cousa a dor que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte,
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo dè cá me leue a verte,
Quam cedo de meus olhos te leuou.

SONETO. XIIII.

N'hum bosque que das Nymphas se habitaua
Syluia Nympha linda andaua hum dia,
Subida n'hũa aruore sombria,
As amarellas flores apanhaua.
Cupido que alli sempre costumaua
A vir passar a sesta á sombra fria.
N'hum ramo o arco & settas que trazia,
Antes que adormecesse penduraua.
A Nympha com idoneo tempo vira,
Para tamanha impresa não dilata,
Mas cõ as armas foge ao moço esquiuo.
As settas traz nos olhos, com que tira:
ò pastores fugi, que a todos matta,
Senão a mĩ, que de matar me viuo.

SONETO XV.

OS Reinos, & os imperios poderosos
Que em grãdeza no mundo mais crescerão
Ou por valor de esforço florecerão,
Ou por varões nas letras espantosos.
Teue Grecia Themistocles, famosos
Os Scipiões a Roma engrandescerão,
Doze Pares a França gloria derão,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tão differente de seu ser primeiro)
Os vossos derão honra & liberdade.
E em vos grã successor, & nouo herdeiro
Do Bragança estado, ha mil estremos
Iguaes ao sangue, & mòres que a idade.

Soneto.

SONETO XVI.

DE vos me aparto (ò vida) em tal mudança;
Sinto viuo da morte o sentimento,
Não sei pera que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança?
Mas douuos esta firme segurança,
Que posto que me matte meu tormento,
Pellas agoas do eterno esquecimento
Segura passarà minha lembrança.
Antes sem vos meus olhos se entristeção,
Que com qualquer couſ' outra se contentẽ,
Antes os esqueçaes, que vos esqueção.
Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereção
A gloria que em soffrer tal pena sentem.

SONETO.

CHara minha enemiga, em cuja mão
Pos meus contentamentos a ventura,
Faltoute ati na terra sepultura,
Porque me falte a mĩ consolação.
Eternamente as agoas lograrão
A tua peregrina fermosura,
Mas em quanto me a mĩ a vida dura,
Sempre viua em minh'alma te acharão;
E se meus rudos versos podem tanto,
Que possaõ prometerte longa historia
D'aquelle amor tão puro, & verdadeiro.
Celebrada seras sempr em meu canto,
Porque em quãto no mũdo ouuer memoria,
Sera minha escrittura teu letreiro.

Soneto.

SONETO XVIII.

AQuella triſte & leda madrugada,
Chea toda de magoa,& de piedade,
Em quanto ouuer no mundo ſaudade
Quero que ſeja ſempre celebrada.
Ella ſò, quando amena & marchetada
Saîa,dando ao mundo claridade,
Vio apartarſe d'hũa outra vontade,
Que nunca poderà verſe apartada.
Ella ſò vio as lagrimas em fio,
Que d'hũs & d'outros olhos diriuadas
S'accreſcẽtarão em grande & largo rio.
Ella vio as palauras magoadas,
Que podèrão tornar o fogo frio,
E dar deſcanſo ás almas condenadas.

SONETO XIX.

ESpanta creſcer tanto o Crocodilo,
Sò por ſeu acanhado naſcimento,
Que ſe mayor naſcera,mais iſento
Eſtiuera d'eſpanto o patrio Nilo;
Em vão leuantarâ meu baixo eſtyllo
Voſſo Pontifical nouo ornamento,
Pois no ventre o immortal mereſcimento
Volo talhou,pera deſpois veſtillo.
Tardou,mas veo:que â quem mais mereſce
Muito mais tarde vir o premio he certo,
E ſempre tarda,inda que venha cedo.
Os ceos que do primeiro eſtão mais perto,
Mais de vagar ſe mouem; quem ſoubeſſe
Tras daquelle ſegredo eſte ſegredo!

Soneto.

SONETO XX.

SE quando vos perdi minha esperança
A memoria perdera juntamente,
Do doce bem passado, & mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança.
Mas amor em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledo & contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que não auia final,
Por as ter postas ja em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido;
Ah dura estrella minha! ah gran tormento!
Que mal pode ser mòr, que no meu mal
Ter lembrança do bem qu'he ja perdido?

SONETO XXI.

EM fermosa Lethea se confia,
Por onde vaydade tanta alcança,
Que tornada em soberba a confiança
Com os Deoses celestes competia.
Porque não fosse auante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puserão a vingança,
Que tamanha doudice merescia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Não lhe soffrendo amor que supportasse
Castigo duro tanta fermosura,
Quis padecer em si a pena alhea,
Mas porque a morte amor não apartasse,
Ambos tornados saõ em pedra dura.

SONETO. XXII

MAles que contra mi vos conjuraſtes,
Quanto ha de durar tão duro intento?
Se dura porque dura meu tormento,
Baſteuos quanto ja me atormentaſtes.
Mas ſe aſsi perſiaes, porque cudaſtes
Derrubar meu tão alto penſamento?
Mais pòde a cauſa delle, em q̃ o ſuſtento
Que vos, q̃ della meſma o ſer tomaſtes.
Epois voſſa tenção com minha morte
Ha de acabar o mal deſtes amores,
Dai ja fim a hum tormento tão cõprido.
Porque dambos contentes ſeja a ſorte,
Vos porque me acabaſtes, vencedores,
E eu porque acabei, de vos vencido.

SONETO. XXIII

EStaſe a Primauera trasladando
Em voſſa viſta deleitoſa, & honeſta,
Nas lindas faces, olhos, boca, & teſta,
Boninas, lyrios, roſas debuxando.
De ſorte voſſo geſto matizando
Natura quanto pode manifeſta,
Que o monte, o cãpo, o rio, & a floreſta,
Se eſtão de vos ſenhora namorando.
Se agora não quereis que quem vos ama
Poſſa colher o fruito deſtas flores,
Perderão toda a graça voſſos olhos.
Porque pouco aproueita linda dama,
Que ſemeaſſe amor em vos amores,
Se voſſa condição produze abrolhos.

Soneto.

SONETO. XXIIII.

SEte annos de pastor Iacob seruia
Labão, pai de Rachel, serrana bella:
Mas não seruia ao pai, seruia a ella,
E a ella só por premio pretendia.
Os dias na esperança de hum só dia
Passaua, contentandose com vella:
Porem o pai vsando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe daua Lya.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tiuera merecida:
Começa de seruir outros set'annos,
Dizendo; Mais seruira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida.

SONETO. XXV.

EStá o lasciuo & doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida alegre, & brando,
Espedindo no rustico raminho.
O cruel caçador (que do caminho
Se vem calado & manso, desuiando)
Na pronta vista a seta endereitando,
Lhe dá no Stigio lago eterno ninho.
Dest'arte o coração, que liure andaua,
(Posto que ja de longe destinado)
Onde menos temia foi ferido.
Porque o frecheiro cego m'esperaua,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

SONETO. XXVI.

PEdeme o desejo(dama)que vos veja,
Não entende o que pede,está enganado,
He este amor tão fino,& tão delgado,
Que quem o tem naõ sabe o que deseja:
Não ha cousa a qual natural seja,
Que não queira perpetuo seu estado,
Não quer logo o desejo o desejado,
Porque naõ falte nunca onde sobeja.
Mas este puro affeito em mĩ se danna,
Que como a graue pedra tem por arte
O centro desejar da natureza.
Assi o pensamento(polla parte
Que vay tomar de mĩ terreste humana,)
Eoy senhora pedir esta bayxeza.

SONETO. XXVII.

POrque quereis senhora que offereça
A vida a tanto mal como padeço?
Se vos nasce do pouco que mereço
Bem por nascer està quem vos mereça.
Sabey que em fim por muito que vos peça,
Que posso merecer quanto vos peço,
Que nã cõsent' amor qu'em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.
Assi que a paga igual de minhas dores,
Com nada se restaura,mas deuesma,
Por ser capaz de tantos disfauores.
E se o valor de vossos seruidores
Ouuer de ser igual conuosco mesma,
Vos sò conuosco mesma andai d'amores.

Soneto.

SONETO.

SE tanta pena tenho merecida
Em pago de soffrer tantas durezas,
Prouay senhora em mĩ vossas cruezas,
Que aqui tendes hũa alma offerecida.
Nella exprimentay se sois seruida,
Desprezos, disfauores, & asperezas,
Que mòres soffrimentos, & firmezas
Softentarei na guerra desta vida.
Mas contra vossos olhos quaes serão?
Forçado he que tudo se lhe renda,
Mas porei por escudo o coração.
Porque em tão dura & aspera contenda,
He bem que pois não acho defensaõ,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO.

QVando o sol encuberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta & duvidosa,
Ao longo de hũa praya deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando,
Ali co a mão na face, tão fermosa,
Aqui falando alegre, ali cudosa,
Agora estando queda, agora andando.
Aqui esteue sentada, ali me vio,
Erguendo aquelles olhos tão isentos,
Aqui mouida hum pouco, ali segura;
Aqui se entristeceo, ali se rio,
Em fim nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vãa, que sempre dura.

Soneto.

SONETO.
XXX.

Hum mouer d'olhos brando & piadoso,
Sem ver de que, hũ riso brãdo, & honesto,
Quasi forçado hum doce, & humilde gesto,
De qualquer alegria duuidoso.
Hum despejo quieto, & vergonhoso,
Hum repouso grauissimo, & modesto,
Hũa pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, & gracioso:
Hum encolhido ousar, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
Hum longo, & obediente soffrimento,
Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, & o magico veneno
Que pode transformar meu pensamento.

SONETO XXXI.

TOmoume voſſa viſta ſoberana
Adonde tinha as armas mais â mão,
Por moſtrar que quem buſca defenſaõ
Contra eſſes bellos olhos, que ſ'engana,
Por ficar da vittoria mais vfana
Deixoume armar primeiro da razão:
Cuidei de me ſaluar, mas foi em vão,
Que contra o ceo não val defenſa humana.
Mas porem ſe vos tinha prometido
O voſſo alto deſtino eſta vittoria,
Seruos tudo bem pouco eſtà ſabido.
Que poſto que eſtiueſſe apercebido,
Não leuais de vencerme grande gloria,
Mayor a leuo eu de ſer vencido.

Soneto.

SONETO. XXXII.

NAõ paſſes caminhante: Quem me chama?
Hũa memoria noua, & nunca ouuida,
D'hum q̃ trocou finita & humana vida,
Por diuina, infinita, & clara fama.
Quem he, que tão gentil louuor derrama?
Quẽ derramar ſeu ſangue não duuida
Por ſeguir a bandeira eſclareſcida
D'hum capitão de Chriſto, que mais ama.
Ditoſo fim, ditoſo ſacrificio,
Que a Deos ſe fez, & ao mundo juntamẽte,
Apregoando direi tão alta ſorte.
Mais poderâs contar a toda a gente,
Que ſempre deu ſua vida claro indicio
De vir a merecer tão ſanta morte.

SONETO XXXIII.

FErmoſos olhos, que na idade noſſa
Moſtrais do ceo certiſsimos ſinais
Se quereis conhecer quanto poſſais,
Olhaime a mĩ, que ſou feitura voſſa,
Vereis que de viuer me deſapoſſa
Aquelle riſo com que a vida dais,
Vereis como de amor não quero maĩs,
Por mais que o tẽpo corra, & o dãno poſſa.
E ſe dentro neſt'alma ver quiſerdes
Como n'hum claro eſpelho, alli vereis
Tambem a voſſa angelica & ſerena:
Mas eu cuido que ſò por não me verdes
Veruos em mĩ ſenhora não quereis
Tanto goſto leuais de minha pena.

SONETO XXXIIII.

O Fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil qu'eu n'alma vejo,
Se acendeo d'outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remetendo com furor sobejo
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flãma que se atreue
Apagar seus ardores & tormentos,
Na vista de que o mundo tremer deue.
Namoraõse senhora os Elementos,
De vos, & queima o fogo aquella neue,
Que queima corações & pensamentos.

SONETO XXXV.

ALegres campos, verdes aruoredos,
Claras & frescas agoas de cristal,
Que em vos os debuxais ao natural,
Descorrendo da altura dos rochedos:
Siluestres montes, asperos penedos,
Compostos em concerto desigual,
Sabei que sem licença de meu mal
Ia não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois me ja não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem agoas que correndo alegres vem,
Semearei em vos lembranças tristes,
Regandovos com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

SONETO XXXVI.

Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seo,
Tantas vezes de hum aspero receo
Salteado Laurenio, a cor perdia.
Ella que a Syluio mais que a si queria,
Pera podello ver não tinha meo:
Ora como curâra o mal alheo
Quem o seu mal tão mal curar sabia?
Elle que vio tão clara esta verdade,
Com solluços dezia (que a espessura
Commouia de magoa, a piedade)
Como pode a desordem da Natura,
Fazer tão differentes na vontade
A quem fez tão conformes na ventura?

SONETO. XLIII.

O Como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como s'encurta, & como ao fim caminha,
Este meu breue & vão discurso humano!
Vay se gastando a idade, & cresce o danno,
Perde serue hum remedio, que inda tinha,
Se por experiencia se adeuinha,
Qualquer grãde esperança he grand'engano.
Corro apos este bem, que não se alcança,
No meo do caminho me falleſce,
Mil vezes cayo, & perco a confiança.
Quando ella foge, eu tardo, & na tardança
Se os olhos ergo a ver se inda pareſce,
Da vista se me perde, & da esperança.

Soneto.

SONETO XXXVIII.

O Cisne quando sente ser chegada
A hora que poem termo a sua vida,
Musica com voz alta,& mui subida
Leuanta pola praya inhabitada.
Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viuer a despedida,
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assi senhora minha quando via
O triste fim que dauão meus amores,
Estando posto ja no estremo fio,
Com mais suaue canto & armonia
Discantei pellos vossos disfauores
La vuestra falsa fè,y el amor mio.

SONETO XXXIX.

PEllos estremos raros que mostrou
Em saber Pallas, Venus em fermosa,
Diana em casta, Iuno em animosa,
Africa,Europa,& Asia,as adorou:
Aquelle saber grande que ajuntou
Espirito & corpo em liga generosa,
Esta mundana machina lustrosa,
De sò quatro Elementos fabricou.
Mas mòr milagre fez a natureza
Em vos senhoras,pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio
A vos seu resplandor deu Sol & Lua,
A vos com viua luz graça,& pureza,
Ar,fogo,terra,& agoa,vos seruio.

SONETO XXXXVI.

APollo, & as noue Musas, discantando
Com a dourada lyra, me influião
Na suaue armonia que fazião,
Quando tomei a pena começando;
Ditoso seja o dia & hora quando
Tão delicados olhos me ferião,
Ditosos os sentidos que sentião
Estarse em seu desejo traspassando.
Assi cantaua, quando amor virou
A roda, à esperança que corria,
Tão ligeira, que quasi era inuisiuel.
Conuerteuseme em noite o claro dia.
E se algũa esperança me ficou,
Sera de mayor mal, se for possiuel.

SONETO XXXXVII.

LEmbranças saudosas, se cudais
De me acabar a vida neste estado,
Não viuo com meu mal tão enganado,
Que não espere delle muito mais,
De muito longe ja me costumais,
A viuer d'algum bem desesperado,
Ia tenho coa fortuna concertado
De soffrer os trabalhos que me dais.
Atado ao remo tenho a paciencia,
Pera quantos desgostos der a vida,
Cuide em quanto quiser o pensamento.
Que pois não ahi outra resistencia,
Pera tão certa queda da caida,
Apararlhei debaixo o soffrimento.

SONETO. XXXXII.

SE algũa hora em vos a piedade
De tão longo tormento se sentira,
Não consentira amor que me partira
De vossos olhos, minha saudade.
Aparteime de vos, mas a vontade,
Que pello natural n'alma vos tira,
Me faz crer que esta ausencia he de mintira,
Mas inda mal porem porque he verdade.
Irm'ey senhora, & neste apartamento,
Tomarão tristes lagrimas vingança.
Nos olhos de quem fostes mantimento:
E assi darei vida a meu tormento,
Qu'emfim cà me achará minha lembrança,
Sepultado no vosso esquecimento.

SONETO. XXXIX.

Lindo & ſuttil trançado, que ficaſte
Em penhor do remedio que mereſço,
Se sò contigo vendote endoudeço,
Que fora cos cabellos que apertaſte?
Aquellas tranças d'ouro que ligaſte
Que os rayos do ſol tem em pouco preço,
Não ſei ſe para engano do que peço
Se para me atar, os deſataſte?
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por ſatisfação de minhas dores
Como quem não tem outra, ey de tomarte,
E ſe não for contente meu deſejo,
Dirlh'ei que neſta regra dos amores
Pello todo tambem ſe toma a parte.

SONETO XXXXIIII.

TEmpo he ja que minha confiança
Se deça de hũa falsa opinião,
Mas amor não se rege por razão;
Não posso perder logo a esperança:
A vida si; que hũa aspera mudança
Não deixa viuer tanto hum coração;
E eu na morte tenho a saluação?
Si: mas quem a deseja não a alcança.
Forçado he logo qu'eu espere & viua,
Ah dura lei de amor, que não consente
Quietação n'hũa alma qu'he cattiua.
Se hei de viuer em fim forçadamente
Pera que quero a gloria fugitiua,
D'hũa esperança vãa que me atormente?

SONETO XXXXV.

AMor, co a esperança ja perdida
Teu soberano templo visitei,
Por final do naufragio que passei
Em lugar dos vestidos pus a vida.
Que queres mais de mĩ, que destruida
Me tẽs a gloria toda que alcancei?
Não cuides de forçarme, que não sei
Tornar a entrar onde não ha saida.
Vês aqui alma, vida, & esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Em quanto quis aquella qu'eu adoro:
Nella podes tomar de mĩ vingança,
E s'inda não estás de mĩ vingado,
Contentate co as lagrimas que choro.

Soneto,

SONETO XXXX.

TOmaua Deliana por vingança
Da culpa do pastor que tanto amaua,
Casar com Gil vaqueiro,& em si vingaua
O erro alheo,& perfida esquiuança.
A descrição segura,a confiança,
As rosas que seu rosto debuxaua,
O descontentamento lhas secaua,
Que tudo muda hũa aspera mudança.
Gentil planta disposta em secca terra,
Lindo fruito de dura mão colhido,
Lembranças d'outro amor,& fè perjura,
Tornàrão verde prado em dura serra,
Interesse enganoso,amor fingido,
Fizerão desditosa a fermosura.

SONETO XXXXI.

GRam tempo ha ja que soube da ventura,
A vida que me tinha destinada,
Que a longa experiencia da passada
Me daua claro indicio da futura.
Amor fero,cruel,fortuna dura,
Bem tendes vossa força exprimentada,
Assolai,destrui,não fique nada,
Vingaiuos desta vida,qu'inda dura.
Soube amor da ventura que a não tinha,
E porque mais sentisse a falta della,
De imagẽs imposiueis me mantinha.
Mas vos senhora,pois que minha estrella
Não foi melhor,viuei nesta alma minha,
Que não tem a fortuna poder nella.

SONETO XXXXVIII.

A Partaua-se Nise de Montano,
Em cuja alma partindo-se ficaua,
Que o pastor na memoria a debuxaua,
Por poder sustentar-se deste engano.
Pellas prayas do Indico Occeano
Sobre o curuo cajado s'encostaua,
E os olhos pellas agoas alongaua,
Que pouco se doîaõ de seu danno.
Pois com tamanha magoa & saudade
(Dezia) quis deixar-me a em que adoro,
Por testemunhas tomo ceo & estrellas;
Mas se em vos ondas mora piedade,
Leuai tambem as lagrimas que choro,
Pois assi me leuais a causa dellas.

SONETO. XXXXIX.

QVando vejo que meu destino ordena
Que por me exprimentar de vos m'aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Que a mesma culpa fica graue pena:
O duro disfauor que me condenna
Quando pella memoria se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte
Que a dor da ausencia fica mais pequena.
Pois como pode ser que na mudança
Daquillo que mais quero estê tão fora
De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearei tão aspera esquiuança
Porque mais sentirei partir senhora
Sem sentir muito a pena da partida.

Soneto.

SONETO L.

DEpois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos sospiros vãos, vãmente dados.
Como não sois vos ja desenganados,
(Desejos) que de cousas esquecidas
Quereis remediar mortais feridas,
Qu'amor fez sẽ remedio, o tẽpo, os fados?
Se não tiuereis ja experiencia
Das semrazões d'amor a quem seruistes,
Fraqueza fora em vos a resistencia.
Mas pois por vosso mal seus males vistes;
Que tempo não curou, nem lõga ausencia,
Que bem delle esperais; desejos tristes?

SONETO LI.

NAyades, vos que os rios habitais
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando,
Outros que quasi aos vossos sam iguais:
Dryades, vos que as settas atirais,
Os fugitinos ceruos derrubando,
Outros olhos vereis que triumphando
Derrubão corações, que valem mais,
Deixai as aljauas logo, & as agoas frias,
E vinde Nymphas minhas, se quereis
Saber como de hũs olhos nascem magoas;
Vereis como se passaõ em vão os dias,
Mas não vireis em vão, que cà achareis
Nos seus as settas, & nos meus as agoas.

Soneto

SONETO. LIII.

MVdãose os tempos, mudãose as vontades,
Mudase o ser, mudase a confiança,
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre nouas qualidades.
Continuamente vemos nouidades,
Differentes em tudo da esperança,
Do mal ficão as magoas na lembrança,
E do bem (se algum ouue) as saudades.
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que ja cuberto foi de neue fria,
E emfim conuerte em choro o doce canto.
E a fora este mudarse cada dia.
Outra mudança faz de mòr espanto,
Que não se muda ja como soîa.

Soneto.

SONETO LIIII.

SE as penas com que amor tão mal me tratta
Quiſer que tanto tempo viua dellas
Que veja eſcuro o lume das eſtrellas,
Em cuja viſta o meu ſe acende & matta.
E ſe o tempo que tudo desbarata
Seccar as freſcas roſas ſem colhelas,
Moſtrando a linda cor das tranças bellas
Mudada de ouro fino em bella prata:
Vereis ſenhora então tambem mudado
O penſamento, & aſpereza voſſa,
Quando não ſirua ja ſua mudança:
Suſpirareis então pello paſſado,
Em tempo, quando executar ſe poſſa
Em voſſo arrepender minha vingança.

SONETO LV.

A sepultura del Rei dom Ioão Terceiro.

Q Vem jaz no grã sepulchro, que descreue
Tão illustres sinais no forte escudo?
Ninguem, que nisso em fim se torna tudo,
Mas foi quem tudo pode, & tudo teue.
Foi Rei: fez tudo quanto a Rei se deue,
Pos na guerra & nà paz deuido estudo,
Mas quão pesado foi ao Mouro rudo
Tanto lhe seja agora a terra leue.
Alexandre serâ? Ninguem se engane
Que sustentar, mais que adquirir se estima.
Sera Adriano grã senhor do mundo?
Mais obseruante foi da lei de cima.
He Numa? Numa não, mas he Ioanne,
De Portugal Terceiro, sem segundo.

SONETO. LVI.

QVem pode liure ser gentil senhora,
Vendovos com juyzo sossegado,
Se o minino que de olhos he priuado,
Nas mininas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli viue das gentes venerado,
Que o viuo lume, & o rosto delicado,
Imagẽs são, nas quais o amor se adora.
Quem vè que em branca neue nascem rosas,
Que fios crespos d'ouro vão cercando,
Se por antre esta luz a vista passa:
Rayos d'ouro verà, que as duuidosas
Almas estão no peito traspassando
Assi como hum crystal o sol traspassa.

Soneto

SONETO. LVII.

COmo fizeſte Porcia tal ferida?
Foy voluntaria, ou foi por innocencia?
Mas foi fazer amor experiencia
Se podia ſoffrer tirarme a vida.
E com teu proprio ſangue te conuida
A não pores à vida reſiſtencia?
Andome acoſtumando à paciencia,
Porque o temor a morte não impida.
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te coſtumas? Porque ordena
Amor, que morra & pene juntamente.
E tẽs a dor de ferro por pequena?
Si: que a dor coſtumada não ſe ſente,
E eu não quero a morte ſem a pena.

SONETO LVIII.

AO AVTOR.

Quem he este que na harpa Lusitana
Abate as Musas Gregas & Latinas?
E faz que ao mundo esqueção as Plautinas
Graças, com graça alegre, & lyra vfana?
Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influio partes diuinas,
Por quem espirão as flores & boninas,
Da Homerica Musa Italiana.
Se tu (triumphante Roma) este alcançaras
No teu theatro, & Scena luminosa,
Nunca do gran Terentio te admiraras,
Mas antes sem contraste, curiosa:
Estatua d'ouro alli lhe leuantaras,
Contente de ventura tão ditosa.

SONETO LIX.

Reposta sua.

De tão diuino accento & voz humana,
De tão doces palauras peregrinas,
Bem sei que minhas obras não são dinas,
Que o rudo engenho meu me desengana.
Mas de vossos escrittos corre & mana,
Licor que vence as agoas Cabalinas,
E conuosco do Tejo as flores finas
Farão enueja â copia Mantuana:
E pois a vos de si não sendo auaras
As filhas de Mnemosine fermosa,
Partes dadas vos tem ao mundo caras,
A minha Musa & a vossa tão famosa,
Ambas posso chamar ao mundo raras,
A vossa d'alta, a minha d'enuejosa.

SONETO LX.

A a sepultura de dom Fernando de Castro.

Debaixo desta pedra está metido
Das sanguinosas armas descansado,
O capitão illustre, assinalado,
Dom Fernando de Castro esclarescido:
Por todo o Oriente tão temido,
E da inueja da fama tão cantado:
Este pois sò agora sepultado
Está aqui ja em terra conuertido.
Alegrate ò guerreira Lusitania
Por este Viriato que criaste,
E chora o perdido eternamente.
Exemplo toma nisto de Dardania,
Que se a Roma co elle anichilaste,
Nem por isso Carthago está contente.

SONETO LXI.

A dom Luis d'Attaide ViſoRei.

Q Ve vençais no Oriente tantos Reis,
Que de nouo nos deis da India o eſtado,
Que eſcureſçais a fama que ganhado
Tinhão os que a ganharão a infieis.
Que do tempo tenhais vencido as leis:
Que tudo emfim vençais co tempo armado,
Mais he vencer na patria deſarmado
Os monſtros, & as chimeras que venceis:
E aſsi ſobre vencerdes tanto imigo,
E por armas ſazer que ſem ſegundo
Voſſo nome no mundo ouuido ſeja,
O que nos dà mais nome inda no mundo,
He vencerdes ſenhor no Reino amigo,
Tantas ingratidões, taõ grande inueja.

SONETO LXII.

Partindose pera a India.

EV me aparto de vos Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida,
E se minh'alma vay entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que a razão leua vencida,
Asinha darão fim à triste vida,
Se vos não torno â ver como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verà de mi partir vossa lembrança,
Amor que vay comigo o certifica.
Por mais que na tornada aja tardança,
Sempre me farão triste companhia,
Saudades do bem qu'em vos me fica.

SONETO LXIII.

VOssos olhos senhora que competem
Co sol em fermosura & clárida de,
Enchem os meus de tal suauidade,
Que em lagrimas de vellos se derretem.
Meus sentidos vencidos se sometem
Assi cegos a tanta diuindade,
E da triste prisaõ, da escuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Mas se nisto me vedes por acerto,
O aspero desprezo com que olhais
Torna a espertar a alma enfraquescida.
ô gentil cura, & estranho desconcerto,
Que farà o fauor que vos não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

SONETO LXIIII.

FErmosura do ceo a nòs descida,
Que nenhum coração deixais isento,
Satisfazendo a todo o pensamento,
Sem seres de nenhum bem entendida.
Que lingoa auerà tão atreuida,
Que tenha de louuarte atreuimento,
Pois a parte melhor do entendimento
No menos que em ti ha se vè perdida?
Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo que abre na terra hum paraiso,
O engenho me falta, o esprito mingoa;
Mas o que mais me tolhe inda louuarte,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando te não vejo perco o siso.

Soneto.

SONETO LXV.

POis meus olhos não cansaõ de chorar
Tristezas que não cansaõ de cansarme,
Pois não abrãda o fogo em que abrasarme
Pode quem eu jamais pude abrandar;
Não cansẽ o cego amor de me guiar
A parte donde não saiba tornarme,
Nem deixe o mundo todo de escutarme
Em quanto me a voz fraca não deixar.
E se em montes, rios, ou em valles,
Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras, aues, prantas, pedras, agoas;
Oução a longa historia de meus malles
E curem sua dor com minha dor,
Que grandes magoas podẽ curar magoas.

SONETO LXVI.

DAyme hũa lei senhora de quereruos
Que a guarde, sopena de enojaruos,
Que a fè que me obriga a tanto amaruos,
Fara que fique em ley de obedeceruos.
Tudo me defendei, senão sò veruos,
E dentro na minh'alma contemplaruos,
Que se assi não chegar a contentaruos,
Aomenos que não chegue âborreceruos.
E se essa condição cruel & esquiua
Que me deis lei de vida não consente,
Daima senhora ja, seja de morte.
Se nem essa me dais, he bem que viua
Sem saber como viuo tristemente,
Mas contente porem de minha sorte.

Começã

SEGVNDA PARTE
Das Canções.

Canção primeira.

FErmosa & gentil dama, quando vejo
A testa douro & neue, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O marmoreo collo, o branco peito:
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vos que ver tão lindo gesto,
Alli me manifesto
Por vosso a Deos & ao mundo: alli m'inflamo
Nas lagrimas que choro,
E de mĩ que vos amo,
Em ver que soube amarvos, me namoro:
E fico por mĩ sò perdido de arte
Qu'ei ciumes de mĩ por vosa parte.

Se p ventura viuo descontente
Por fraqueza d'esprito padescendo,
A doce pena qu'entender não sey,
Fujo de mĩ, & acolhome correndo
A vosa vista, & fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passei:

De

De quem me queixarei
Se vos me dais a vida deste geito,
Nos males que padesço
Senão de meu sogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço?
Mas ainda isso de mi cudar não posso,
D'estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vos erra
Por parte do desejo, cometendo
Algum nefando & torpe desatino,
Se ainda mais que ver emfim pretendo,
Fraquezas sam do corpo, que he de terra,
Mas não do pensamento, que he diuino:
Se tão alto imagino
Que de vista me perco, pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Que se emfim resisto
Contra tão atreuido & vão desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armase de vossa fermosura.

Das delicadas sombrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos.

E porque de vos tudo lhe quadrou
Dos rayos desses olhos fez as settas,
Com que fere quem alça os seus a vellos:
Olhos que sam tão bellos,
Dão armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrue,
Porem se he grande a dor
Coa alteza do mal, a restitue,
E as armas com que mata sam de sorte
Que ainda lhe ficais deuendo a morte.

Lagrimas, & suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, fermosa dama
Mimoso está do mal que por vos sente,
Que mayor bem deseja quem vos ama
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem viue descontente
Não ha de dar aliuio a seu desgosto,
Porque se lhe agradesça
Mas com alegre rosto
Soffra seus males pera que os meresça:
Que quem do mal se queixa que padesce,
Fallo porque esta gloria não conhesce.

De modo que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo não conheço:
Assi que com razões não tão somente
Desculpo ao Amor de meu tormento,
Mas ainda a culpa sua lhe agradeço:
Por esta fè mereço
A graça que esses olhos acompanha.
O bem do doce riso,
Mas porem não se ganha
C'hum parayso outro parayso:
E assi de enleada a esperança
Se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remedio
Sabe canção que porque não vejo
Engano com palauras o desejo.

Canção segunda.

A Instabilidade da fortuna,
Os enganos suaues de amor cego,
Suaues (se durarão longamente)
Direi, por dar á vida algum sossego;
Que pois a graue pena me importuna,
Importune meu canto a toda gente.

E se o passado bem co mal presente
Me endurece e vozho peito frio,
O grande desuario
Dará de minhá pena final certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto.
E pois nesta verdade me confio,
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o mundo de amor o desconcerto,
Que ja co a razão se fez amigo,
Sô por não deixar culpa sem castigo.

Ia amor fez leis, sem ter comigo algũa,
Ia se tornou de cego arrazoado;
Sô por vsar comigo semrazões:
E se em algũa cousa o tenho errado,
Com siso grande dor não vi nenhũa;
Nem elle deu sem erros affeições,
Mas por vsar de suas isenções
Buscou fingidas causas por matarme;
Que pera derrubarme
No abismo infernal de meu tormento,
Não foi soberbo nunca o pensamento,
Nem pretende mais alto aleuantarme
Daquillo que elle quis; & se elle ordena
Que eu pague seu ousado atreuimento,
Saiba que o mesmo amor que me condena
Me fez cayr na culpa, & mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquelle dia
Que decerão ao baixo pensamento,
N'alma os aposentei suauemente,
E pretendendo mais, como auarento,

O coração lhe dei portiguaria,
Qu' a meu mandado tinha obediente:
Porem como ante si lhe foi presente,
Que entenderão o fim de meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingoa descubrio por desuario,
Desede morto estou posto n'hum rio,
Onde do meu seruiço o frutto vejo;
Mas logo se alça se a colhelo venho,
E fogeme a agoa, se beber porfio;
Assi que em fome & sede me mantenho,
Não tem Tantalo a pena que eu sostenho.

Depois que aquella em quem minh'alma viue
Quis alcançar o baixo atreuimento,
Debaixo deste engano a alcancei,
A nuuem do contino pensamento
Ma afigurou nos braços, & assi a tiue,
Sonhando o que acordado desejei;
Porque a meu desejo me gabei
De alcançar hum bem de tanto preço;
Allem do que padesço
Atado em hũa roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde se a algum bem subo, logo deço,
E assi ganho & perco a confiança,
E assi de mi fugindo, tras mi ando.
E assi me tem atado hũa vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suaue & inhumana

Meu humano desejo de atreuido
Cometeo, sem saber o que fazia,
O cego moço, que co a setta insana
O peccado vingou desta ousadia;
E afora este mal que eu merescia,
Me deu outra maneira de tormento,
Que nunqua o pensamento
(Que sempre voa d'hũa a outra parte)
Destas entranhas tristes não se farte,
Imaginando sobre o famulento,
Quanto mais come, mais está crescendo;
Porque de atormentarme não se aparte;
Assi que pera a pena estou viuendo,
Sou outro nouo Ticio, & não m'entendo.

De vontades alheas que roubaua,
E que enganosamente recolhia,
Em meu fingido peito me mantinha,
De maneira o engano lhe fingia,
Que depois que a meu mando as sojugaua,
Com amor as mattaua, qu'eu não tinha:
Porem logo o castigo que conuinha
O vingatiuo amor me fez sentir,
Fazendome subir
Ao monte da aspereza que em vos vejo,
Co pesado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vay cair;
Torno a subillo ao desejado assento,
Torna a cayrme, embalde emfim pelejo,
Não te espantes Sisipho deste alento,
Que ás costas o subi do sofrimento.

Desta arte o summo bem se me offerece
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdello mais penosa,
Como o auaro a quem o sonho pinta
A char the souro grande, onde enriquece,
E farta sua sede cobiçosa;
E acordando com furia presurosa,
Vay cauar o lugar onde sonhaua:
Mas tudo o que buscaua
Lhe conuerte em caruão a desuentura;
Alli sua cobiça mais se appura,
Por lhe faltar aquillo que esperaua;
Dest'arte amor me faz perder o siso,
Porque aquelles que estão na noite escura,
Nunqua sentirão tanto o triste abyso,
Se ignorarem o bem do parayso.

Canção nomais, que ja não sei que digo;
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregaõ a causa desta morte.

Canção terceira.

I A a roxa manhã clara
Do Oriente, as portas vem abrindo,
Dos montes descubrindo
A negra escuridão da luz auara,

O sol

O sol que nunqua para,
De sua alegre vista saudoso,
Tras ella pressuroso,
Nos caualos cansados do traballo,
Que respirão nas heruas fresco orualho,
Se estende claro, alegre, & luminoso,
Os passaros voando,
De raminho em raminho madulando,
Com hũa suaue & doce melodia
O claro dia estão manifestando.

A manhã bella & amena
Seu rosto descubrindo, a espessura
Se cobre de verdura,
Branda, suaue, angelica, serena,
Ô deleitosa pena,
Ô effeito d'amor tão preeminente!
Que permitte & consente
Que onde quer que me ache, & onde esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viuer triste sou contente!
Mas tu Aurora pura
De tanto bem dâ graças â ventura,
Pois as foi pòr em ti tão differentes,
Que representes tanta fermosura.

A luz ſuaue & leda
A meus olhos me moſtra por quẽ mouro,
E os cabellos d'ouro
Não igual'aos que vi, mas arremeda:
Eſta he a luz que arreda
A negra eſcuridão do ſentimento
Ao doce penſamento:
O orualho das flores delicadas,
São nos meus olhos lagrimas canſadas,
Qu'eu choro co prazer de meu tormento:
Os paſſaros que cantão
Os meus eſpritos ſam que a voz leuantão
Manifeſtando o geſto peregrino,
Cõ tão diuino ſom q̃ o mundo eſpantão.

Aſsi como aconteſce
A quem a chara vida eſtà perdendo,
Que em quanto vay morrendo
Algũa viſaõ ſanta lhe apareſce:
A mĩ em quem falleſce
A vida, que ſois vos minha ſenhora,
A eſta alma que em vos mora,
(Em quanto da priſaõ ſe eſtâ apartãdo)
Vos eſtais juntamente apreſentando,
Em forma da fermoſa & roxa Aurora,

Ô ditosa partida,
Ô gloria soberana, alta, & subida,
Se mo não impedir o meu desejo,
Porqu'o que vejo emfim me torna a vida.

Porem a Natureza
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tão asinha,
Quão asinha o Sol falta à redondeza:
Se ouuerdes que he fraqueza
Morrer em tão penoso & triste estado,
Amor será culpado,
Ou vòs, onde elle viue tão isento,
Que causastes tão longo apartamento,
Porque perdesse a vida co cuidado,
Que se viuer não posso,
Hum homem sou sò de carne & osso,
Esta vida que perco amor ma deu,
Que não sou meu: se mouro o danno he vosso.

Canção de Cisne feita n'hora estrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro de minha sepultura,
Que a sombra escura ja me impedia.

Canção quarta.

VAõ as serenas agoas
Do Mondego descendo,
Mansamẽte, que ate o mar não parão,
Por onde minhas magoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começarão:
Alli se ajuntarão
Neste lugar ameno,
Aonde agora mouro,
Testa de neue & ouro,
Riso brando, suaue, olhar sereno,
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma m'estarà pintado.

Nesta florida terra,
Leda, fresca, & serena,
Ledo & contente para mĩ viuia
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena
Que de tão bellos olhos procedia;
Hum dia n'outro dia
O esperar m'enganaua,
Longo tempo passei,
Com a vida folguei,
Sò porqu'em bem tamanho m'empregaua;
Mas que me presta ja
Que taõ fermosos olhos não os ha.

O quem me alli dissera

Que

Que de amor tão profundo
O fim podesse ver ind'algũa hora;
O quem cudar podera
Que ouuesse ahi no mundo
Apartarme'eu de vos minha senhora,
Para que desd'agora
Perdesse a esperança,
E o vão pensamento,
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais q̃ a lẽbrança,
Que sempre estará firme
Ate o derradeiro despedirme.

Mas a mòr alegria
Que daqui leuar posso,
Com a qual defenderme triste espero,
He que nunca sentia
No tempo que fui vosso
Quererdesme vos quãto vos eu quero;
Porque o tormento fero
De vosso apartamento
Não vos dará tal pena,
Como a que me condena:
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que minh'alma sente
Morra eu senhora, & vos ficai cõtente.

Canção tu estaras
Aqui acompanhando,
Estes campos, & estas claras agoas,
E por mĩ ficaras
Chorando & suspirando,

E ao mundo mostrando tantas magoas,
Que de tão larga historia,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Canção quinta.

SE este meu pensamento
Como he doce & suaue,
Da alma podesse vir gritando fora,
Mostrando seu tormento,
Cruel, aspero, & graue,
Diante de vos sò minha senhora,
Podera ser que agora
O vosso peito duro
Tornara manso & brando:
E eu que sempre ando
Passaro solitario humilde, escuro,
Tornado hum Cisne puro,
Brando & sonoro pello ar voando,
Com canto manifesto,
Pintara meu tormento, & vosso gesto.

Pintara os olhos bellos
Que trazem nas mininas
O minino que os seus nelles cegou,

E os dourados cabellos
Em tranças de ouro finas
A quem o sol seus rayos abaixou,
A testa que ordenou
Natura tão fermosa,
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que a cada parte tem a fresca rosa,
A boca graciosa,
Que querella louuar he escusado:
Em fim he hum thesouro,
Os dentes perlas, as palauras ouro.

Vira se claramente
Ô dama delicada,
Que em vos se esmerou a natureza,
E eu de gente em gente
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza,
Somente a aspereza
De vossa condição,
Senhora não disera,
Porque se não soubera
Que em vos podia auer algum senão:
E se alguem com razão

Porque morres dissera, respondera
Mouro porqu'he tão bella
Qu'inda não sou pera morrer por ella.

E se polla ventura
Dama vos offendesse
Escreuendo de vos o que não sento,
E vossa fermosura
Tão baixo não descesse,
Que a alcançasse hũ baixo entendimento:
Seria o fundamento
Daquillo que cantasse
Todo de puro amor,
Porque vosso louuor
Em figura de magoas se mostrasse:
E onde se julgasse
A causa pello effeito, minha dor
Diria alli sem medo
Quem me sentir vera de quem procedo.

Então amostraria
Os olhos saudosos,
O suspirar que a alma traz consigo,
A fingida alegria,
Os passos vagarosos,

O fallar, o esquecerme do que digo,
Hum pelejar comigo,
E logo disculparme,
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acouardarme:
Emfim aueriguarme
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
Saõ lagrimas & amores,
Saõ vossas isenções, & minhas dores.

Mas quem terá senhora
Palauras com que iguale
Com vossa fermosura minha pena:
Que em doce voz de fora
Aquella gloria falle
Que dentro na minh'alma amor ordena,
Não pode tão piquena
Força d'engenho humano,
Com carga tão pesada,
Se não for ajudada
D'hum piadoso olhar, d'hum doce engano:
Que fazendome o danno
Taõ deleitoso, & a dor tão moderada,
Que emfim se conuertesse
Nos gostos dos louuores que escreuesse.

Canção.

Canção não digas mais, & se teus versos
A pena vem pequenos,
Não queirão de ti mais, que diras menos.

Canção seista.

COm força desusada
A quenta o fogo eterno
Hũa ilha, lá nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro inuerno
Os campos reuerdesce alegremente;
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas,
Tem della o senhorio:
Cercada está d'hum rio
De maritimas agoas saudosas;
Das heruas que aqui nascem,
Os gados juntamẽte, & os olhos pascẽ.

Aqui minha ventura
Quis que hũa gram parte
Da vida que não tinha se passasse,
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, & de lembranças matizasse;
Se amor determinasse
Que a troco desta vida.

De mi qualquer memoria
Ficasse como hystoria,
Que de hũs formosos olhos fosse lida,
A vida & alegria
Por tão doce memoria trocaria.

Mas este fingimento
Por minha dura sorte
Com falsas esperanças me conuida;
Não cuide o pensamento
Que pode achar na morte
O que não pode achar tão longa vida;
Está já tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança;
Mas ô que se algum dia
Desesperar podesse, viuiria.

De quanto tenho visto
Iagora não m'espanto,
Que até desesperar se me defende;
Outrem foi causa disto,
Que eu nunqua pude tanto,
Que causasse este fogo que me encende:
Se cudão que me offende
Temor de esquecimento,
Ouxala meu perigo
Me fora tão amigo
Que algum temor deixara ao pensamento,

Quem

Quem vio tamanho enleo,
Que ouueſſe ahi eſperança ſem receo?

Quem tem que perder poſſa
Se pode recear,
Mas triſte quem não pode ja perder;
Senhora a culpa he voſſa,
Que pera me mattar
Baſtára hũa hora ſò de vos não ver:
Poſeſtesme em poder
De falſas eſperanças,
E do que mais me eſpanto
Que nunqua vali tanto
Que viueſſe tãbem com eſquiuãças;
Valia tão pequena
Não pode mereſcer tão doce pena.

Ouueſe amor comigo
Taõ brando, & pouco irado,
Quãto agora em meus males ſe conheſce,
Que não há mòr caſtigo
Pera quem tem errado,
Que negarlhe o caſtigo que mereſce;
E bem como aconteſce
Que aſsi como ao doente
Da cura deſpedido,
O medico ſabido
Tudo qnanto deſeja lhe conſente,
Aſsi me conſentia
Eſperança, deſejo, & ouſadia.

E agora

E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, & longa ausencia
Quem pode imaginar
Que pode auer peccado
Que mereça tão graue penitencia?
Olhai que he consciencia
Por tão pequeno erro
Senhora tanta pena:
Não vedes que he onzena?
Mas se tão longo & misero desterro
vos dá contentamento,
Nunca me acabe nelle meu tormento.

Rio formoso, & claro,
E vos ò aruoredos.
Que os justos vencedores coraïs,
E ao cultor auaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco sô diuersos fruttos dais,
Assi nunca sintais
Do tempo injuria algũa,
Que em vos achem abrigo
As magoas que aqui digo,
Em quanto der o sol virtude á lũa:
Porque de gente em gente
Saibão que ja não mata a vida ausente.

Canção neste desterro viuirás,
Voz nua & descuberta,
Ate que o tempo em Ecco te conuerta.

Canção

Canção settima.

Mandame amor que cante docemente,
O que elle ja em minh'alma tem impresso,
Com prosuppoſto de deſabafarme:
E porque com meu mal ſeja contente,
Diz que ſer de tão lindos olhos preſo
Contallo baſtaria a contentarme,
Eſte excellente modo de enganarme
Tomàra eu de amor por intereſſe,
Se não ſe arrependeſſe
Co a pena o engenho eſcureſcendo.
Porem a mais me atreuo,
Em virtude do geſto de que eſcreuo,
E ſe he mais o que canto que o q̃ entendo,
Inuoco o lindo aſpeito,
Que pòde mais que amor em meu defeito.

Sem conhecer amor viuer ſoîa,
Seu arco & ſeus enganos deſprezando,
Quando viuendo delles me mantinha
O amor enganoſo, que fingia

Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha:
No Touro entraua Phebo, & Progne vinha
O corno de Acheloo Flora entornaua,
Quando o amor soltaua
Os fios d'ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquiuas,
Dos olhos rutilando o lume viuas,
E as rosas antre a neue semeadas,
Co riso tão galante,
Que hum peito desfizera de diamante.

Hum não sei que suaue respirando,
Causaua hum admirado & nouo espanto,
Que as cousas insensiueis o sentião:
E as garrulas aues leuantando
Vozes desordenadas em seu canto,
Como em meu desejo se encendião,
As fontes crystallinas não corrião,
Inflammadas na linda vista pura,
Floresçia a verdura
Que andando cos diuinos pès tocaua,
Os ramos se abaixauão,
Tendo inueja das heruas que pisauão,
(Ou porque tudo ante ella se abaixaua)

Não ouue cousa emfim
Que não pasmasse della, & eu de mi.

Porque quando vi dar entendimento
As cousas que o não tinhaõ, o temor
Me fez cudar que effeito em mi faria
Conhecime não ter conhecimento,
E nisto sò o tiue, porque amor
Mo deixou, porque visse o que podia:
Tanta vingança amor de mi queria,
Que mudaua a humana natureza:
Os montes, & a dureza
Delles, em mi por troca traspassaua:
Ô que gentil partido,
Trocar o ser do monte sem sentido,
Pollo que n'hum juyzo humano estaua!
Olhay que doce engano,
Tirar cõmum proueito de meu dano!

Assi que indo perdendo o sentimento
A parte racional me entristecia,
Vella a hum appetite sometida,
Mas dentro n'alma o fim do pensamento
Por tão sublime causa me dezia.
Q'era razão ser a razão vencida.

Assi

Assi que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restauraua,
E em mansa paz estaua
Cadahum com seu contrario n'hum sogeito,
Ô gran concerto este:
Quem será que nã julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que venha o appetite a ser razão?

Aqui senti de amor a mòr fineza,
Como foi ver sentir o insensiuel,
E o ver a mĩ de mĩ mesmo perderme:
Emfim senti negarse a natureza,
Por onde cri que tudo era possiuel
Aos lindos olhos seus, senão quererme,
Despois que ja senti desfallecerme,
Em lugar do sentido que perdia
N'õ sei que m'escreuia
Dentro n'alma co as letras da memoria,
O mais deste processo
Co claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia,
Se bem a declarei
Eu não a escreuo, d'alma a trasladei.

Cançaõ se quem te ler
Naõ crer dos olhos lindos o que dizes,
Pello que em si escondem,
Os sentidos humanos lhe respondem.
Bem podem dos diuinos ser juyzes.

Canção oitaua.

TOmei a triste pena
Ia de desesperado
De vos lembrar as muitas que padesço,
Com ver que me condena.
A ficar eu culpado.
O mal que me trataes, & o q̃ mereſço,
Confesso que conheço.
Que em parte eu causei
O mal em que me vejo,
Pois sempre meu desejo
Tão comprido, em vos cumprir deixei;
Mas não tiue soſpeita
Que seguisseis tenção tão imperfeita.

Se em vosso esquecimento
Tão enuolto estou
Como os sinais demostrão que mostrais;
Viuo neste tormento,
Lembranças mais não dou
Que as que de razão tomar queirais:
Olhai que me trattais.

Assi

Assi de dia em dia
Com vossas esquiuanças,
E as vossas esperanças
De que vãmente eu m'enriquescia,
Renouão a memoria
Pois cõ tela de vos sò tenho gloria.

E se isto conhecesseis
Que he verdade pura,
Como ouro de Arabia reluzente,
Inda que não quisesseis
A condição tão dura
Mudareis n'outra muito differente,
E eu como innocente
Que estou neste caso,
Isto em mãos posera
De quem sentença dera,
Que ficasse o direito justo & raso.
Se não arreceara
Que a vos por mĩ, a mĩ por vos matara.

Em vos escritta vi
Vossa grande dureza,
E n'alma escritta está, que de vos viue,
Não que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano que então tiue,
Porque antes que a dor priue
De todo meus sentidos,
Ao grande tormento
Acode o entendimento,

Com dous fortes soldados, guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficão sendo minha luz & guia.
Destes acompanhado
Estou posto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene,
Pode ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penarme me despene:
E quando me condene
(Que istó he o que espero)
Inda a mayores dores
Perdidos os temores
Por mais que venha não direi não quero,
Com tudo estou tão forte
Que nem me mudará a mesma morte.

Canção se ja não queres
Ver tanta crueldade,
Lavas onde veras minha verdade.

Canção nona.

I Vnto d'hum seco, fero, & esteril monte,
Inutil, & despido, calvo, informe,
Da natureza em tudo aborrecido,
Onde nem aue voa, ou fera dorme,
Nem rio claro corre, ou ferue fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido,

Cujo nome do vulgo introduzido
Por antiphraſi he felix infelice,
O qual a natureza
Situou junto â parte
Onde hum braço de mar alto reparte,
Abaßia da Arabica aſpereza,
Onde fundada já foi Berenice,
Ficando à parte donde
O ſol que nelle ferue ſe lh'eſconde.

Nelle apareſce o Cabo com que a coſta
Africana, que vem do Auſtro correndo,
Limite faz, Aromata chamado,
Aromata outro tempo, que voluendo
Os ceos, a ruda lingoa mal compoſta,
Dos proprios outro nome lhe tem dado,
Aqui, no mar que quer apreſſurado
Entrar polla garganta deſte braço,
Me trouxe hum tempo & teue
Minha fera ventura
Aqui neſta remota, aſpera, & dura
Parte do mundo, quis que a vida breue
Tambem de ſi deixaſſe hum breue eſpaço,
Porque ficaße a vida
Pello mundo em pedaços repartida.

Aqui m'achei gastando hũs tristes dias,
Tristes, forçados, maos, & solitarios,
Trabalhosos, de dor, & d'ira cheos,
Não tendo tãosòmente por contrarios
A vida, o sol ardente, & agoas frias,
Os ares grossos, feruidos, & feos,
Mas os meus pensamentos que sam meos
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendome à memoria
Algũa ja passada & breue gloria,
Qu'eu ja no mundo vi quando viui,
Por me dobrar dos malles a aspereza,
Por me mostrar que auia
No mundo muitas horas de alegria.

Aqui estiu'eu co estes pensamentos
Gastãdo o temp' & a vida, os quais tão alto
Me subião nas asas, que caîa
(E vede se seria leue o salto,
De sonhados & vãos contentamentos)
Em desesperação de ver hum dia
Aqui o imaginar se conuertia
N'hum subito chorar, & n'hũs sospiros,
Que rompião os ares:

Aqui a alma catiua
Chagada toda estaua em carne viua,
De dores rodeada, & de pesares,
Desamparada & descuberta aos tiros
Da soberba fortuna,
Soberba, inexorauel, & importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde a cabeça
Hum pouco reclinasse por descanso,
Todo lhe he dor & causa que padeça,
Mas que pereça não, porque passasse
O que quis o destino nunca manso,
ô que este irado mar gritando amanso,
Estes ventos da voz importunados,
Parece que se enfreão,
Somente o ceo seuero
As estrellas & o fado sempre fero
Com o meu perpetuo danno se recreão,
Mostrandose potentes & indignados,
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tão pequeno.

Se de tantos trabalhos sò tirasse
Saber inda por certo que algũa horã

Lem-

Lembraua a hũs claros olhos que ja vi,
E se esta triste voz rompendo fora,
Ás orelhas angelicas tocasse
Daquella em cujo riso ja vim,
A qual tornada hum pouco sobre si,
Reuoluendo na mente pressurosa
Os tempos já passados,
De meus doces errores,
De meus suaues males, & furores,
Por ella padescidos & buscados,
Tornada (inda que tarde) piadosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E comsigo por dura se julgasse.

Isto sò que soubesse, me seria
Descanso para a vida que me fica,
Co isto afagaria o soffrimento,
Ah senhora senhora, que tão rica
Estais, que cá tão longe de alegria
Me sustentais c'hum doce fingimento,
Em vos affigurando o pensamento
Foge todo o trabalho, & toda a pena:
Sò com vossas lembranças
Me acho seguro & forte
Contra o rosto feroz da fera morte:

E logo se me ajuntão esperanças
Com que a fronte tornada mais serena.
Torna os tormentos graues
Em saudades brandas, & suaues.

Aqui coelles fico preguntando
Aos ventos amorosos que respirão
Da parte donde estais por vos senhora.
As aues que alli voão se vos virão,
Que fazieis, que estaueis praticando,
Onde, como, com quem, que dia, & qu'ora?
Alli a vida cansada, que melhora
Toma nouos espritos com que vença,
A fortuna & traballo,
Sò por tornar a veruos,
Sô por ir a seruiruos, & quereruos,
Dizme o tempo que a tudo dará talho,
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
M'abre as chagas de nouo ao soffrimento.

Assi viuo, & se alguem te preguntasse
Canção, como não mouro,
Podeslhe responder, que porque mouro.

Canção

Canção decima.

VInde quà meu tão certo secretario,
Dos queixumes que sempre ando fazẽdo,
Papel;com que a pena desafogo,
As semrazões digamos que viuendo
Me faz o inexoraueł,& contrario
Destino surdo,a lagrimas & a rogo
Deitemos agoa pouca;em muito fogo,
Acendase com gritos hũ tormento,
Que a todas as memorias seja estranho,
Digamos mal tamanho
A Deos,ao mnndo,â gente, & enfim ao vento,
A quem ja muitas vezes o contei
Tanto debalde,como o conto agora,
Mas ja que para errores fui nascido,
Vir este a ser hum delles não duuido;
Que pois ja de acertar estou tão fora,
Não me culpem tambem se nisto errei;
Siquer este refugio só terei,
Fallar,& errar sem culpa liuremente,
Triste quem de tão pouco está contente.

Ia me desenganei que de queixarme,
Não se alcança remedio,mas quem pena
Forçado he gritar,se a dor he grande,
Gritarei,mas he debil & piquena
A voz para poder desabafarme;
Porque nem com gritar a dor se abrande,
Quem me dará siquer que fora á mande.

Lagrimas & soſpiros infinitos,
Iguais ao mal que dentro n'alma mora?
Mas quem pode algũa hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Emfim direi aquillo que m'enſinão
A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
Qu'he outra dor por ſi mais dura & firme;
Chegai deſeſperados para ouuirme,
E fujão os que viuem de eſperança,
Ou aquelles que nellas imaginão,
Porque amor & fortuna determinão
De lhe darem poder para entenderem
A medida dos malles que teuerem.

Foi minha ama hũa fera, que o deſtino
Não quis que molher foſſe a que teueſſe
Tal nome para mĩ, nem a aueria,
Aſsi criado fui, porque bebeſſe
O veneno amoroſo de minino,
Que na mayor idade beberia:
E por coſtume não me mattaria.
Logo então vi a imagem & ſemelhança
D'aquella humana fera tão fermoſa,
Suaue & veneno ſa,
Que me criou aos peitos da eſperança;
De quem eu vi deſpois o original;
Que de todos os grandes deſatinos
Faz a culpa ſoberba & ſoberana;
Pareceme que tinha forma humana,
Mas ſcentillaua ſpiritos diuinos,
Hum meneo & preſença tinha tal,

Que

Que se vangloriaua todo o mal
Na vista della; a sombra coa viueza
Excedia o poder da natureza.

Que genero tão nouo de tormento
Teue amor, que não fosse não sômente
Prouado em mĩ, mas todo executado?
Implacaueis durezas que o feruente
Desejo, que dà força ao pensamento,
Tinhão de seu proposiro aballado;
E de se ver corrido & injuriado
Aqui sombras phantasticas, trazidas
De algũas temerarias esperanças,
As bemauenturanças,
Nellas tãmbem pintadas & fingidas;
Mas a dor do desprezo recebido,
Que a phanthasia me desatinaua,
Estes enganos punha em desconcerto;
Aqui o adeuinhar, & o ter por certo
Que era verdade quanto adeuinhaua,
E logo o desdizerme de corrido,
Dar ás cousas que via outro sentido,
E pera tudo emfim buscar razões,
Mas crão muitas mais as semrazões.

Pois quem pòde pintar a vida ausente
Com hum descontentarme quanto via,
E aquelle estar tão longe donde estaua,
O fallar sem saber o que dezia;
Andar sem ver por onde, & juntamente
Sospirar, sem saber que sospiraua;

Pois quando aquelle mal me atormentaua
E aquella dor que das Tartareas agoas
Saîo ao mundo, & mais que todas doe,
Que tantas vezes foe
Duras iras tornar em brandas magoas,
Agora co furor da magoa irado,
Querer & não querer deixar de amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo priuado de esperança,
Que tão mal se podia ja mudar,
Agora a saudade do passado
Tormento, puro, doce, & magoado,
Fazia conuerter estes furores
Em magoadas lagrimas de amores.

Que desculpas comigo que buscaua
Quando o suaue amor me não soffria
Culpa na cousa amada, & tão amada,
Em fim eraõ remedios que fingia
O medo do tormento que ensinaua,
A vida a sostentarse de enganada,
Nisto hũa parte della foi passada,
Na qual se tiue algum contentamento
Breue, imperfeito, timido, indecente,
Não foi senão semente
De longo & amarissimo tormento;
Este curso contino de tristeza,
Estes passos tão vãmente espalhados,
Me forão apagando o ardente gosto,
Que tão de siso n'alma tinha posto,
D'aquelles pensamentos namorados,

Em

Em que eu criei a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza
Contra quem força humana não resiste,
Se conuerteo no gosto de ser triste.

Dest'arte a vida noutra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero, irado,
Qu'eu inda assi por outra a não trocara;
Fezme deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteue a vida chara;
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que cos olhos quis que logo
Visse & tocasse o acerbo frutto seu,
E neste escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo;
Agora peregrino vago, & errante,
Vendo nações, lingoages, & costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Sò por seguir còm passos diligentes
A ti fortuna injusta, que consumes
As idades, leuandolhe diante
Hũa esperança em vista de diamante,
Mas quando das mãos cae se conhece
Que he fragil vidro aquillo que aparece.

A piadade humana me faltaua,
A gente amiga ja contraria via,
No primeiro perigo & no segundo
Terra em que pòr os pès me fallescia,
Ar pera respirar se me negaua,
E faltauam'emfim o temp' & o mundo:

Que

Que segredo tão arduo,& tão profundo,
Nascer para viuer,& para a vida
Faltarme quanto o mundo tem para ella:
E não poder perdella,
Estando tantas vezes ja perdida:
Emfim não ouue trance de fortuna,
Nem perigos, nem casos duuidosos,
Injustiças daquelles,que o confuso
Regimento do mundo,antiguo abuso,
Faz sobre os outros homẽs poderosos,
Qu'eu não passasse,atado à grã coluna
Do soffrimento meu,que a importuna
Perfiguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tormenta procelloſa,
Os casos della conta em porto ledo;
Que inda agora a fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum sò passo tenho medo;
Ia de mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me falleſça ja pretendo,
Que para mĩ não val astucia humana,
De força soberana,
Da prouidencia emfim diuina pendo,
Isto que cuido,&vejo ás vezes tomo
Para consolação de tantos dãnos:
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre,& não a alcança,
Senão memoria dos passados annos,

As agoas que então bebo, & o pão que como,
Lagrimas tristes saõ, qu'eu nunca domo,
Senão com fabricar na fantasia
Fantasticas pinturas de alegria.

Que se possiuel fosse que tornasse
O tempo para tras como a memoria,
Pellos vestigios da primeira idade,
E de nouo tecendo a antigua hystoria
De meus doces errores me leuasse
Pellas flores que vi da mocidade,
E a lembrança da longa saudade
Então fosse mayor contentamento,
Vendo a conuersação leda & suaue,
Ond'hũa & outra chaue
Esteue de meu nouo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,
A fermosura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidão, a cortesia,
A sincera amizade, que desuia
Toda a baxa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra algũa não vi mais,
Ah vãs memorias, onde me leuais
O fraco coração? que inda não posso
Domar este tão vão desejo vosso.

Nomais canção nomais, qu'irei fallando
Sem o sentir mil annos, & se a caso
Te culparem de larga, & de pesada,
Não pode ser (lhe dize) limitada
Aagoa do mar em tão pequeno vaso,

Nem

Nem eu delicadezas vou cantando
Co gosto do louuor, mas explicando
Puras verdades ja por mĩ passadas,
Oxalá forão fabulas sonhadas.

SEXTINAS.

FOgeme pouquo a pouquo a curta vida,
(Se por caso he verdade qu'inda viuo)
Vayseme o breue tempo d'ante os olhos,
Choro pello passado, & em quanto choro
Se me passão os dias passo & passo:
Vaiseme em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena
Que nunqua hũa hora vio tão longa vida,
Em que possa do mal mouerse hum passo,
Que mais me monta ser morto, que viuo?
Para que choro emfim? para que fallo?
Se lograrme não pude de meus olhos?

Ô fermosos, gentis, & claros olhos
Cuja ausencia me moue a tanta pena,
Quanta se não comprende em quanto fallo,
Se no fim de tão longa & curta vida
De vos m'inda inflamasse o rayo viuo,
Por bem teria a tudo quanto passo.

Mas bem sei, que primeiro o estremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que amor me mostre aquelles por que viuo.
Testemunhas serão a tinta & pena,
Que escreuerão de tão molesta vida,
O menos que passei, & o mais que fallo.

Ô que não sei qu'escreuo, nem que fallo:
Que se de hum pensamento n'outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,
Que se lhe não valerem tantos olhos,
Não posso imaginar, qual seja a pena
Que traslade esta pena com que viuo.

N'alma tenho contino hum fogo viuo
Que se não respirasse no que fallo,
Estaria ja feita cinza a pena:
Mas sobr'a mayor dor que soffro & passo,
Me temperão as lagrimas dos olhos,
Com que fugindo não se acaba a vida.

Morrendo

Morrendo estou na vida, & em morte viuo,
Vejo sem olhos, & sem lingoa fallo,
E juntamente passo gloria, & pena.

Prosegue a segunda parte com as Odes.

Ode primeira, à Lua.

DEtem hum pouco Musa o largo prato,
Que amor te abre do peito,
E vistida de rico & ledo manto
Demos honra & respeito
A aquella cujo obieito
Todo o mundo alumia,
E quando escuro está he mais que o dia.

ô Dellia, que a pesar da neuoa grossa
Cos teus rayos de prata
A escura noite fazes que não possa
Encontrar o que tratta,
E o que n'alma retratta,
Amor por teu diuino
Rosto, porque endoudeço, & desatino.

Tu que de fermosissimas estrellas,
Coroas & rodeas
Teus cabellos d'argento, & faces bellas,
E os campos fermoseas,

Cõ as roſas que ſemeas,
Co as boninas que geras,
O teu celeſte amor na Primauera.

Pois Delia dos teus cêos vẽdo eſtàs quantos
Furtos de puridades
Suſpiros, magoas, ais, muſicas, prantos,
As amantes vontades,
Hũas por ſaudades,
Outras por crus indicios,
Fazem das proprias vidas ſacrificios.

Vejo teu Endimião por eſtes montes,
Suſpenſo o cèo olhando,
E o teu nome cos olhos feitos fontes,
Embalde, & em vão chamando,
Pedindo & ſuſpirando
Merces á tua beldade,
Sem em ti achar hũa hora piedade.

Por ti feito paſtor de branco armento,
As ſeluas ſolitarias
Acompanhado ſò do penſamento,
Conuerſa as alimarias,
De todo amor contrarias
Mas não como ti duras,
Onde lamenta & chora deſuenturas.

Por ti guarda o ſitio freſco d'Ilio
Suas ſombras fermoſas,
Para ti Erymanto, & o lindo Epillio

As mais purpureas rosas,
E as drogas cheirosas
Deste nosso Oriente,
Tambem Arabia Felix eminente.

De que Panthera, Tigre, ou Leopardo
As asperas entranhas,
Não temerão o agudo & fero dardo,
Quando pellas montanhas
Mui remotas & estranhas,
Ligeira atrauessauas
Tão fermosa, que amor de amor matauas?

Das castas virgẽs sempre os altos gritos
Clara lucina ouuiste,
Renouandolhe a força & os esptitos:
Mas os daquelle triste
Ia nunca consentiste
Ouuillos hum momento,
Para ser menos graue seu tormento.

Não fujas de mĩ assi, nem assi te escondas,
D'hum tão fiel amante,
Olha como sospirão estas ondas,
E como o velho Atlante,
O seu colo arrogante,
Moue piadosamente
Ouuindo a minha voz fraca & doente.

Triste de mĩ que o pior he queixarme,
Pois minhas queixas digo,

A quem ja ergue a mão para mattarme,
Como a cruel imigo,
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E isto só pretende, & só m'ensina.

Quãtos dias ha que o ceo me desengãa
E eu sempre porfio,
Cada vez mais na minha teima insana,
Tendo liure aluedrio.
Não fujo o desuario,
E este que em mi vejo,
Para esperança minha, & meu desejo.

Ô quãto melhor fora, que dormissem
Hum sono perenal,
Estes meus olhos tristes, & não vissem
A causa de seu mal,
Fugir a tempo tal,
Mais que d'antes por thema,
Mais cruel que vssa fera, mais que ema.

Ay de mĩ que me abraso em fogo viuo,
Com mil mortes ao lado,
E quãdo mouro mais, então mais viuo
Porque assi me ha ordenado,
Meu infelice estado,
Que quando me conuida
A morte para a morte tenha vida.

Minha secreta amiga mansa noite,

Estas

Estas rosas (por quanto
Ouuiste meus queixumes (hora doute
Este fresco Adianto,
Humido inda do pranto
E lagrimas da esposa
Do cioso Tithão branca & fermosa.

Ode segunda.

Tão suaue, tão fresca, & tão fermosa,
Nunqua no ceo sahio,
A Aurora no principio do verão,
Aas flores dando a graça costumada,
Como a fermosa mansa fera, quando
Hum pensamento viuo me inspirou,
Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresco rosa,
Nunqua no campo abrio,
Quando os rayos do sol no Touro estão
De cores differentes esmaltada
Como esta flor, que os olhos inclinando
O soffrimento triste costumou
A a pena que padesço.

Ligeira

Ligeira, bella Nympha, linda, iroſa,
Não creo que ſeguio
Satyro, cujo brando coração
D'amores commoueſſe fera irada,
Que aſſi foſſe fugindo, & deſprezando
Eſte tormento, onde amor moſtrou
Tão proſpero começo.

Nunqua emfim couſa bella, & riguroſa
Natura produzio,
Que iguale àquella forma & condição,
Que as dores em que viuo eſtima em nada:
Mas com tão doce geſto, irado, & brando
O ſentimento, & a vida me enleuou
Que a pena lhe agradeſſe.

Bem cudei de exaltar em verſo, ou proſa,
Aquillo que a alma vio,
Antre a doce dureza & manſidão,
Primores de belleza deſuſada,
Mas quando quis voar ao ceo cantando,
Entendimento, & engenho, me cegou,
Luz de tão alto preço.

Naquella alta pureza deleitoſa,

Que

Que ao mundo se encubrio
E nos olhos angelicos, que sam
Senhores desta vida destinada,
E naquelles cabellos que soltando
Ao manso vento a vida me enredou,
Me alegro, & entristeço.

Saudade & sospeita perigosa,
Que amor constituyo,
Por castigo daquelles que se vão,
Temores, penas d'alma desprezada,
Fera esquiança, que me vay tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.

Ode terceira.

SE de meu pensamento
Tanta razão tiuera de agrauarme,
Quanta de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderas triste lyra consolarme.

E minha voz cansada
Que noutro tempo foi alegre & pura,
Não fora assi tornada,
Tão rouca, tão pesada, nem tão dura.

A ser como sohia
Poderá leuantar vossos louuores,
Vos minha Hierarchia
Ouuireis meus amores,
Que exemplo saõ ao mũdo ja de dores.

Alegres meus cudados,
Contentes dias, horas, & momentos,
ò quam bem alembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mĩ duros tormẽtos.

Ay gostos fugitiuos,
Ay gloria já acabada, & consumida,
Crueis males esquiuos,
Qual me deixais a vida
Quam chea de pesar; quam destruida!

Mas como não he morta
A triste vida jà, que tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta desuentura,
Qu'em vão co seu poder o tempo cur

...as para padescella
Se esforça meu sogeito, & conuales
Que sò pera dizella
A força me falleſce,
E de todo me cansa, & m'enfraqueſce

ô bem afortunado

Tu que alcançaſte com lyra toante
Orpheo ſer eſcutado,
Do fero Rhadamante,
E cos teus olhos ver a doce amante.

Às infernais figuras
Moueſte com teu canto docemente:
Às tres furias eſcuras,
Implacaueis à gente,
Quietas ſe tornárão de repente.

Ficou como paſmado
Todo o Stygio Reino co teu canto,
E quaſi deſcanſado
De ſeu eterno pranto,
Ceſſou de alçar Siſipho o graue cãto.

A ordem ſe mudaua
Das penas que ordenaua alli Plutão,
Em deſcanſo tornaua
A roda de Ixião,
E em gloria quantas penas alli ſaõ.

Pello qual admirada
A Rainha infernal,& cõmouida
Te deu a deſejada
Eſpoſa que perdida,
De tantos dias ja tiuera auida.

Pois minha deſuentura
Como ja não abrãda hũa alma humana,

Que

Que he contra mí mais dura,
E mui mais deshumana,
Que o furor de Calirõe profana.

ô crua, esquiua, & fera,
Duro peito, cruel, impedernido,
De algũa tigre fera,
Da Hircania nascido,
Ou dantre as duras rochas produzido.

Mas que digo coitado
E de quẽ fio em vão minhas querellas?
Só vos (ò do salgado
Humido Reino) bellas
E claras Nymphas, condoeyuos dellas.

E d'ouro guarnescidas
Vossas louras cabeças, leuantando
Sobol'agoa erguidas,
As tranças gottejando,
Sahi alegres todas, ver qual ando.

Sahi em companhia
Cantando & colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia
Ouuireis meus amores,
Assentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais mofino corpo que he gerado,
Que està ja conuertido

Em choro, & neste estado
Sòmente viue nelle o seu cudado.

Ode quarta.

FErmosa fera humana,
Em cujo coração soberbo & rudo
A força soberana
Do vingatiuo amor, que vence tudo
As pontas amoladas
De quantas settas tinha tem quebradas.

Amada Circe minha,
(Posto que minha naõ) com tudo amada,
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho inda entregarei.

Pois natureza iroſa
Da razão te deu partes tão contrarias,
Que sendo tão fermosa
Folgues de te queimar en flãmas varias,
Sem arder em nenhũa,
Mais qu'em quanto alumia o mũdo a lũa.

Pois

Pois triumphando vas
Com diuersos despojos de ptrdidos,
Que tu priuando estâs
De razão, de juizo, & de sentidos.
E quasi a todos dando,
Aquelle bem que a todos vas negando.

Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro enuolto
Debaixo da tormenta
De Iupiter em agoa & vento solto,
A porta que impedido
Lhe tem seu bẽ de magoa adormescido.

Porque não tẽs receo
Que tantas innocẽcias & esquiuãças,
A Deosa que poem freo
A soberbas, & doudas esperanças,
Castigue com rigor
E contra ti se acenda o fero Amor.

Olha a fermosa Flora
De despojos de mil sospiros rica,
Pello capitão chora
Que là em Thessallia emfim vẽcido fica.

E foi sublime tanto
Q'altares lhe deu Roma, & nome santo.

Olha em Lesbo aquella
No seu Psalteiro insigne conhecida
Dos muitos que por ella
Se perderão, perdeo a chara vida
Na rocha que se inflama
Com ser remedio estremo de quem ama.

Pello moço escolhido,
Onde mais se mostrauão as tres graças,
Que Venus escondido
Para si teue hum tempo antre as alfaças,
Pagou coa morte fria
A mà vida que a muitos ja daria.

E vendose deixada
Daquelle por quem tantos ja deixára,
Se foi desesperada
Precipitar da infame Rocha chara,
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomaime brauos mares,

Tomaime vos, pois outrem me deixou,
E assi dos altos ares,
Pendendo com furor se arremessou,
Acude tu suaue,
Acude poderosa, & diuina aue.

Toma nas asas tuas
Minino pio Elysa sem perigo,
Antes que nessas cruas
Agoas, quando apague o fogo antigo,
He digno amor tamanho
De viuer, & ser tido por estranho.

Não que he razão que seja
Para as lobas isentas que amor vendem,
Exemplo onde se veja
Que tambem ficão presas as que prendem:
Assi deu por sentença
Nemesis, que amor quis que tudo vença.

Ode quinta.

NVnca manhã ſuaue
Eſtendendo ſeus rayos pello mundo,
Deſpois de noite graue,
Tempeſtuoſa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que ja no fundo
Se vio em mares groſſos,
Como a luz clara a mĩ dos olhos voſſos.

Aquella fermoſura
Que sò no virar delles reſplandeſce,
Com que a ſombra eſcura
Clara ſe faz, & o campo reuerdeſce,
Quando meu penſamento ſe entriſteſce,
Ella & ſua viueza
Me desfazem a nuuem da triſteza.

O meu peito onde eſtais,
He pera tanto bem pequeno vaſo,
Quando a caſo virais
Os olhos que de mĩ não fazem caſo,
Todo gentil ſenhora então me abraſo
Na luz que me conſume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tiuera
Que a tão fermosos olhos entregara,
Todas quantas tiuera
Pollas peſtanas delles pendurara,
E enleuadas na viſta pura & clara,
(Poſto que diſſo indignas,)
Se andarão ſempre vendo nas mininas.

E vos que deſcuidada
Agora viuireis de tais querellas,
D'almas minhas cercada
Não podeßeis tirar os olhos dellas,
Não pode ſer que vendo a voſſa antr'ellas
A dor que lhe moſtraſſem
Tantas hũa alma sò não abrandaſſem.

Mas pois o peito ardente
Hũa sò pòde ter, fermoſa dama,
Baſta que eſta sòmente
Como ſe foſſem duas mil vos ama:
Para que a dor de ſua ardente flama
Conuoſco tanto poſſa,
Que não queiras ver cinza hũa alma voſſa.

TERCEIRA PARTE.

Das Elegias, & algũas Oitauas.

ELEGIA PRIMEIRA.

O Poeta Simonides fallando
Co capitão Themistocles hum dia
Em cousas de sciencia praticando,
Hũa arte singular lhe prometia,
Que então compunha, com que lhe ensinasse
A se lembrar de tudo o que fazia.
Onde tão sutis regras lhe mostrasse
Que nunqua lhe passasse da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merescia certo fama & gloria,
Quem daua regra contra o esquecimento,
Qu'enterra em si qualquer antigua hystoria.
Mas o capitão claro cujo intento
Bem differente estaua, porque auia
As passadas lembranças por tormento.
Ô illustre Simonides (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras à memoria noua via,
Se me desses hũa arte que em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,

Ô quanto milhor obra me farias.
Se este excellente ditto ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente
Em lougas esperanças degradado,
Ô como bradaria justamente
Simonides inuenta nouas artes
Não meças o passado co presente.
Que se he forçado andar por varias partes
Buscando à vida algum descanso honesto,
Que tu fortuna injusta mal repartes,
E se o duro trabalho he manifesto
Que por graue que seja, ha de passarse
Com animoso sprito, & ledo gesto,
De que serue às pessoas alembrarse
Do que se passou ja, pois tudo passa
Senão de entristecerse, & magoarse?
Se n'outro corpo hũa alma se traspassa,
Não, como quis Pithagoras na morte,
Mas como manda Amor na vida escassa,
E se este amor no mundo está de sorte
Que na virtude sò d'hum lindo obiecto
Tem hum corpo sem alma viuo & forte,
Onde este obiecto falta, que he defecto
Tamanho pera a vida, que ja nella
M'está chamando à pena a duro Alecto:

Porque

Porque me não criára minha estrella
Seluatica no mundo, & habitante
Na dura Scythia, on na aspereza della:
Ou no Caucaso horrendo fraco infante,
Criado ao peito d'algũa tigre Hyrcana,
Homem fora formado de diamante.
Porque a ceruiz ferina & inhumana
Não sommettera ao jugo & dura lei
Daquelle que dâ vida quando engana:
Ou em pago das agoas que estillei
As que do mar passei forão de Lethe,
Para que m'esquecera o que passei.
Que o bem que a esperança vãa promete,
Ou a morte o estorua, ou a mudança,
Que he mal que hũa alma em lagrimas derrete,
Ia senhor cairà como a lembrança
No mal do bem passado, he triste & dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quiser saber como se apura
N'hũa alma saudosa, não se enfade
De ler tão longa & misera escrittura.
Soltaua Eolo a redea & liberdade
Ao manso Fauonio brandamente,
E eu ja tinha solta a saudade,
Neptuno tinha posto o seu Tridente.

A proa a branca escuma diuidia,
Coa gente maritima contente.
O coro das Nereidas nos seguia,
Os ventos namorada Galathea,
Consigo sossegados os mouia.
Das argenteas conchinhas Panopea
Andaua pello mar fazendo molhos:
Melanto, Diamene, com Legea.
Eu trazendo lembranças por antolhos
Trazia os olhos na agoa sossegada,
E a agoa sem sossego nos meus olhos.
A bemauenturança ja passada
Diante mi tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto, & descontente,
C'hum sospiro profundo, & mal ouuido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente:
Dizia, ò claras Nymphas, se o sentido
Em puro amor tiuestes, & inda agora
Da memoria o não tendes esquecido,
Se por ventura fordes algũa hora
Aonde entra o gran Tejo a dar tributo
A Thetis, que vos tendes por senhora,
Ou por verdes o prado verde enxuto
Ou por colherdes ouro rutilante,

Das Tagicas areas rico frutto:
Nellas em verso heroico & elegante,
Escreuei c'hũa concha o que em mĩ vistes,
Pode ser que algũm peito se quebrante.
E contando de mĩ memorias tristes,
Os pastores do Tejo que me ouuião
Oução de vos as magoas que me ouuistes.
Ellas que ja no gesto me entendião,
Nos meneos das ondas me mostrauão
Que em quanto lhe pedia consentião.
Estas lembranças que me acompanhauão
Polla tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta graue me deixauão,
Porque chegado ao cabo da esperança,
Começo da saudade que renoua,
Lembrando a longa & aspera mudança.
Debaixo estando ja da estrella noua,
Que no nouo Hemispherio resplandesce,
Dando do segundo axe certa proua.
Eis a noite com nuẽs escuresce
Do ar supitamente foge o dia,
E o largo Oceano se embraueſce:
A machina do mundo parecia
Que em tormenta se vinha desfazendo,
Em serras todo o mar se conuertia.

Lutando

Luttando Boreas fero, & Noto horrendo,
Sonoras tempestades leuantauão,
Das naos as velas concauas rompendo.
As cordas co ruido assuuiauão,
Os marinheiros ja desesperados
Com gritos pera o ceo o ar coalhauão.
Os rayos por Vulcano fabricados
Vibraua o fero & aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Alli amor mostrandose possante
E que por nenhum modo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante,
Vendo a morte diante, em mi dezia,
Se algũa ora senhora vos lembrasse
Nada do que passei me lembraria.
Emfim nunca ouue cousa que mudasse
O firme amor do intrinsico daquelle
Em cujo peito hũa vez de siso entrasse.
Hũa cousa senhor por certo assselle,
Que nunqua amor se affina, nem se appura
Em quanto está presente a causa delle.
Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada & longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nos s'encerra,

E dos propios quam pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Que hũa ilha que o Rei de Porcà tem
Que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomarlha, & sucedeonos bem.
Com hũa armada grossa, que ajuntàra
O Visorei de Goa, nos partimos
Com toda a gente darmas que se achâra,
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curuo arco exercitada.
Com mortes cõ incendios os punimos.
Era a ilha com agoas alagada,
De modo que se andaua em almadias,
Emfim outra Veneza trasladada,
Nella nos detiuemos sòs dous dias,
Que forão para algũs os derradeiros,
Que passârão de Styge as agoas frias.
Que estes são os remedios verdadeiros
Que pera a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por caualleiros.
Ó lauradores bemauenturados,
Se conhecessem seu contentamento,
Como viuem no campo sossegados.
Dalhes a justa terra o mantimento,
Dalhes a fonte clara à agoa pura,

Mungem

Mungem suas ouelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Não temem o furor da guerra dura.
Viue hum com suas aruores contente,
Sem lhe quebrar o sono sossegado
O cudado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos laurado:
Se não tem as dilicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltão
O Piropo, a Esmeralda, & o Iacintho,
Se suas casas d'ouro não se esmaltão,
Esmaltaselhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.
Alli amostra o campo varias cores,
Vem se os ramos pender co fruto ameno,
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantara Tityro, & Sileno,
Emfim por estas partes caminhou
A saã justiça pera o cèo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viuer na doce companhia
Das mansas ouelhinhas que criou.

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturais de toda a cousa,
Como se gera a chuua & neue fria.
Os trabalhos do sol que não repousa,
E porque nos dà a lũa a luz alhea,
Se tolhernos de Phebo os rayos ousa.
E como tão de pressa o cèo rodea,
E como hum sò os outros traz consigo,
Ese he benigna ou dura Scytharea.
Bem mal pode entender isto que digo,
Quẽ ha de andar seguindo o fero Marte
Que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porem seja senhor de qualquer arte,
Que posto que a fortuna possa tanto,
Que tão lõge de todo o bem me aparte,
Não poderâ apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quãto a morte
Me não entrega ao duro Rhadamanto,
Se pera tristes ha tão leda sorte.

Elegia segunda.

A DOM ANTONIO DE NOronha eſtando na India.

AQuella que de amor deſcomedido
Pello fermoſo moço ſe perdeo,
Que sò por ſi de amores foi perdido.
Deſpois que a Deoſa em pedra a conuerteo,
De ſeu humano geſto verdadeiro,
A vltima voz ſò lhe concedeo.
Aſsi meu mal do proprio ſer primeiro
Outra couſa nenhũa me conſente,
Que eſte canto que eſcreuo derradeiro.
E ſe algũa pouca vida eſtando auſente
Me deixa amor, he porque o penſamento
Sinta a perda do bem d'eſtar preſente.
ſenhor vos eſpanta o ſentimento
Que tenho em tanto mal para eſcreuelo,
Furto eſte breue tempo a meu tormento.
Porque quem tem poder para ſoffrello
Sem ſe acabar a vida co cuidado,
Tambem terá poder pera dizello.
Nem eu eſcreuo mal tão coſtumado,
Mas n'alma minha triſte, & ſaudoſa
A ſaudade eſcreue, & eu traslado.
Ando gaſtando a vida trabalhoſa,
Eſpalhando a continua ſaudade,
Ao longo de hũa praya ſaudoſa.
Vejo do mar a inſtabilidade,
Como com ſeu ruido impetuoſo,

Retumb

Retumba na mayor concauidade.
E com sua branca escuma furioso,
Na terra a seu pesar lhe está tomando
Lugar onde se estenda cauernoso.
E lla como mais fraca lhe está dando
As concauas entrenhas onde esteja
Suas salgadas ondas espalhando.
A todas estas cousas tenho inueja
Tamanha, que não sei determinarme,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesperarme,
Não posso, porque amor & saudade,
Nem licença me dão para matarme.
Aas vezes cuido em mi se a nouidade
E estranheza das cousas coa mudança,
Se poderão mudar hũa vontade.
E com isto afiguro na lembrança
A noua terra, o nouo tratto humano,
A estrangeira gente, & estranha vsança.
Subome ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe diuidio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
Dalli estou tenteando aonde vio
O pomar das Hesperidas, mattando
A serpe que a seu passo resistio.
Em outra parte estou afigurando
O poderoso Antheo, que derrubado
Mais força se lhe estáua accrescentando.
Mas do Herculeo braço sojugado
No ar deixou a vida, não podendo
Da madre terra ja ser ajudado.

Nem

Nem com isto em fim que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo remudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Que estejão de firmeza acompanhadas.
Vi ja que a Primauera de contente
De mil cores alegres reuestia
O monte, o rio, o campo alegremente.
Vi ja das altas aues a armonia,
Que ate aos montes duros conuidaua
A hum modo suaue de alegria.
Vi ja que tudo emfim me contentaua,
E que de muito cheo de firmeza
Hum mal por mil prazeres não trocaua.
Tal me tem a mudança & estranheza,
Que se vou pellos campos, a verdura
Paresce que se secca de tristeza.
Mas isto he ja costume da ventura,
Que os olhos que viuem descontentes,
Descontente o prazer se lhe afigura.
ô graues & insuffriueis accidentes
De fortuna & d'amor, que penitencia
Tão graue dais aos peitos innocentes.
Não basta exprimentarme a paciencia,
Com temores, & falsas esperanças,
Sem que tambem m'attẽte o mal d'ausencia
Trazeis hum brando animo em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado,
De lagrimas, suspiros, & lembranças.

Esse estiuer ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunqua viua descansado.
Viuia eu sossegado na tristeza,
E alli não me faltaua hum brando engano,
Que tirasse os desejos da fraqueza.
E vendome enganado estar vfano,
Deu á roda fortuna,& deu comigo
Onde de nouo choro o nouo danno.
Ia deue de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que callo,
A quem ja vio tão aspero perigo.
E se nos brauos peitos faz aballo
Hum peito magoado,& descontente,
Que obriga a quem o ouue a consolallo;
Não quero mais senão que largamente
Senhor me mandeis nouas dessa terra,
Ao menos poderei viuer contente.
Porque se o duro fado me desterra,
Tanto tempo do bem,que o fraco esprito
Desampare a prisaõ onde se encerra;
Ao som das negras agoas de Cocito
Ao pê dos carregados aruoredos
Cantarei o que n'alma tenho escritto.
E por entre esses horridos penedos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos asperos & medos.
Com a tremula voz, cansada, & fria,
Celebrarei o gesto claro & puro,
Que nunqua perderei da fantasia.
E o musico de Thracia ja seguro

De perder sua Eurydice tangedo,
Me ajudara ferindo o ar escuro.
As namoradas sombras reuoluendo
Memorias do passado me ouuirão,
E com seu choro o rio irá crescendo.
Em Salmonco as penas faltarão,
E das filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vasos se enherão.
Que se o amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura;
Porque em fim a alma viue eternamente,
E amor he affeito d'alma, & sempre dura.

Elegia segunda.

O Sulmonense Ouidio desterrado
Na aspereza do Pontho, imaginando
Vérse de seus parentes apartado:
Sua chara molher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando:
Não podendo encubrir o sentimento,
Aos montes, & às agoas se queixaua
De seu escuro & triste nascimento.
O curso das estrellas contemplaua,
E como por sua ordem discurria:

O ceo, o ar, & a terra adonde estaua.
O s peixes pello mar nadando via,
As feras pello monte, procedendo
Como seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal,
A sua natureza obedescendo.
Assi sò, de seu proprio natural,
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Sò sua doce Musa o acompanha,
Nos versos saudosos que escreuia,
E lagrimas com que alli o campo banha.
Dest'arte me figura a fantasia
A vida com que viuo desterrado,
No bem que noutro tempo possuîa.
Alli contemplo o gosto ja passado,
Que nunqua passarâ polla memoria,
De quem o tem na mente debuxado.
Alli vejo a caduca & debil gloria,
Desenganar meu erro, coa mudança
Que faz a fragil vida transitoria:
Alli me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho, & me entristesce,
Ver sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com causa se padesce
A causa tira o sentimento della,
Mas muito doe a que se não merece.
Quando a roxa manhã, fermosa, & bella
Abre as portas ao sol, & cae o orualho,
E torna a seus queixumes Philomela.
Este cudado que co sono atalho
Em sonhos me parece, que o que a gente
Para descanso tem, me dà trabalho.
E depois de acordado cegamente
(Ou por melhor dizer desacordado,
Que pouco acordo tem hum descontente)
Dalli me vou com passo carregado,
A hum outeiro erguido, & alli me assento,
Soltando a redea toda a meu cudado.
Depois de farto ja de meu tormento,
Dalli estendo os olhos saudosos
Aa parte aonde tenho o pensamento.
Não vejo se não montes pedregosos.
E os campos sem graça, & seccos vejo,
Que ja floridos vira, & gracioſos.
Vejo o puro, suaue, & brando Tejo,
Com as concauas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito seu desejo.
Hũas co brando vento nauegando,

Outras cos leues remos brandamente
As cristallinas agoas apartando.
Dalli fallo coa agoa que não sente,
Com cujo sentimento a alma sai
Em lagrimas desfeita claramente.
Ô fugitiuas ondas esperai,
Que pois me não leuais em companhia,
Aomenos estas lagrimas leuai.
Ate que venha aquelle alegre dia,
Que eu vá onde vos bis contente & ledo,
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pòde tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabarà,
Que se acabe tão aspero degredo.
Mas esta triste morte que virà,
Se em tão contrario estado me acabasse,
A alma impaciente adonde irâ?
Que se às portas Tartareas chegasse
Temo que tanto mal polla memoria
Nem ao passar de Lethe lhe passasse.
Que se a Tantalo & Tycio for nottoria
A pena com que vay que a atormenta,
A pena que lâ tem terão por gloria.
Esta imaginação me accrescenta
Mil magoas no sentido, porque a vida

De imaginações tristes se sustenta.
Que pois de todo viue consumida,
Porque o mal que possue se resumma
Imagina na gloria possuîda.
Atte que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que fortuna faça o que costuma,
Se nella hahi mudar hum triste estado.

CAPITVLO.

AQuelle mouer d'olhos excellente,
Aquelle viuo spiritu inflãmado
Do cristallino rosto transparente,
Aquelle gesto immoto & repousado,
Qu'estando n'alma propriamente escritto,
Não pôde ser em verso trasladado,
Aquelle parecer que he infinito
Pera se comprender de engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito;
Me inflamma o coração d'hum doce engano,
M'enleua,& engrandesce a fantasia,
Que não vi mayor gloria que meu danno.
ô bemauentnrado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desuia.

Eb: mauenturado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Façame quem me mata, o mal que ordena,
Tratteme com enganos, desamores,
Que então me salua, quando me condena.
E se de tão suaues disfauores
Penando viue hũa alma consumida,
ò que doce penar, que doces dores!
E se hũa condição endurescida
Tambem me nega a morte por meu danno,
ò que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra hum gesto brando & humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
ò que doce mintir, que doce engano!
E se em quererlhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
ò que doce fingir, que doce cacha!
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem sò na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vittoria?
Se tanto vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para mereceruos,
Que quero eu mais, que teruos por senhora?
Se procede este bem de conheceruos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais senhora, que querervos?
Se em meu proueito faz qualquer partido,

Sô na vista d'hũs olhos taõ serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se meus baixos spritos de piquenos
Ainda não merescem seu tormento,
Que quero eu mais q̃ o mais não seja menos?
A causa emfim m'esforça o soffrimento,
Porque a pesar do mal que me resiste
De todos os trabalhos me contento,
Que â razão faz a pena alegre ou triste.

A dom Antonio de Noronha, sobre o Desconcerto do mundo.

QVem pôde ser no mundo taõ quieto?
Ou quem terá taõ liure o pensamento?
Quem taõ exprimentado, & taõ discreto,
Taõ fora emfim de humano entendimento?
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe não. reuolua & espante o sentimento,
Deixandolhe o juyzo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem há que veja aquelle que viuia
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Que ao juyzo das gentes merescia
Perpetua pena, immensos vituperios,
Se a fortuna em contrario o leua & guia,
Mostrando em fim que tudo saõ mysterios,
Em alteza d'estado os triumphante,
Que por liure que seja não se espante?

Quem

Quem ha que veja aquelle que tão clara
Teue a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo âs gentes o julgara,
Ainda que lhe vira aberto o peito,
Se a má fortuna ao bem sòmente auara
O reprime, & lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado
Por mais & mais que seja exprimentado?

Democrito dos Deoses preferia
Que eraõ sòs dous, a pena & beneficio,
Segredo algum será da fantasia,
De que eu achar não posso claro indicio,
Que se ambos vem por não cudada via,
A quem os naõ merece, he grande vicio,
Em Deoses sem justiça & sem razaõ
Mas Democrito o disse, & Paulo não.

Dirm'eis que se este estranho desconcerto
Nouamente no mundo se mostrasse,
Que por liure que fosse, & mui experto,
Não era d'espantar se me espantasse,
Mas que seja de Socrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Que tome exemplo delle, & não m'espante.

Paresce

Parece a razão boa, mas eu digo
Que este vso da fortuna tão dannado,
Que quanto mais vsado, & mais antigo
Tanto he mais estranhado, & blasphemado:
Pòr que se o cêo das gentes tão amigo
Não dâ â fortuna tempo limitado,
Não he para causar mui grande espanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro espanto mayor aqui me enlea,
Que com quanto fortuna tão profana
Com estes desconcertos senhorea,
A nenhũa pessoa desengana,
Não ha ningem que assente, nem que crea
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem que entenda,
Que algum pouco do mundo naõ pretenda.

Diogenes pisaua de Plataõ
Com seus sordidos pès o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presunçaõ,
Em desprezar o fausto tão prezado,
Diogenes naõ ves que estremos saõ
Esses que segues de mais alto estado,
Que se de desprezar te prezas muito,
Ia pretendes do mundo fama & fruito.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sede cubiçosa,
De querer dominar, & mandar tudo
Com fama larga, & pompa sumptuosa,
Deixo aquelles que tomão por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,
E não cudão de si que são peores.

Deixo aquelle a quem o sono esperta
Do gran favor do Rei que serue & adora,
Que se mantem desta aura, falsa, incerta,
Que dos corações tanto he senhora.
Deixo aquelles que estão coa boca aberta
Por se encher de thesouros d'hora em hora,
Doentes desta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem doutra cousa algũa he sojugado
Que de hũa opinião, & vsança antiga:
Mas pregunto ora a Cesar esforçado,
Ou a Platão diuino, que me diga:
Este das muitas terras em que andou,
Este outro de vencellas, que alcançou?

Cesar:

Cesar dirâ, Soudino de memoria,
Vencendo varios pouos esforçados,
Fui Monarcha do mundo, & larga hystoria
Ficarâ de meus feitos sublimados,
He verdade: mas esse mando & gloria
Lograsteo muito tempo? os conjurados
Bruto & Cassio o dirão que se venceste
Emfim emfim âs mãos dos teus morreste.

Dirà Platão por ver o Ethna & o Nilo
Fui a Cicilia, ao Egypto, & a outras partes,
Sò por ver & escreuer em alto estillo
Da natural sciencia em muitas artes,
O tempo he breue, & queres consumillo,
Platão, todo em trabalhos: & repartes
Tão mal de teu estudo as breues horas,
Quem emfim do falso Phebo o filho adoras.

Pois quando do mundo està apartada
A alma desta prisão terreste & escura,
Està em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura,
Pois se o corpo terreno sinta nada
O Synico o dirá, se por ventura
No campo onde deitado morto estaua
De si os cães & as aues enxotaua.

Quem

Quem tão baixa tiuesse a fantasia
Que nunqua em mòres cousas a meteſſe,
Que em sô leuar seu gado á fonte fria,
E mungirlhe do leite que bebeſſe,
Quão bemauenturado que seria,
Que por mais que fortuna reuolueſſe,
Nunqua em si sentiria mayor pena,
Que peſarlhe da vida ſer pequena.

Veria erguer do ſol a roxa face,
Veria correr ſempre a clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde naſce,
Nem quem a luz eſconde no Orizonte,
Tangendo a frauta donde o gado paſce,
Conheſceria as heruas do alto monte,
Em Deos creria ſimples & quieto,
Sem mais eſpecular nenhum ſecreto.

De hum certo Traſilao ſe lee & eſcreue
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido hum grã tempo o ſiſo teue
Por cauſa d'hũa grande infirmidade,
E em quanto de ſi fora doudo eſteue
Tinha por teima, & cria por verdade
Que erão ſuas as naos que nauegauão,
Quantas no porto Pirèo anchorauão.

Por

Por hum ſenhor mui grande ſe teria
(Alem da vida alegre que paſſaua)
Pois nas que ſe perdião não perdia,
E das que vinhão ſaluas ſe alegraua,
Não tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito ſeu irmão, que auſente eſtaua,
Aa terra chega, & vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi cõmouido.

Aos medicos o entrega, & com auiſo
O faz eſtar â cura reſuſada,
Triſte, que por tornarlhe o charo ſiſo,
Lhe tira a doce vida deſcanſada,
As heruas Appollinias de improuiſo
O tornão à ſaude atras paſsada,
Seſudo Traſilao, ao charo irmão
Agradeſce a vontade, a obra não.

Porque depois de verſe no perigo
Dos trabalhos que o ſiſo lhe obrigaua,
E depois de não ver o eſtado antigo
Que a vã apinião lhe apreſentaua,
Ô imigo irmão com cor d'amigo,
Para que me tiraſte (ſuſpiraua)
Da mais quieta vida, & liure em tudo,
Que nunqua pode ter nenhum ſeſudo.

Porque Rei, porque duque me trocàra?
Porque senhor de grande fortaleza?
Que me daua que o mundo se acabâra?
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora heme pesada a vida chara.
Sei que cousa he trabalho, & que tristeza,
Torname a meu estado, que eu te auiso
Que na doudice sò consiste o siso.

Vedes aqui senhor, mui claramente
Como fortuna em todos tem poder,
Senão sò no que menos sabe & sente
Em quem nenhum desejo pòde auer,
Este se pode rir da cega gente,
Neste não pòde nada acontescer,
Nem estarâ suspenso na balança
Do temor mao da perfida esperança.

Mas se o sereno cèo me concedera
Qualquer quieto, humilde, & doce estado,
Onde com minhas Musas sò viuera,
Sem verme em terra alhea degradado,
E alli outrem ninguem me conhescera
Nem eu conhescera outro mais honrado,
Senão a vos tambem, como eu, contente,
Que bem sei que o serieis facilmente.

E ao longo d'hũa clara & pura fonte,
Que em burbulhas nascendo conuidasse
Ao doce passarinho que nos conte
Quem da clara consorte o apartasse:
Depois cubrindo a neue o verde monte
Ao gasalhado o frio nos leuasse,
Auiuando o juyzo ao doce estudo,
Mais certo manjar d'alma emfim que tudo.

Cantàranos aquelle que tão claro
O fez o fogo da aruore Phebea,
A qual elle em estillo grande & raro,
Louuando, o cristallino rio enfrea,
Tangeranos na frauta Sannazaro,
Hora nos montes, hora pella aldea,
Passara celebrando o Tejo vfano
O brando & doce Lasso Castelhano.

E commosco tambem se achará aquella
Cuja lembrança, & cujo claro gesto
N'alma somente vejo: porque nella
Está em essencia, puro & manifesto,
Por alta influiçã o de minha estrella,
Mitigando o firme peito honesto,
Entretescendo rosas nos cabellos
De que tomasse a luz o sol em vellos.

E alli em quanto as flores acolheſſe,
Ou pello inuerno ao fogo accommodado,
Quanto de mĩ ſentira nos diſſeſſe
De puro amor o peito ſalteado,
Naõ pedira então que amor me deſſe
De Traſilao o inſano & doudo eſtado,
Mas que entaõ me dobraſſe o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leua a fantaſia,
Porque imagino em bemauenturanças
Se taõ longe a fortuna me deſuia,
Qu'inda me não conſente as eſperanças?
Se hum nouo penſamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as eſquiuanças
Do bem me fazem tão deſamparado,
Que não pode ſer mais que imaginado.

Fortuna em fim co Amor ſe conjurou
Contra mĩ, porque mais me magoaſſe,
Amor a hum vaõ deſejo me obrigou,
Sò para que à fortuna mo negaſſe,
A eſte eſtado o tempo me achegou,
E nelle quis que a vida ſe acabaſſe,
Se ha em mĩ acabarſe, qu'eu não creo,
Que atte da muita vida me receo.

OITAVA RHIMA,

A dom Constantino, Visorei na India.

COmo nos vossos ombros tão constantes
(Principe illustre & raro) sustenteis
Tantos negocios arduos & importantes,
Dignos do largo Imperio que regeis,
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar & a terra segureis
Do pirata insolente, & do tyranno;
Iugo do potentissimo Ottomano.

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juyzo alheo,
Aa desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhaes o duro freo,
Se com minha escrittura longa & varia
Vos occupasse o tempo, certo creo
Que com ridiculosa fantasia
Contra o commum proueito peccaria.

E não menos seria reputado
Por doce adulador, sagaz & agudo,
Que contra meu tão baixo & triste estado
Busco fauor em vos, que podeis tudo,
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde & rudo:
Dirão que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.

Porem porque a virtude pòde tanto
No liure arbitrio (como disse bem
A Dario Rei, o moço sabio & santo,
Que foi reedificar Hierusalem)
Esta me obriga que em humilde canto
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faça claro o que vos não alcança,
E não de premio algum vil d'esperança.

Romulo, Bacco, & outros, que alcançârão
Nomes de Semideoses soberanos,
Em quanto pello mundo exercitárão
Altos feitos, & quasi mais que humanos
Com justissima causa se queixârão
Que não lhe respondêrão os mundanos
Fauores, do rumor justos & iguoaes,
A seus merecimentos immortaes.

Aquelle que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Antheo,
A quem os seus trabalhos taõ famosos
Fizerão cidadaõ do alto cêo,
Achou que a má tençaõ dos enuejosos
Naõ se doma senaõ despois que o vêo
Se rompe corporal, porque na vida,
Ninguem alcança a gloria merescida.

Pois logo se varões taõ excellentes
Foraõ do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudes gentes
Em louuor dos Reais & sublimados,
Quem no lume dos vossos ascedentes,
Poderâ por os olhos, que abalados
Lhe não fiquem da luz vendo os mayores
Vossos passados Reis & emperadores.

Quem verâ aquelle pay da patria sua
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo sò coa espada nua
Remoueo do pescoço Lusitano,
Que não diga ô gran Nuno a eterna tua
Memoria causarà, se não m'engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunqua possas ser senaõ sublime.

Nisto não fallo mais, porque conheço
Que da materia se me abaixa o engenho,
Mas pois que a dizer tudo me offereço,
Que dias ha que no desejo o tenho,
Sendo vos de tão alto & illustre preço
A vida fostes pòr n'hum fraco lenho,
Por largo mar, & vndosa tempestade,
Sò por seruir a Regia Magestade.

E despois de tomar a redea dura
Na mão, do pouo indomito que estaua
Costumado à largueza, & à soltura
Do pesado gouerno que acabaua,
Quem não terâ por santa & justa cura
Qual de vosso conceito se esperaua,
A tão desenfreada infirmidade
Applicarlhe contraria qualidade?

Não he muito senhor, se o moderado
Gouerno se blasphema, & se desama,
Porque o pouo a larguezas costumado
Aa lei serena & justa dura chama,
Pois o zello em virtude sò fundado
De saluar almas da Tartarea flamma
Coa agoa salutifera de Christo,
Poderâ por ventura ser mal quisto?

Quem quiſeſſe negar tão gran verdade
Qual he o ſeu effeito ſanto & pio,
Negue tambem ao ſol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio:
Que o ſucceſſo he contrario da vontade,
Ás obras que ſaõ boas, & o deſuio:
Eſtâ nas mãos dos homẽs comettellas,
E nas de Deos eſtà o ſucceſſo dellas.

Sey eu, & ſabem todos os futuros
Verão por vos o eſtado accreſcentado,
Serão memoria voſſa os fortes muros
Do Cambaico Dâmão bem ſuſtentado:
Da ruina mortal ſerão ſeguros,
Tendo todo o alicerſe ſeu fundado
Sobre orfãs emparadas com maridos,
E pagos os ſeruiços bem deuidos.

Camanha infamia aa Principe he perderſe
Ponto do eſtado ſeu, que inteiro herdou,
Por tão celebre gloria pòde terſe
Se accreſcentado & proſpero o deixou,
Nunqua conſintio Roma ennobrecerſe
Com triumpho ninguem, ſe não ganhou
Prouincia que o Imperio accreſcentaſſe,
Por mayores vittorias que alcançaſſe.

Pòde tomar o voſſo nome dino
Damão por honra ſua clara & pura,
Como ja do primeiro Conſtantino
Tomou Bizancio aquelle que inda dura,
E tu Rei que no Reino Neptunino
La no ſeo Gangetico a natura
Te apoſentou, de ſeres enemigo
Deſte eſtado, não ficas ſem caſtigo.

Bem viſte contra ti nadantes naues,
Cortar a eſpumoſa agoa nauegando,
Ouuiſte o ſom das tubas não ſuaues,
Mas com temor horrifero ſoando,
Sentiſte os golpes aſperos & graues
Do braço Luſitano nunqua brando,
Não ſoffreſte o grã brado penetrante
Que os troũões imita do Tonante.

Mas antes dando as coſtas & a vittoria
Aa Bargances ventura, não corrido,
Dèſte bem a entender camanha gloria
He de tal vencedor ſeres vencido,
Quem fez obras tão dignas de memoria
Sempre ſerà famoſo & conheſcido,
Onde os juyzos altos ſe eſtimarem,
Que eſtes sòs tem poder de fama darem.

Não vos temais ſenhor do pouo ignaro,
E ingrato a quem tanto fez por elle,
Mas ſabei, que he final de ſerdes claro,
Serdes agora tão mal quiſto delle:
Themiſtocles da patria ſua emparo,
O forte liberal Cimon, & aquelle
Que leis ao pouo deu de Eſparta antigo,
Teſtemunhas ſerão diſto que digo.

Pois ao juſto Ariſtides hum robuſto,
Votando no Oſtraciſmo coſtumado,
Lhe diſſe claro aſsi porque era juſto,
Deſejaua que foſſe deſterrado,
Pachitas por fugir do pouo injuſto,
Calūnioſo, dando no Senado,
Conta de Lesbos, que elle ja mandàra,
Se tirou com ſua eſpada a vida chara.

Demoſthenes deitado das tormentas
Populares, a Pallas foi dizendo,
De que tres monſtros grandes te contentas,
Do Drago, Emocho, & do vil pouo horrendo?
Que glorias immortaes ouue, que iſentas
Do veneno vulgar foſſem? & vendo,
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vos tambem ſois hum dos Luſitanos.

OITAVA RHIMA,

Sobre a ſetta que o ſanto Padre mandou a elRey dom Sebaſtião, no anno do Senhor de 1575.

MVi alto Rey, a quem os cèos em ſorte
Derão o nome Auguſto, & ſublimado,
Daquelle caualleiro que na morte
Por Chriſto foi de ſettas mil paſſado,
Pois delle o fiel peito, caſto, & forte
Co nome Imperial tendes tomado,
Tomai tambem a ſetta veneranda,
Que a vos o ſucceſſor de Pedro manda.

Ia por ſorte do cèo, que o conſentio,
Tendes o braço ſeu, reliquia chara,
Defenſor contra o gladio que ferio
O pouo que Dauid contar mandara.
No qual, pois tudo em vos ſe permittio,
Preſagio temos, & eſperança clara
Que ſereis braço forte & ſoberano,
Contra o ſoberbo gladio Mauritano.

E o que este presagio agora encerra,
Nos faz ter por mais certo & verdadeiro
A setta que vos dâ quem he na terra
Das reliquias celestes dispenseiro,
Que as vossas settas saãs na justa guerra
Agudas entrarão por derradeiro,
Caynd o a vossos pès pouo sém lei
Nos peitos que inimigos saõ do Rei.

Quando vossas bandeiras despregaua
Albuquerque fortissimo com gloria,
Pollas prayas da Persia, & alcançaua
De nacões tão remotas a vittoria,
As settas embebidas que tiraua
O arco Armusiano, he larga hystoria,
Que no ar, Deos querendo, se virauão.
Pregandose nos peitos que as tirauão.

O querido de Deos por quem peleja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode porque veja
Que quem a Deos ama, he de Deos amado,
Os contrarios reueis â madre Igreja
Atroarão co tom do cèo irado,
Que assi deu ja fauor mayor que humano,
A Iosue Hebreo, a Theodosio Hispano.

Pois

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si sò nociuas saõ,
Que faraõ Rei as vossas, que tem liga
Coa que ja tocou Sebastiaõ?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A leuantar a Deos o coração,
Crendo que as que vos atirareis
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rei do largo imperio conhecido,
Romano, & sò reliquia do Troyano,
Vingou com setta & animo attreuido
As soberbas palauras de Numano,
E logo foi dalli remunerado,
Com louuores d'Appollo celebrado.

Assi vos Rei, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bẽs certissima esperança,
Nos costumes & aspeito que mostrais
Concebemos segura confiança
Que Deos a quem seruis & venerais
Vos farâ vingador dos seus reueis,
E os premios vos darâ que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
Saõ destes vossos Reinos com verdade,
Recebei com humilde & leda mão,
Pois he deuido a Reis benignidade,
Tenhão (se naõ merescem galardão)
Fauor sequer da Regia Magestade,
Assi tenhais de quem ja tendes tanto
Com o nome & reliquia fauor santo.

Fim da Terceira parte.

QVARTA PARTE,
DAS ECGLOGAS.

¶Aa morte de dom Antonio de Noronha, que morreo em Africa, & à morte de dom Ioão III. de Portugal, & de dona Ioana, mãi del Rey dom Sebastião.

ECGLOGA PRIMEIRA.

Vmbrano, & Frondelio, pastores.

VMBRANO.

QVe grande variedade vão fazendo
Frondelio amigo, as oras apressadas,
Como se vão as cousas conuertendo,
Em outras cousas varias, & inspiradas:
Hum dia a outro dia vay trazendo,
Por suas mesmas horas ja ordenadas,
Mas quão conformes saõ na quantidade,
Tão differentes saõ na qualidade.

Eu vi ja deste campo as varias flores
Aas estrellas do ceo fazendo inueja,
Vi andar adordanos os pastores
De quanto pollo mundo se deseja,
E vi co campo competir nas cores
Os trajos de obra tanta, & tão sobeja,
Que se a rica materia não faltaua,
A obra de mais rica sobejaua.

E vi perder seu preço às brancas rosas,
E quasi escurecerse o claro dia
Diante d'bũas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunqua engrandescia,
Emfim vi as pastoras tão fermosas
Que o amor de si mesmo se temia:
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo está tão differente,
Que moue os corações a grande espanto,
E parece que Iupiter potente
Se enfada ja d'o mundo durar tanto,
O Tejo corre turuo & descontente,
As aues deixão seu suaue canto,
E o gado em ver que a herua lhe falleſce
Mais que de a não comer nos emmagreſce.

Frõd. Vmbrano irmão, decreto he da natura
Inuiolauel, fixo, & sempiterno,
Que a todo o bem succeda desuentura,
E não aja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao verão suaue, o duro inuerno,
E se hahi quem sayba ter firmeza,
He sòmente esta lei de natureza.

Toda alegria grande & sumptuosa
A porta abrindo, vem ao triste estado:
Se hũa hora vejo alegre & deleitosa,
Temendo estou do mal aparelhado,
Não vès que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco & verde prado?
Não te engane nenhum contentamento,
Que mais instauel he que o pensamento.

E praza a Deos que o triste & duro fado
De tamanhos desastres se contente,
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carualho, que queimado
Tão grauemente foi do rayo ardente,
Não seja ora prodigio que declare
Que o Barbaro cultor meus campos are.

Vmb. Em quanto do seguro azambugeiro
Nos pastores de Luso ouuer cajados,
E o valor antigo que primeiro
Os fez no mundo taõ assinalados,
Naõ temas tu Frondelio companheiro,
Q'em nenhum tempo sejaõ sojugados,
Nem que a ceruiz indomita obedeça
A outro jugo algum que se offereça.

E posto que a soberba se leuante
Do imigo, a torto & a direito,
Naõ creas tu que a força repugnante
Do fero, & nunca ja vencido peito
Que desde quem possue o monte Athlante,
Atte onde bebe o Hidaspe tem sogeito,
O possa nunqua ser de força alhea,
Em quanto o sol a terra & o cèo rodea.

Frõ. Vmbrano, a temeraria segurança
Que em força, ou em razão naõ se assegura,
He falsa & vã, que a grande confiança
Naõ he sempre ajudada da ventura,
Que la junto das aras da esperança
Nemesis moderada justa & dura
Hum freo lh'estâ pondo, & lei terribel,
Que os limites não passe do possiuel.

E se attentas bem os grandes dannos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freo tambem a esses enganos
Que te estâ afigurando a cuidia,
Tu não vês como os lobos Tingitanos
Apartados de toda a couardia,
Matão os cães dos gados guardadores,
E não sòmente os cães, mas os pastores?

E o grande curral seguro & forte
Do alto monte Athlas, não ouuiste,
Que com sanguinolenta & fera morte
Despouoado foi por caso triste?
ô caso desastrado, ô dura sorte,
Contra quem força humana não resiste,
Que alli tambem da vida foi priuado
Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmbrano.

De lagrimas me banha todo o peito
Desse caso terribel a memoria,
Quando vejo quam sabio, & quão perfeito,
E quam merecedor de longa hystoria
Era esse teu pastor, que sem direito
Deu às Parcas a vida transitoria:
Mas não kabi quem d'erua o gado farte,
Nem do juuenil sangue o fero Marte.

Porem, se te não for muito pesado,
(Ia que a triste morte me lembraste)
Cantares desse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste
Quando ontem recolhendo o manso gado
De nosoutros pastores te apartaste:
Qu'eu tambem, que as ouelhas recolhia
Não te podia ouuir como queria.

Frondelio.

Como ques que reuoque ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desuentura?
Porque espalhar sospiros vaõs ao vento,
Pera os que tristes saõ he falsa cura,
Mas pois tambem te moue o sentimento
Da morte de Tionio triste & escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor não m'impedir a voz no peito.

Vmbrano.

Canta agora pastor, que o gado pasce
Antre as humidas hervas sossegado,
E lâ nas altas serras, onde nasce
O sacro Tejo, á sombra recostado,
Com seus olhos no chão, a mão na face,
Estâ pera te ouuir aparelhado,
E em silencio triste estão as Nymphas,
Dos olhos estillando claras lymphas.

O prado, as flores brancas & vermelhas,
Está suauemente apresentando,
As doces & sollicitas abelhas
Com hum brando susurro vão voando,
As mansas & pacificas ouelhas,
Do comer esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som diuino
Que faz passando o Tejo cristallino.

O vento dantre as aruores respira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas sombras a aue garrula sospira
Suas magoas espalhando ao vento frio,
Toca Frondelio toca a doce lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao saudoso canto te conuida.

Canta Frondelio.

Aquelle dia as agoas não gostarão
As mimosas ouelhas, & os cordeiros
O campo encherão de amorosos gritos,
Não se pendurarão dos salgueiros
As cabras de tristeza, mas negarão

O pasto a si, & o leite aos cabritos,
Prodigios infinitos
Mostraua aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste:
E tu tambem (ò coruo) o descubriste:
Quando da mão direita em voz escura
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.

Tionio meu, o Tejo crystallino,
E as aruores que tu ja desamparaste,
Chorão o mal de tua ausencia eterna,
Não sei porque taõ cedo nos deixaste?
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar & a terra se gouerna,
E a noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
Cruel, acerba, & triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que logras a fresca primauera?
Naõ vsara comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos certa guarda dos pastores
Ia não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos ceruos dão trabalho
Tudo como vês, he cheo de tristura,
Aas abelhas o campo nega as flores
E âs flores a Aurora nega o orualho,
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que sobia
Mouer as altas aruores tangendo,
Se me vay de tristeza enrouquescendo,
Que tudo vejo triste neste monte,
E tu tambem correndo
Manas enuolta & triste (ò clara fonte.)

As Tagides no rio, & na espessura
No monte, as Oreadas, conhescendo
Quem te obrigou ao duro & fero Marte,
Como geral sentença vão dizendo
Que não póde no mundo auer tristeza
Em cuja causa amor não tenha parte,
Porque assi desta arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
No rosto, que o amor & a fantasia

Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si daua final certo
Do fogo que trazia
Que nunqua soube Amor ser incuberto.

Ia diante dos olhos lhe voauão
Imagẽs, & fantasticas pinturas,
E exercicios do falso pensamento;
E pellas solitarias espessuras,
Entre os penedos sòs que não fallauão,
Falaua & descubria seu tormento.
N'hum longo esquecimento
De si todo embebido,
Andaua tão perdido;
Que quando algum pastor lhe perguntaua
A causa da tristeza que mostraua,
Como quem para penas sô viuia,
Sorrindo lhe tornaua,
Se não viuesse triste morreria.

Mas como este tormento o assinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendido mui bem do pay sesudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,

Porque emfim longa auſencia acaba tudo:
Mas ò falſo Marte rudo,
Das vidas cubiçoſo,
Que aonde o generoſo
Peito reſuſcitaua em tanta gloria
De ſeus anteceſſores a memoria,
Alli fero & cruel lhe deſtruiſte
Por injuſta vittoria
Primeiro que o cudado a vida triſte.

Pareſceme Tionio que te vejo
Por tingires a lança cobiçoſo,
Naquelle infido ſangue Mauritano
No Hiſpano ginete bellicoſo,
Que ardendo tambem vinha no deſejo
De derrubar por terra o Tingitano,
ô confiado engano,
ô incurtada vida,
Que a virtude opprimida
Da multidão forçoſa do inimigo,
Não pode defenderſe do perigo,
Porque aſsi o deſtino o permittio,
E aſsi leuou conſigo
O mais gentil paſtor que o Tejo vio.

Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da soberba & dura guerra,
Do cristallino rosto a cor mudando,
Cujo purpureo sangue derramado
Pellas aluas espaldas tinge a serra,
Que como flor que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo auarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido & cansado,
Tal te pinto Tionio dando o espirito,
A quem to tinha dado,
Qu'este he somente eterno & infinito.

Da boca congelada a alma pura
Co nome juntamente da inimiga,
E excellente Marfida derramaua,
E tu gentil senhora não te obriga
A pranto sempiterno, a morte dura,
De quem por ti somente a uida amaua,
Por ti aos Eccos daua
Accentos numerosos,
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte,

E tu ingrata, o amor ja noutra parte
Porâs, como aconteſce ò fraco intento;
Que emfim emfim deſta arte
Se muda o feminino penſamento,

Paſtores deſte valle ameno & frio,
Que de Tionio o caſo deſaſtrado
Quereis nas altas ſerras que ſe cante,
Hum tumulo de flores adornado,
Lhe edificai ao longo deſte rio:
Que a vella enfree ao duro nauegante,
E o Laſſo caminhante
Vendo tamanha magoa,
Arraſe os olhos d'agoa,
Lendo na pedra dura o verſo eſcritto,
Que diga aſsi: Memoria ſou que grito
Para dar teſtemunho em toda parte
Do mais gentil eſprito
Que tirárão do mundo Amor & Marte.

Vmbrano.

Qual o quieto ſono aos canſados
Debaixo d'algũa aruore ſombria,
Ou qual aos ſequioſos & encalmados,

O vento respirante, & a fonte fria,
Tais me forão teus versos delicados,
Teu numeroso canto & melodia:
E ainda agora o tom suaue & brando,
Os ouuidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiuerem,
As areosas couas deste rio,
E correndo estas agoas conhescerem
Do largo mar o antigo senhorio,
E em quanto estas heruinhas pasto derem
Aas petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viua o pastor que tanto amaste.

Mas ja que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentão,
De flores mil o claro cèo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se apresentão,
Leuemos pello pè desta ferra alta
Os gados, que jagora se contentão
Do que comido tem, Frondelio amigo,
Anda, que atte o outeiro irei contigo.

Frõd. Antes por este valle, amigo Vmbrano
Se te aprouuer, leuemos as ouelhas,
Que se eu por acerto naõ m'engano
D'aqui me soa hum Ecco nas orelhas,
O doce accento não paresce humano,
E se tu neste caso me aconselhas,
Eu quero ver daqui que cousa seja,
Qu'o tom m'espanta, & a voz me faz inueja.

Vmb. Contigo vou, que quanto mais m'achego
Mais gentil me paresce a voz que ouuiste,
Peregrina, excellente, & não te nego
Que me faz cà no peito a alma triste,
Ves como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste,
Nenhum passaro voa, mas paresce
Que do canto vencido lhe obedesce.

Porem irmão melhor me paresçia
Que nãa fossemos lâ, que estoruaremos:
Mas subidos nesta aruore sombria
Todo o valle d'aqui descubriremos,
Os çurrões & cajados toda via
Neste comprido tronco penduremos,
Para subir fica homem mais ligeiro,
Deixame tu Frondelio ir primeiro.

Espera assi, dar'ei de pè se queres,
Subirás sem trabalho, & sem ruido,
E depois que subido la estiueres,
Darm'as a mão de cima, qu'he partido:
Mas primeiro me dize, se puderes
Ver, donde nasce o canto nunqua ouuido,
Quem lança o doce accento delicado
Falla, que ja te vejo estar pasmado.

Vmbrano.

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunqa vi, Frondelio, vejo agora,
Fermosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo diuino gesto o cèo namora.
Hũa de desusada fermosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre hum triste sepulchro, não cessando
Está perlas dos olhos distillando.

De todas estas altas semideas,
Que em torno estão do corpo sepultado,
Hũa regando as humidas areas
De flores tem o tumulo adornado,
Outras queimando lagrimas Sabeas
Enchem o ar de cheiro sublimado,
Outras em ricos panos mais auante,
Enuoluem brandamẽte hum nouo infante.

Hũa que dantre as outras se apartou,
Com gritos que a montanha entristeſcerão,
Diz que depois que a morte a flor cortou,
Que as eſtrellas sòmente mereſceraõ,
Que eſte penhor charisſimo ficou
Daquelle a cujo imperio obedeſceraõ
Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana,
Tè o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que ſe encontrar eſte minino
A noite intempeſtiua amanheſcendo,
Que o Tejo agora claro & criſtallino
Tornarâ a fera Alecto em vulto horrendo,
Mas ſe for conſeruado do deſtino,
Que as eſtrellas benignas prometendo
Lhe eſtão o largo paſto da Ampeluſa,
Camonte que em mao ponto vio Meduſa.

Eſte prodigio grande a Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita,
Mas qual a eclypſada clara eſtrella,
Que entre as outras o cèo primeiro habita,
Tal cuberta de negro vejo aquella
A quem sò n'alma toca a gran deſdita,
Dà câ Frondelio a mão, & ſobe a ver
Tudo o mais que eu de dor não ſei dizer.

Frond.

Frõ. Ó triste morte, esquiua, & mal olhada,
Que à tantas fermosuras injurias,
De aquella Deosa bella & delicada,
Sequer algum respeito ter deuias.
Esta he por certo Aonia filha amada
Daquelle gran pastor, que em nossos dias
Danubio enfrea, & manda o claro Ibero,
E espanta o morador do Euxino fero.

Morre-lhe o excellente & poderoso,
(Que a isso está sogeita a vida humana)
Doce Tionio, d'Aonia charo esposo,
Ah lei dos fados aspera & tyranna,
Mas o som peregrino, & piadoso
Com que a fermosa Nympha a dor engana,
Escuta hum pouco, nota, & vê Vmbrano,
Quam bem que soa o verso Castelhano.

Aonia.

Alma y primero amor del alma mia,
Spiritu dichoso, en cuya vida
La mia estuuo en quanto Dios queria.
Sombra gentil, de su prision salida,
Que del mundo a la patriá te boluiste
Donde fuiste engendrada, y procedida.

Rescibe

Rescibe allà este sacrificio triste,
Que te offrescen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiste.
Que pues los altos cielos permittieron,
Que no te acompanhasse em tal jornada,
Y para ornarse solo ati quisieron,
Nunqua permittiran que acompañada
De mĩ no sea esta memoria tuya,
Que està de tus despojos adornada.
Ni dexaran, por mas qu'el tiempo huya
D'estar en mĩ con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.
Mas tu gentil spiritu entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras çampoñas oyes, y otro canto,
Aora embeuescido estès mirando
Allâ enel Empyreo aquella Idea
Qu'el mundo enfrena y rige cou su mando.
Aora te possuya Scytharea,
En su tercero assiento, o porque amaste,
O porque nueua amante allà te sea.
Aora el sol te admire, si miraste
Como va por los signos encendido,
Las tierras alumbrando que dexaste.
Si en ver estos milagros no has perdido

La memoria de mi, o fue en tu mano
No passar por las agoas del oluido.
Buelue vn poco los ojos a este llano,
Verás vna que a ti con triste lloro
Sobre este marmol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los signos de oro,
Lagrimas y gemidos amorosos,
Que mueuan el suppremo y santo choro,
La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la vere mui presto, y podrê verte,
Que a pesar delos hados enojosos
Tambien para los tristes vuo muerte.

Ecglogi

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

EGLOGA II.

Almeno, & Agrario, pastores.

AO longo do sereno
Tejo, suaue & brando,
Nhum valle d'altas aruores sombrio,
Estaua o triste Almeno
Suspiros spalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentâra a vida tantos annos
Nhuã amorosa & branda confiança,
Que quem tanto queria
Paresce que nã erra se confia,

A noite escura daua
Repouso aos cansados
Animais, esquecidos da verdura,
O valle triste estaua
Chãs ramos carregados

Que a noite fazião mais escura:
Mostraua a espessura
Hum temeroso espanto,
As roucas rãs soauão.
N'hum charco d'agoa negra, & ajudauão
Do passaro nocturno o triste canto.
O Tejo com som graue
Corria mais medonho que suaue,

Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parescia que o valle estaua mudo,
E com esta graueza
Estaua tudo triste.
Porem o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena
Para poder soffrella,
Estar imaginando a causa della,
Que em tanto mal, he cura bem piquena,
Mayor he o tormento,
Que toma por aliuio hum pensamento.

Ao rio se queixaua,
Com lagrimas em fio,

Com que crescião as ondas outro tanto,
Seu doce canto daua
Tristes agoas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Co cansado pranto,
Que as agoas refreaua,
Responde o valle vmbroso,
Da mansa voz o accento temeroso,
Na outra parte do rio retumbaua,
Quando da fantasia
O silencio rompendo, assi dizia.

Corre suaue & brando
Com tuas claras agoas,
Saidas de meus olhos (doce Tejo)
Fè de meus males dando,
Para que minhas magoas
Sejão castigo igual de meu desejo,
Que pois em mi não vejo
Remedio nem o espero,
E a morte se despreza
De me mattar, deixandome à crueza
Daquella por quem meu tormento quero,
Saiba o mundo meu danno
Porque se desengane em meu engano.

Ia que minha ventura,
Ou quem me a causa ordena,
Quer por paga da dor tome soffrella,
Serâ mais certa cura
Para taman ha pena
Deseſperar de auer ja cura nella,
Porque ſe minha eſtrella
Cauſou tal eſquiuança,
Conſinta meu cuidado,
Que me farte de ſer deſeſperado,
Para deſenganar minha eſperança,
Que para iſſo naſci,
Para viuer na morte, & ellaem mi.

Não ceſſe meu tormento,
De fazer ſeu officio,
Que aqui tem hũa alma ao jugo attada,
Nem falte o ſoffrimento,
Porque pareſce vicio,
Para tão doce mal faltarme nada,
Ô Nympha dilicada,
Honra da natureza,
Como pòde iſto ſer,
Que de tão peregrino parecer
Podeſſe proceder tanta crueza?

Não

Não vem de nenhum geito
De causa diuinal contrario effeito.

Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fóra he de natural minha tristeza:
Mas a mĩ que me espanta,
Não basta ò Nympha bella,
Que podes preuerter a natureza?
Não he a gentileza
De teu gesto celeste
Fora do natural?
Não pode a natureza fazer tal.
Tu mesma (bella Nympha) te fizeste
Porem porque tomaste
Tão dura condição se te formaste?

Por ti o alegre prado
Me he pesado & duro,
Abrolhos me parecem suas flores,
Por ti do manso gado
Como de mĩ, não curo,
Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
As lutas entre a rama,

Nada me faz contente,
E sou ja do que fui tão differente,
Que quãdo por meu nome alguẽ me chama
Pasmo quando conheço
Que inda comigo mesmo me paresço.

O gado que apascento
Sãõ n'alma meus cudados,
E as flores que no campo sempre vejo
Sãõ no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando meu desejo,
As agoas frias do Tejo
De doces se tornârão
Ardentes & salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturàrão,
Como quando mistura
Hyppanis co Exampèo su'agoa pura.

Se abi no mundo ouuesse
Ouuiresme algũa hora
Assentada na praya deste rio,
E de arte te dissesse
O mal que passo agora,

Que podesse mouerte o peito frio,
ô quanto desuario
Que estou affigurando:
Ia agora meu tormento
Não pode pedir mais o pensamento,
Que este fantasiar que imaginando
A vida me reserua,
Querer mais de meu mal serâ soberba.

Ia a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto,
Da sombra que as montanhas encubria,
Descansa frauta agora,
Que meu cansado canto
Não merece que veja o claro dia:
Não canse a fantasia
De estar em si pintando
O gesto dilicado,
Em quanto tras ao pasto o manso gado.
Este pastor que lá sò vem falando
Calarmeei sòmente,
Que meu mal nem ouuirse me consente.

Agrario pastor.

Fermosa manhã clara & deleitosa,

Que como fresca rosa na verdura
Te mostras bella & pura, marchetando
As Nymphas espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos, tu sò fazes
Quando a sombra desfazes, triste & escura,
Formosa a espessura, & fresca a fonte,
Formoso o alto monte, & o rochedo,
Formoso o arvoredo, & deleitoso,
Emfim tudo formoso co teu rosto,
D'ouro & rosas composto & claridade,
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando n'hum momento o roxo dia,
Cò a doce armonia nos cantares,
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andão buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos, que mantem,
ô grande & summo bem de natureza,
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza n'hũa hora de mil cores,
O cèo, a terra, as flores, monte, & prado,
ô tempo ja passado, quam presente
Te vejo abertamente na vontade,
Quamanha saudade tenho agora,
Do tempo que a pastora minha amaua,
E de quanto prezaua minha dor,

Entã

Então tinha o amor mayor poder,
Então n'hum sò querer nos igualaua,
Porque quando hum chamaua a quem queria,
O Ecco respondia da affeição,
No brando coração da doce immiga,
Nesta amorosa liga concertauão,
Os tempos que passauão com prazeres
Mostraua a flaua Ceres polas eiras,
Das brancas sementeiras ledo frutto,
Pagando seu tributo òs lauradores,
E enchia aos pastores todo o prado
Pales, do manso gado guardadora,
Zephiro, & a fresca Flora passeando
Os campos esmaltando de boninas,
Nas agoas cristallinas triste estaua
Narcisso, que indà olhaua n'agoa pura,
Sua linda figura delicada,
Mas Ecco namorada de seu gesto
Com pranto manifestò seu tormento,
No derradeiro accento lamentaua,
Alli tambem se achaua o sangue tinto
Do purpureo Iacintho, & o destroço
De Adonis lindo moço, morte fea,
Da bella Scytharea tão chorada,
Toda a terra esmaltada destas rosas,

Alli as Nymphas fermosas pellos prados
Os Faunos namorados apos ellas,
Mostrandolhe capellas de mil cores,
Que fazião das flores que colhião,
As Nymphas lhe fogião amedrentadas,
As fraldas leuantadas pellos montes,
A fresca agoa das fontes espalharse
Vertuno transformarse alli se via,
Pomona que trazia os doces fruitos,
Alli pastores muitos, que tangião,
As gaitas que trazião, & cantando
Estauão enganando suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio,
Ouuiase Salicio lamentarse,
Da mudança queixarse crua & fea,
Da dura Galathea tão fermosa,
E da morte enuejosa Nemoroso
Ao monte cauernoso se querella,
Que sua Elisa bella em pouco espaço
Cortára inda em agraço a dura sorte,
Ô immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem, nunca perdoas,
Mas tu tempo que voas apressado,
Hum deleitoso estado quam asinha
Nesta vida mesquinha trãsfiguras,

Em mil desauenturas, & a lembrança
Nos deixas por herança do que leuas,
Assi que se nos ceuas com prazeres,
He para nos comeres no milhor,
Cada vez em peor te vas mudando,
Quanto vês inuentando, que oje approuas,
Logo amanhã reprouas com instancia,
ô estranha inconstancia, & tão profana,
De toda a cousa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo,
Mas eu de que me quexo? ou que digo?
Viue o tẽpo comigo, ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser diuino?
Elle vsa de contino seu officio,
Que ja por exercicio lhe he diuido,
Dânos frutto colhido na sazão.
Do fermoso verão, & no inuerno,
Com seu humor eterno congellado,
Do vapor leuantado, coa quentura
Do sol, a terra dura lhe dâ alento,
Para que o mantimento produzindo
Estê sempre comprindo seu costume,
Assi que não consume de si nada,

Nem

Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre estâ quedo no diuido,
Porque este he seu partido, & sua vsança,
E nelle estâ mudança, & mais firmeza,
Mas quem a lei despreza, & pouco estima,
De quem de lá de cima estâ mouendo
O cèo sublime & horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro & firme estado,
Do tempo naõ mudado da verdade,
Naõ foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro & excellente,
Viuia entaõ a gente moderada,
Sem ser a terra arada daua paõ,
Sem ser cauado o chão as fruttas daua,
Nem chuua desejaua, nem quentura,
Supria então natura o necessario,
Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno, que perdida a luz serena,
Causou que em dura pena desterrado
Fosse do cèo deitado onde viuia,
Porque os filhos comia, que geraua,
Por isso se mudaua o tempo igual
Em mais baixo metal, & assi descendo
Nos veo assi trazendo a este estado,
Mas eu desatinado adonde vou?

Para onde me leuou a fantasia?
Qu'estou gastando o dia em uãs palauras?
Quero ora minhas cabras ir leuando
Ao manso Tejo brando, porque achar
No mundo que emendar, não he d'agora,
Basta que a vida fora delle tenho,
Com meu gado me auenho, & estou contente,
Porem se me não mente a vista, eu vejo
Nesta paya do Tejo, estar deitado
Almeno, que enleuado em pensamentos,
As horas & momentos vay gastando,
Par' elle vou chegando, sò por ver
Se poderei fazer que o mal que sente
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

Almeno sonhando.

Ò doce pensamento, ò doce glorja,
Saõ estes por ventura os olhos bellos
Que tem de meus sentidos a vittoria?
Saõ estas (Nympha) as tranças dos cabellos
Que fazem de seu preço o ouro alheo,
E a mi de mi mesmo, sò com vellos?
He esta a alua colũna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas,

Que

Que eu nos braços tenho, & não no creo?
Ah falso pensamento, que m'enganas,
Fazesme pòr a boca onde não deuo,
Com palauras de doudo, & quasi insanas
Como alçarte tão alto assi me atreuo?
Tais asas doutas eu, ou tu mas das?
Leuasme tu a mĩ, ou eu te leuo?
Não poderei eu ir onde tu vas?
Porem pois ir não posso onde tu fores
Quando fores, não tornes donde estàs.

Agrario.

Ô que triste successo foi de amores
O que a este pastor acontesceo,
Segundo ouui cõtar a outros pastores.
Que tanto por seu danno se perdeo,
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino amor lho conuerteo.
Ô forçoso vigor do pensamento,
Que pòde noutra cousa estar mudando,
A forma, a vida, o siso, o entendimento.
Estase hum triste amante transformando
Na vontade daquella que tanto ama,
De si sua propria essencia trasportando.

E nenhũa outra cousa mais desama
Que a si, se vê qu'em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano não se inflama.
Almeno que aqui está tan influido
No fantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido.
Estaselhe pintando de enleuado
Que temja da fantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estaua agora
Falando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que sonhaua, grita & chora.
Desta arte andauaõ sonhos enganando,
O pastor somnolento, que a Diana
Andaua entre as ouelhas celebrando.
Dest'arte a nuuem falsa em forma humana
O vão pay dos Centauros enganàua,
Que Amor quando contenta sempre engana.
Como a este que consigo sô fallaua,
Cudando que fallaua de enleuado,
Com quem lhe o pensamento figuraua.
Não pôde quem quer muito ser culpado,
Em nenhum erro, quando vem a ser
O amor em doudice transformado.
Não he amor amor, se não vier

Com

Com doudices, deshonras, diſſensões,
Pazes, guerras, prazer, & deſprazer.
Perigos, lingoas mâs, murmurações,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos, perdições:
Estas saõ verdadeiras experiencias
De quem poem o deſejo onde não deue,
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem Amor, que não ſe eſcreue
Senão onde he illicito & cuſtoſo,
E onde he mòr o perigo mais ſe attreue.
Paſsaua alegre tempo, deleitoſo
O Troyano paſtor, em quanto andaua
Sem ter alto deſejo, & perigoſo.
Seus furioſos Touros coroaua,
E nos alamos altos eſcreuia
Teu nome (Ennone) quando ati sò amaua.
Creſcião os altos alamos, creſcia
O amor que te tinha ſem perigo,
E ſem temor contente te ſeruia.
Mas deſpois que deixou entrar conſigo
Illicito deſejo, & penſamento,
De ſua quietação taõ inimigo,
A toda a patria pos em detrimento
Com morte de parentes, & de irmaõs.

Com

Com cru incendio, & grande perdimento.
Nisto fenecem pensamentos vãos,
Tristes seruiços mal galardoados,
Cuja gloria se passa dantre as mãos.
Lagrimas & suspiros arrancados.
Dalma todos se pagão com enganos,
E oxala fossem muitos enganados.
Andão com seu tormento tão vfanos,
Gastando na doçura de hum cuidado
Apos hũa esperança tantos annos.
E tal ha tão perdido namorado,
Tão contente co pouco, que daria
Por hum sò mouer d'olhos, todo o gado.
E em todo o pouoado & companhia,
Sendo ausentes de si, estão presentes
Com quem lhe pinta sempre a fantasia.
C'hum certo não sei que andão contentes,
E logo hum nada os torna ao contrario,
De todo o ser humano differentes.
Ô tyrannico amor, ò caso vario,
Que obrigas hum querer que sempre seja
De si contino & aspero aduersario.
E outr'hora nenhũa alegre esteja,
Senão quando do seu despojo amado
Sua imiga estar triumphando veja.

Quero fallar com este, qu'enredado
Nesta cegeira estâ sem nenhum tento,
Acorda ja pastor desacordado.

Alm. ô porque me tiraste hum pensamento
Que agora estaua os olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento.

Agrario.

Nessa imaginação estâs gastando
O tempo & a vida Almeno? ò perda grande,
Não ves quam mal os dias vas passando?

Almeno.

Fermosos olhos, ande a gente & ande,
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais que o tẽpo corra, & a morte o mãde.

Agrario.

Quem poderâ cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita & justa linha?

Que sejas tão perdido por teu danno,
Almeno irmão, naõ he por certo auiso,
Mas mui grande doudice, & grande engano.

Almeno.

ô Agrario, que vendo o doce riso,
E o rosto taõ fermoso, como esquiuo,
O menos que perdi, foi todo o siso.

E não entendo desque fui cattiuo,
Outra cousa de mi, senão que mouro
Nem isto entendo bem, pois inda viuo.
Aa sombra deste vmbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louuores dos cabellos d'ouro.
Se preguntares porque saõ choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Reuoluendo memorias magoadas.
Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & a causa della,
Naõ choro por razaõ, mas por costume.
Naõ se pòde co fado ter cautella,
Nem pòde auer nenhum contentamento,
Que naõ seja trocado em dura estrella.
Que bem liure viuia & bem isento,
Sem nunca ser ao jugo sommettido,
De nenhum amoroso pensamento.
Lembrame (Agrario amigo) que o sentido
Tão fora de amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.
De varias cores sempre me vestia,
De boninas a fronte coroaua,
Nenhum pastor cantando me vencia.
A barba então nas faces me apontaua,

Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma antre todos alcançaua.
Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo, como acontesce affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio, & da montanha:
Com palauras mimosas & forjadas
Da solta liberdade, & liure peito,
As trazia contentes, & enganadas.
Mas não querendo amor que deste geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tão puro effeito:
Pouco & pouco me foi de mi leuando,
Dissimuladamente às mãos de quem
Tod'esta injuria agora está vingando.

Agrario.

Deste teu caso Almeno eu sei mui bem
O principio & o fim, que Nemoroso
Contado tudo isso, & mais me tem.
Mas querote dizer se o enganoso
Amor, he costumado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso.
Ia que nelle estes casos são tão certos,
Porque os estranhas tanto, que de magoa
Te chorão as montanhas, & os desertos.
Vejote estar gastando em viua fragoa

E juntamente em lagrimas vencendo
A gran Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
Vejo que as tuas cabras não querendo
Gostar as verdes heruas, se emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos que co tempo reuerdecem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo parece que entristecem.
Todos os teus amigos & parentes,
Que la da serra vem por consolarte,
Sentindo n'alma a pena que tu sentes.
Se querem de teus malles apartarte,
Deixando a casa & gado, vas fugindo,
Como ceruo ferido, a outra parte.
Não ves que amor as vidas consumindo
Viue sò de vontades enleuadas,
No falso parecer d'hum gesto lindo?
Nem as heruas das agoas desejadas
Se fartão, nem de flores as abelhas,
Nem este amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes perdido entre as ouelhas
Chorou Phebo de Daphne as esquiuanças
Regando as flores brancas & vermelhas.
Quantas vezes as asperas mudanças
O namrrado Gallo tem chorado,

De quem o tinha enuolto em esperanças.
Estaua o triste amante recostado,
Chorando ao pè d'hum freixo o triste caso,
Que o falso amor lhe tinha destinado,
Por elle o sacro Pindo, & o gran Parnaso
Na fonte de Aganippe distilando,
O fazião de lagrimas hum vaso.
Vinha o intenso Apollo alli culpando
A sobeja tristeza perigosa,
Com asperas palauras reprouando.
Gallo porque endoudeces, que a fermosa
Nympha que tanto amaste, descubrindo
Por falsa a fè que daua & mintirosa.
Pollas Alpinas neues vay seguindo
Outro amor, outro bem, outro desejo,
Como enemiga emfim de ti fugindo.
Mas o misero amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fè vergonha ou pejo,
Da falsifica Nympha não sentia
Senão que o frio do gelado Rheno
Os delicados pês lhe offenderia.
Ora se tu ves claro, amigo Almeno,
Que de amor os desastres saõ de sorte
Que para mattar basta o mais piqueno,

Porque

Porque não pões hum freo a mal taõ forte,
Que em estado te poem, que sendo viuo
Ia não se entende em ti vida nem morte?

Almeno.

Agrario, se do gesto fugitiuo
Por caso da fortuna desastrado
Algũa hora deixar de ser cattiuo,
Ou sendo para as Vrsas degradado
Aonde Borcas tem o Occeano,
Cos frios Hyperboreos congelado,
Ou onde a filho de Clymene insano,
Mudando a cor das gentes totalmente,
As terras apartou do tratto humano
Ou se por qualquer outro accidente
Deixar este cudado taõ ditoso,
Porquem sou de ser triste taõ contente.
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando por detras, irà negando
Aa natureza o curso presuroso.
As feras pello mar iraõ buscando
Seu pasto, & andarsehão polla espessura
Das heruas os delphins apascentando.
Ora se tu ves n'alma quaõ segura
Tenho esta fee, & amor, para que insistes
Nesse conselho & pratica taõ dura?

Se de tua perfia não desistes
Vai repastar teu gado a outra parte,
Que he dura a companhia para os tristes.
Hũa sô cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo emfim de mi te aparte.
Que se esta fera que anda em trajo humano,
Vires polla montanha andar vagando,
De meu despojo rica, & de meu danno,
Com os espritos vivos inflamando.
O ar, o monte, & a serra, que consigo,
Continuamente leua namorando.
Se queres contentarme como amigo,
Passando, lhe dirâs, gentil pastora.
Não ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em duro marmore não fora
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algũa hora.
Foi bem justo o castigo riguroso,
Porem quem te ama, Nympha, não queria
Noda tão fea em gesto tão fermoso.

Agrario.

Tudo farei Almeno, & mais faria,

Por

Por te ver algum'hora descansado,
Se se acabão trabalhos algum dia.
Mas bem vès como Phebo ja impinado
Me manda que da calma iniqua & crua
Recolha em algum valle o manso gado.
Tu nessa fantasia falsa tua
Para engano mayor de teu perigo
Não queres companhia senão a sua.
Voume daqui, & fique Deos contigo,
E ficarâs melhor acompanhado.

Almeno.

Elle contigo va, como comigo
Me fica acompanhando meu cudado.

Outra

ECGLOGA III.

De Almeno, & Beliſa, continuando cõ a paſſada.

PAſſado ja algum tempo que os amores
D'Almeno por ſeu mal eraõ paſſados,
Porque nunca amor cumpre o que promete,
E antre hũs verdes vlmeiros apartados,
Regando pello campo as brancas flores,
Em lagrimas canſadas ſe derrete:
Quando a linda paſtora que compete
Co monte em aſpereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triſte Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo diſcurria
A lauar a beatilha, & o trançado,
Ia o ſol conſentia
Que ſaiſſe da ſombra o manſo gado.

E acordado ja do penſamento
Que tão deſacordado o ſempre teue,
Vio por acerto o bem que incerto tinha:
E porque onde amor a mais ſe atreue
Alli mais enfraqueſce o entendimento,

Não lhe soube dizer o que conuinha,
Como homem que aaprazada briga vinha
A quem de fóra engana
A confiança humana,
E depois vendo o rosto a quem resiste,
Treme, teme o perigo, & não insiste
Ia se arrepende, a audacia lhe falleſce,
Dest'arte o pastor triste
Ousa, arrecea, esforça, & enfraqueſce.

Etendo assi atonito o sentido,
Cometteo com furor desatinado
E tirou da fraquexa o coraçaõ,
Comettimento faz desesperado;
Que hũa sò saluação tem hum perdido,
Perder toda a esperança â saluação,
As magoas que passarão se diraõ,
Mas as que ella dizia,
Lembrandolhe que via
As agoas murmurar do Tejo amenas;
Remeto a vos, ò Tagides Camenas,
Que de magoa não posso dizer tanto,
Porque em tamanhas penas
Me cansa a pena, & a dor m'impede o canto.

Beliſa.

Belisa pastora.

Que alegre campo, & praya deleitosa,
E quam saudosa faz esta espessura
A fermosura angelica & serena,
Da tarde amena, & quam saudosamente
A sesta ardente abranda suspirando
De quando em quando o vento alegre & frio.
No fundo rio os mudos peixes saltão,
No ar se esmaltão os ceos d'ouro & verde,
E Phebo perde a força da quentura,
Polla espessura leuão passeando
O gado brando, ao som das çamphoninas,
Pisando as finas & fermosas flores,
Os guardadores, que cantando o gesto
Fermoso & honesto, das pastoras que amão,
Ao ar derramão mil sospiros vaõs,
Hum louua as mãos, & outro os olhos bellos,
Outro os cabellos douro em som suaue,
A amorosa aue leua o contraponto,
Mas ò que conto, & que saudosa hystoria
Que na memoria aqui se me offerece:
Se não me esquece, ja neste lugar
Ouui soar nos valles algum dia,
E respondia o Ecco o nome em vão
N'hum coração, Belisa retumbando

Estou

Estou cudando como o tempo passa,
E quão escassa he toda alegre vida,
E quão comprida, quando he triste & dura.
Nesta espessura longo tempo amei,
Se me enganei com quem do peito amaua,
Não me pesaua de ser enganada,
Fui salteada emfim de hum pensamento,
Que hum mouimento tinha casto & saõ,
Conuersação foi fonte deste engano,
Que por meu danno entrou com falsa cor,
Porque o amor n'a Nympha que he segura
Entra em figura de vontade honesta,
Mas que me presta agora dar disculpa
Se ahi ouue culpa pola o firme amor,
Sõ n'hum pastor que nunca o sol nem lua
Ou serra algũa, desd'o Ibero ao Indo,
Virão outro tão lindo, & tão manhoso,
Neste amoroso estado, & fè que tinha,
Qua n'alma minha tão secretamente,
Viui contente amando & encubrindo,
Elle fingindo mintirosos dannos,
Que saõ enganos que não custão nada,
Tendo alcançada ja no entendimento
A fè & intento meu sò nelle posto,
Que logo o rosto mostra os corações,

E as affeições cos olhos se praticão,
Que mais publicão muito que palauras,
Com suas cabras sempre à parte vinha
Onde eu mantinha os olhos & o desejo,
Tu manso Tejo, & tu florido prado,
Do mais passado emfim que aqui não digo,
Sereis me obrigo testemunho certo,
Que descuberto vos foi tudo & claro,
ô tempo auaro, ô sorte nunca igual,
Camanho mal quereis â humana gente,
Porque hum contente estado assi trocastes?
Vos me tirastes do meu peito isento,
ô pensamento honesto, & repousado,
Ia dedicado ao coro de Diana,
Vos n'hũa vfana uida me pusestes,
E alli quisestes que gozasse o danno
Do doce engano, que se chama amor,
Com cujo error passaua o tempo ledo,
E vos tão cedo me tirais hum bem,
Que amor ja tem impresso na alma minha,
Depois que a tinha enuolta em esperanças,
E com lembranças tristes me deixais,
Mal me pagais a fè que sempre tiue:
Mas assi viue quem sem dita nasce,
Mas ja que a face alegre o sol esconde,

E não responde alguem a tantas magoas,
Senão as agoas que dos olhos saem,
As sombras caem, & vãose as alimarias
Das eruas varias fartas, seu caminho,
Buscando o ninho os passaros sem dono
Ia pello sono esquecem o comer,
Quero esquecer tambem taõ doce historia,
Pois he memoria que traz mòr cuidado,
Isto he passado, & se me deu paixão,
Os dias vão gastando o mal & o bem,
E não conuem quererme magoar,
Do que emendar naõ posso ja com magoas,
Nas claras agoas deste rio brando,
Que vão regando o campo matizado,
Este trançado lauar quero emfim,
Que ja de mĩ m'esqueço coa lembrança
Desta mudança, que esquecer naõ sei
Inda qu'eu mudarei a opiniaõ,
Qu'emfim homẽs saõ, a que o esquecimento
Depressa faz mudar o pensamento.

Almeno.

Se a vista não m'engana a fantasia,
Como ja m'enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me soffria,

Pare-

Paresceme que vejo estar lauando
Hũa Nympha hum vèo no claro Tejo,
Que se m'està Belisa affigurando.
Não pòde ser verdade isto que vejo,
Que facilmente aos olhos se affigura
Aquillo que se pinta no desejo.
Ô acontescimento que a ventura
Me dâ pera môr danno: esta he certo,
Que não he doutrem tanta fermosura.
Se poderei fallarlhe de mais perto?
Mas fugirmeha: não pòde ser, que o rio
Par'acolá não tem caminho aberto.
Ô temor grande, ô grande desuario,
Que a voz m'impide, & a lingoa negligente
Dest'arte estâ tornando o peito frio.
De quanto me sobeja estando ausente,
Que pera lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.
Ô aspeito suaue & peregrino,
Pois como tão asinha a si se esquece
Hũa fè verdadeira, hum amor fino?

Belisa.

Ô altas semideas, pois padesçe
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força não meresce,

Ou seja por vos (Nympha) reseruada,
Ou n'algũa aruore alta ou pedra dura
Seja por vos assinha transformada.

Almeno.

Ah Nympha não te mudes a figura,
Nem vos Deosas queirais que eu seja parte
De se mudar tamanha fermosura.
Porque a quem falta a voz para falarte,
E a quem falleſce a lingoa & ousadia,
Tambem faltarão mãos para tocarte.

Belisa.

Que me queres Almeno, ou que porfia
Foi a tua tão aspera comigo,
Minha vontade não to merescia.
Se com o amor o fazes, eu te digo,
Que amor que tanto mal me faz em tudo,
Não pôde ser amor, mas enemigo.
Não es tu de saber taõ falto & rudo,
Que taõ sem siso amasses, como amaste,

Almeno.

Onde viste tu Nympha amor sesudo?
Porque te não alembra que folgaste
Com meus tormentos triste, & algũ hora
Com teus sermosos olhos me olhaste?

Como te esquesce ja (gentil pastora)
Que folgauas de ler nos freyxos verdes
O que de ti escriuia cada hora?
Como tão presto assi a memoria perdes
Do amor que mostrauas, que eu não digo
Se vos ò altos montes não disserdes?
Porque te não alembras do pirigo
A que sò por me ouuir te auenturauas
Buscando horas de sesta, horas d'abrigo?
Coa maçãa de discordia me tirauas
Que Venus que aganhou por fermosura
Tu como mais fermosa lha ganhauas.
E escondendote entre a espessura,
Hias fogindo como vergonhosa
Da namorada & doce trauessura.
Não era esta a maçã d'ouro fermosa,
Com que encuberta assi de astucia tanta
Cedipe se enganou de cubiçosa.
Nem a que curso teue de Athalanta
Mas era aquella com que Galathea
O pastor catiuou como elle canta.
Se más tenções poserão nodoa fea
Em nosso firme amor de inueja pura
Porque pagarei eu a culpa alhea?

Quem

Quem desta fê, quem deste amor não cura
Nunca teue sogeito o coração,
Que o firme amor coa alma eterna dura.

Belisa.

Mal conheçes Almeno hũa affeição
Que se eu desse amor tenho esquecimento
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu sobejo & liure atreuimento
E teu pouco segredo, discudando
Foy causa deste longo apartamento.
Ves as Nimphas do Tejo que mudando
Me vão ja pouco apouco o claro gosto
Noutra forma mais dura traspasando.
Hum sô segredo meu te manifesto,
Que te quis muito em quanto Deos queria,
Mas de pura affeição, & amor honesto.
E pois teu mao cudado & ousadia
Causou tão dura & aspera mudança
Folgo que muitas vezes to dizia.
Ficate embora, & perde a confiança
Que mais me não veras, como ja viste
Que assi se desengana hũa esperança.

Almeno.

ô duro apartamento, ò vida triste

Ô nunca acontecida desuentura,
Pois como, Nympha, assi te despidiste?
Assi se ha de ir tornando sem ter cura
Nessa silueſtre & aspera rudeza,
Tão branda & excellente fermosura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros assi se trasformarão,
Negandoselhe a propria natureza?
Dest'arte teus cabellos se tornârão,
Deixando ja seu preço ao ouro fino,
Em folhas que a cor tem do que negárão?
Se este consentimento foi diuino,
Consintame tambem que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.
Que se a fortuna dura embraueſcida
Tanto em meu tormento se desme de,
Não viua mais hũa alma tão perdida,
E vos feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai ja de meu sangue vossa sede.
E vos paſtores rudos deste outeiro,
Porque a todos emfim se manifeſte
Que cousa he amor puro & verdadeiro,
Ao pè deste funereo acipreſte

Me fareis hum ſepulchro ſem arreo
De boninas que o prado ameno veſte.
Com deſuſadas muſicas de Orpheo
Que me vos cantareis, & deſta ſorte
Não auerei inueja ao Mauſoleo,
E porque minha cinza ſe conforte
Em voſſos metros doces & ſuaues,
As exequias fareis de minha morte.
Alli reſponderão as altas aues
Não modulas no canto, nem laſciuas,
Mas de dor hora roucas, hora graues.
Não correrão as agoas fugitiuas
Alegres por aqui, mas ſaudoſas,
Que pareſção que vem dos olhos viuas.
Naſcerão pellas prayas deleitoſas
Os aſperos obrolhos em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas roſas,
Não trarão as ouelhas a paſtar
D'arredor do ſepulchro os guardadores
Que não comerão nada de peſar.
Virão os Faunos, guarda dos paſtores
Se morri por amores preguntando,
Reſponderão os Eccos, Por amores.
E para os que aqui forem caminhando,

Hum epitaphio triſte ſe lerâ
Que eſteja minha morte declarando:
E no tronco d'hũa aruore eſtarâ
N'hũa ruda cortiça pendurado
Eſcritto c'hũa fouce, aſsi dirâ.
Almeno fui paſtor de manſo gado,
Em quanto conſintio minha ventura
De Nymphas & paſtoras celebrado.
Se algũa hora por dita na eſpeſſura
Se perder o amor & a affeição,
Tirem a pedra deſta ſepultura,
E em figura de cinza os acharaõ.

EGLOGA IIII.

A hũa dama.

Frondoso, & Duriano, Pastores.

CAntando por hum valle docemente
Descião dous pastores quando Phebo
No reino de Neptuno se escondia,
De idade cadahum era mancebo,
Mas velho no cuidado & descontente
Do que lhe elle causaua paresçia,
O que cadahum dizia
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Naõ sou eu taõ ousado,
Que o ouse a cantar sem vossa ajuda,
Porque se a minha ruda
Frauta, deste amor vosso for dina
Posso escusar a fonte Caballina

Em vos tenho Helicon, tenho Pegaso,
Em vos tenho Caliope, em vos Thalia,
E as outras sete irmãs do fero Marte
Em vos perde Minerua sua valia,

Em vos estão os sonos de Parnaso,
Das Pierides em vos s'encerra a arte,
Co a mais piquena parte
Senhora, que me deis da ajuda vossa,
Podeis fazer qu'eu possa
Escreuer ao sol resplandescente,
Podeis fazer que a gente
Em mĩ do gran poder vosso se espante,
E que vossos louuores sempre cante.

Podeis fazer que cresça d'hora em hora,
O nome Lusitano, & faça inueja
A Smirna, que de Homero se engrãdesce,
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Cithara Mantuana sô mereſce,
Ia agora me pareſce
Que podem começar os meus pastores,
Trattar de seus amores,
Porque inda que presentes não estejaõ
Ás que elles ver desejão
Mudança do lugar menos de estado,
Não muda hum coraçaõ de seu cudado.

Ia deixaua dos montes a altura
E nas ſalgadas ondas ſe eſcondia
O ſol, quando Frondoſo & Duriano
Ao longo de hum ribeiro que corria
Polla mais freſca parte da verdura,
Claro, ſuaue, & manſo todo o anno
Lamentando ſeu danno,
Vinha ja recolhendo o manſo gado,
E hum eſtando calado,
Em quanto hũ pouco o outro ſe queixaua,
Apos elle tornaua
A dizer de ſeu mal o que ſentia,
E em quanto elle fallaua, o outro ouuia.

Vinhaõſe aſsi queixando aos penedos,
Aos ſilueſtres montes, & aſpereza,
Que quaſi de ſeus males ſe doîaõ,
Alli as pedras perdião ſua dureza,
Alli os correntes rios eſtar quedos
Prontos a ſuas queixas pareſcião,
E sò as que podião
Eſtes males curar que ellas cauſauaõ,
O ouuido lhe negauão
Por perderem de todo a eſperança,

Mas

Mas elles que mudança
De amor com tantos males naõ fazião,
Fallando inda com ellas lhes deziaõ.

Frondoso.

Isto he o que aquella verdadeira
Fè, com que te amei sempre merescia,
Sem nunca te deixar hum sò momento,
Como (cruel Belisa) te esquecia
Hum mal cuja esperança derradeira
Em ti sò tinha posto seu assento?
Naõ vias meu tormento?
Não vias tu a fè com que te amaua?
Porque naõ te abrandaua
Este amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas pois ja me deixaste
Co a esperança de ti toda perdida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Se os males que por ti tenho soffrido,
(ô Siluana em meus males tão constante)
Quiseras que algũ'hora te disera
Ainda que de duro diamante
Fora teu cruel peito endurescido,
Creo que a piedade te moucra,

Agora em branda cera
Os montes saõ tornados, & os penedos,
E os rios que estão quedos,
Sentiraõ meus suspiros minhas queixas,
Tu sò (cruel) me deixas
Qu'es mais que montes & penedos dura,
E fugitiua mais que a agoa pura.

Frondoso.

Onde estâ aquella falla, que soîa
Sò com seu doce tom, que me chegaua
A auiuarme os spiritos cansados?
Onde estâ o olhar brando, que cegaua
O sol resplandescente oa meo dia?
Onde estão os cabellos dilicados,
Que ao vento espalhados
O ouro escureciaõ, & a mî mattauão?
E a quantos os olhauaõ
Causauaõ tambem nouos accidentes?
Porque cruel consentes
Que goze outro a gloria a mî deuida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Não vejo bem ja que a meu mal espere,
Senão se he esperar que morte dura

Emfim

Emfim me venha dar tua saudade,
Vejo faltarme a tua fermosura,
A vontade me diz que desespere,
Contradizme a razaõ esta vontade,
Diz que n'hũa beldade
Em quem mostrou o cabo a natureza,
Naõ ha tanta crueza
Q u'hũ tão firme amor desprezar queira,
E hũa fê uerdadeira
Mas tu que de razaõ nunca curaste
Porque era darme a vida, ma tiraste.

Frondoso.

A quem (Belisa ingrata) te entregaste?
A quem dêste (cruel) a fermosura
Que sô a meu tormento se deuia?
Porq̃ hũa fê deixiste firme & pura?
Porque taõ sem respeito me trocaste,
Por quem sò nem olhàrte merescia?
E o bem que te queria,
Que nunca perderei senão por morte,
Naõ he de mayor sorte
Que quãto a cega gente estima & preza?
Sò a tua crueza
Foi nisto contra mĩ endurecida,

Perca

Per qua quem te perdeo tambem a vida,

Doriano.

Leuaſteme meu bem n'hum sô momento,
Leuaſteme com elle juntamente
De cobrallo jamais a confiança,
Deixaſteme eu lugar delle sòmente
Hũa continua dor, & hum tormento,
Hum mal de que não pòde auer mudança,
Tu que eras a eſperança
Dos males que me tu cruel cauſaſte,
De todo te trocaſte,
Com Amor conjurada em minha morte,
Porem ſe minha ſorte
Conſente que por ti ſeja cauſada,
Morte não foi mais bemauenturada.

Frondoſo.

Não naceſte de algũa pedra dura,
Não te gerou algũa tigre Hircana,
Naõ foi tua criação entre a rudeza,
A quem (cruel) ſaiſte deshumana?
No cêo formada foi tua fermoſura,
Onde a meſma brandura he natureza,
Eſta tua dureza
Donde teue principio, ou a tomaſte?

Porque

Porque dura engeitaste
Hum verdadeiro amor que tu bem vias?
Hũa fè que conheſcias,
Por outra de ti nunca conheſcida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vaiſe co ſeu paſtor o manſo gado,
Porque de amor entende âquella parte
Que a bruta natureza lhe enſina,
O ruſtico leaõ ſem nenhũa arte
Do inſtinto natural sò inſinado,
Aonde ſente amor alli ſe inclina,
E tu que de diuina
Naõ tẽs menos que Venus & cupido,
Porque ſequer co ouuido
Hum amor verdadeiro naõ ſocorres?
Ou porque te não corres
Que te vença o leaõ em piedade,
Se Venus naõ te vence na beldade?

Frondoſo.

A mĩ naõ me faltaua o que ſe preza
Entre os celeſtes Deoſes, que formàraõ
A tua mais que humana fermoſura,
Em mĩ os voluntarios cèos faltâraõ.

Em

Em mi se preuerteo a natureza
D'hũa cruel fermosa criatura,
Mas pois Belisa dura,
Que do mais alto cèo a nos viesse,
E em peito celeste
Hum tal contrario pode aposentarse,
Naõ he contrario acharse
Tamanha fè, taõ mal agradecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me auorresce,
Abrolhos para mi saõ frescas flores,
A doce philomela m'entristesce,
Todo o contentamento me atormenta
Com a contemplaçaõ de teus amores,
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza,
Em mi tua crueza
Faz que o mal cad'hora ua dobrando
Ô cruel, atè quando
Durarâ em ti hum tal auorrecimento?
E a vida em mi, que soffre tal tormento?

Frondoso

Frondoso.

Fugiſte de hum amor tão conhecido
Fugiſte de hũa fé tão clara & firme,
E ſeguiſte a quem nunca õonheceſte,
Não por fugir d'amor, mas por fugirme,
Que bem vias que tinha mereſcido
O amor que tu a outrem concedeſte,
A mĩ não me fizeſte
Nenhũa ſem razão, que bem conheço
Que tanto não mereço,
Fizeſte a aquelle bem firme & ſincero,
Que ſabes que te quero
Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Creſce cad'hora em mĩ mais o cudado,
E vejo que em ti creſce juntamente
Cad'hora mais de mĩ o eſquecimento,
Ô Syluana cruel porque conſente
O teu feminil peito delicado,
Eſquecerlhe hum tão aſpero tormento?
Tal auorreſcimento
Mereſce hum capital teu inimigo,
Não ſ'eu que sò contigo

Estou contente, & nada mais desejo,
Se algũa hora te vejo
Tu es hum sò bem meu, hũa sò gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

Frondoso.

Olhos que virão ja tua fermosura
Vida que sò de verte se sostinha,
Vontade que em ti era transformada,
Hũa alma que a tua em si sò tinha,
Tão vnida comsigo, quanto a pura
Alma co debil corpo está pegada:
E agora apartada
Te vee de si com tal apartamento,
Qual será seu tormanto?
Qual será aquelle mal que tem presente?
Mayor he que o que sente
O triste corpo na vltima partida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Regendo noutro tempo o manso gado
Tangendo minha frauta nestes valles,
Passàua a doce vida alegremente,
Naõ sentia o tormento destes males,
Menos sintia o mal deste cudado,

Que tudo então em mi era contente,
Agora não somente
Desta vida suaue me apartaste,
Mas outra me deixaste
Que ao duro mal que sinto cá no peito
Me tem ja tão affeito,
Que sinto ja por gloria minha pena,
Por natureza o mal que me condena.

Frondoso.

Juntamente viuer compridos annos,
Os fados te concedão, que quiserão
Ajuntarte com tal contentamento,
Pois para ti os hẽs todos nascerão,
Tormentos para mi, males & danos,
Logra tu só teu bem, eu meu tormento,
Nenhum apartamento
Belisa, me fara deixar de amarte,
Porque em nenhũa parte
Poderas nunca estar sem mi hum'hora,
Consente pois agora
Que em pago desta fe tão conhescida
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vejate eu (crua) amar quem te desame,

Porque saibas que cousa he ser amada,
De quem tu aborreces & desprezas,
Vejate eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas crueza,
Sintas tuas durezas,
E quanto pôde o seu cruel effeito,
N'hum coração sogeito,
Porqu' em sintindo o mal qu'eu sinto agora,
Espero que algum'hora
Faça o teu proprio mal de mi lembrarte,
Ia que não pode o meu nunca abrandarte.

Frondoso.

Mil annos de tormento me parece
Cada hora que sem ti, & sem esperança
Vivo de poder mais tornar a verte,
Sustentame esta vida tua lembrança,
A vida sobre tudo me entristece,
A vida antes perdera que perderte,
Mas eu se por quererte,
Hum bem que em ti sò tem seu firme assento
Padesce tal tormento,
Que inda espera de ti quem te desame,
Ou ao menos te ame,

Com algum falso amor, ou fee fingida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Entaõ (cruel) verâs se te mereſce
Com tamanho deſprezo ſer trattada,
Hũa alma que de amarte sò ſe preza:
Mas como podes tu ſer deſprezada,
Se o menos que em ti fora ſe pareſce
Abrandar pòde montes & aſpereza?
Porque ſe a natureza
Em ti o remate pos da fermoſura,
Qual ſerà a pedra dura
Que a teu vallor reſiſta brandamente?
Quanto mais fraca gente
Que ao humano parecer não ſe defende,
E a meſma Venus Deoſa ao teu ſe rende.

Frondoſo.

E pois ſe verdadeira, amor perfeito
Tormento deſigual, & vida triſte,
Iunta com hum cotino ſoffrimento,
E hum mal em que todo o mal conſiſte,
Naõ poderaõ mouer teu duro peito,
A amoſtrares ſequer contentamento
De veres meu tormento,

Mas antes isto tudo desprezaste,
E a outrem te entregaste,
Por não me ficar nada em que esperasse:
Senão quando acabasse
A vida, que a meu mal he tão comprida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Longo curso de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração que está entregue
Não podem apartar de seu intento
Porque foges (cruel) a quem te segue?
Não vês que teu fugir he escusado?
Que sem mĩ nunca estás hum sò momento,
Nenhum apartamento
(Inda que a alma do corpo se aparte,)
Poderá ausentarte
Desta alma triste, que continuamente
Em si te tem presente,
Torna cruel, não fujas a quem te ama,
Vem dar a morte ou vida a quẽ te chama.

Frondoso.

A noite escura, triste, & tenebrosa,
Que ja tinha estendido o negro manto,
De escuridade a terra toda enchendo,

Fez por a estes pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa,
Vinhão seu manso gado recolhendo,
Sem aquillo que eu pretendo.
Deste trabalho auer, que he todo vosso,
Senhora alcançar posso,
Não será muito auer tambem a gloria,
E o lauro da victoria,
Que Virgilio procura, & auer pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vos se rende.

Eglogo

EGLOGA V.

PROSEGVINDO A PASSADA, A Dom Antonio de Noronha.

A Quem darei queixumes namorados,
Do meu pastor queixoso namorado?
A branda voz, sospiros magoados,
A causa porque n'alma he magoado,
De quem seraõ seus males consolados,
Quem lhe fará diuido gasalhado,
Sò vos (senhor) famoso & excellente,
Especial em graças entre a gente?

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquei na terra estrella que guiasse
Meus rudos versos, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente & clara como a luz do dia,
Que o rude engenho meu me alumiasse,
Em vossas perfeições (gran senhor) vejo
Cumprido inda alem o meu desejo.

A vos se dem a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte,
D'hum sprito diuino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda a parte,
Em vos as graças todas se hão juntado,
De vos em outras partes se reparte,
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria & louuor do tempo, azas da fama.

Em quanto aparelho hum nouo esprito,
E voz de cisne tal que o mundo espante,
Com que de vos, senhor, em alto grito
Louuores mil em toda a parte cante,
Ouui o canto agreste em tronco escritto,
Entre vacas & gado petulante:
Que quando tempo for em milhor modo,
Por vos me ouuirá o mundo todo.

As vãs querellas bandas, & amorosas,
Sejão de vos trattadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Saidas cõ suspiro viuo, & ardente,
Que em vossas maõs se entregaõ valerosas,
Para despois viuerem entre a gente,
Chorando sempre a antigua crueldade,
E os corações mouerem a piedade.

Ia declinaua o sol contra o Oriente,
E o mais do dia ja era passado,
Quando o pastor co graue mal que sente,
Por dar aliuio em parte a seu cudado,
Se queixa da pastora docemente,
Cudando de ninguem ser escutado,
Eu que o ouui d'hũa aruore, escreuia
As magoas que cantou, & assi dizia.

Ou tu do monte Pindaro es nascida,
Ou marmor te pario formosa & dura,
Que não pode ser seja concebida
Dureza tal de humana criatura,
Ou es quiçais em pedra conuertida,
E tes de natureza tal ventura:
Porem não fez em ti boa impressão,
Tornarte so de marmore o coração.

Ia esta minha voz rouca & chorosa,
Aa gente mais remota moucria,
E se tocasse a vea lacrimosa,
Os tigres em Hircania amansaria,
Se não foras cruel quanto formosa,
Meu longo suspirar te abrandaria,
Mas suspirar por ti, & bem quererte,
Que fazem senão mais endurecerte?

Sedeixàras vencer a crueldade
De tua taõ perfeita fermosura,
Hum pouco viras bem minha vontade,
E viras esta fe taõ limpa & pura,
Por ventura que ouueras piedade
E tiuera eu quiçaes melhor ventura
Mas nunca achei melhor tua belleza,
Senão com verse em ti tua dureza.

Ia hum peito abrandara que não sente
Meu duro & graue mal segundo beforte,
Se descera ao inferno fero & ardente
Mouera a piedade a mesma morte,
Sehũa gotta de agoa brandamente
Abranda hum penedo duro & forte,
Como lagrimas tantas não farão
Hum piqueno final num coração?

Na testa tenho hũa fonte viua dagoa,
Que por meus olhos tristes se derrama,
No peito está de fogo hũa viua fragoa,
Que tudo em si conuerte & tudo inflama,
A mor ao derredor por mayor magoa
Voando mais a sende a ardente chama,
E se ques ver se ardentes saõ seus tiros,
Olha se saõ ardentes meus suspiros.

Quando

Quando rumor algum grande se sente,
Que se acende fogo em casa, ou torre,
De pura compaixão vai toda a gente
Gritando agoa ao fogo, & cada hum corre,
Assi anda meu peito em chama ardente
E co a agoa dos olhos se socorre,
Que quem me abrasa outra agoa me defende,
Porque com esta o fogo mais se acende.

Quando o Sol sae lá no Oriente
O seu antiguo curso começando,
Fermoso, intenso, puro, & refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando,
Quando de nos se esconde no Ponente
E noutras terras sae alumyando
Sempre em quanto dá ao mundo giro
Por ti meus olhos chorão, & eu sospiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
Vem acabado a noite em que descansa,
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno & de bonança
Recobra o anno fertil, & abundante
Na terra o laurador se nella cansa,
Mas eu de meu trabalho, & mal tão forte,
Tormento espero em fim, & crua morte.

Co ouuir meu mal as rosas matutinas,
De dò de mi se cerrão & emmurchecem,
Co meu suspiro ardente, as cores finas
Perdem o crauo, & lirio, & não florecem,
Co a roxa aurora as pallidas boninas
Em vez de se alegrarem se entristecem,
Deixa seu canto Progne & Philomena,
Que mais lhe doe que a sua a minha pena.

Responde o monte concauo a meus ais,
E tu como aspide cerras lhe o ouuido,
As aruores do campo, os animais,
Mostrão sentir meu mal sem ter sentido,
E ati as minhas dores desiguais
Não mouem esse peito endurecido:
Por mais & mais que chamo, não respondes,
E quanto mais te busco, mais te escondes.

Naquella parte adonde costumauas
Apascentar teus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me mostrauas
Ser eu de ti o pasto desejado,
Mil vezes te busquei por ver se dauas
Ainda algum descanso a meu cudado,
No campo em vão te busco, & busco o monte,
Qual o ferido ceruo busca a fonte.

Este

Este lugar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias ja folgaste,
Agora triste & escuro he ja tornado,
Que todo o bem contigo nos leuaste:
Tu eras nosso sol mais desejado,
Não temos luz despois que nos deixaste,
Torna meu claro sol, vem ja meu bem,
Qual he o Iosue que te detem?

Depois que deste valle te apartaste,
Não pasce o branco gado com secura,
Secouse o campo desque lhe negaste
Dos teus fermosos olhos a luz pura,
Secouse a fonte donde ja te olhaste,
Quando melhor que agora aspera & dura,
Nega, sem ti, a terra dando gritos,
Pasto às cabras, & leite aos cabritos.

Sem ti doce cruel minha inimiga,
A clara luz escura me parece,
Este ribeiro, quando amor me obriga,
Com meu chorar por ti coutino cresce,
Não ha fera que a fome não persiga,
Nem o campo sem ti ja não floresce,
Cegos estão meus olhos, ja não vem,
Pois que não podem ver meu claro bem.

O campo como de antes não se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas,
Não choue ao pasto, ja q̃ ha d'agoa falta,
As mansas & pacificas ouelhas
Sem ti perecem, & o cêo tambem lhes falta,
Não achão flor as melifluas abelhas,
Com lagrimas que manão dos meus olhos,
Produze a terra ja asperos abrolhos.

Torna pois ja pastora a este prado,
E restituirâs esta alegria,
Alegrarás o monte, o campo, o gado,
Alegrarâs tambem a fonte fria,
Torna, vem ja meu sol tão desejado,
Faze esta noite escura em claro dia
E alegra ja esta magoada vida,
Toda em tua ausencia consumida.

Vem como quando o rayo eminente
Do nosso Orizonte, que escondido
Deixa hum certo temor â mortal gente,
Que causa ver o Orbe escurecido,
E quando torna a vir claro & luzente
Alegra o mundo todo entristecido,
Assi he para mĩ tua luz pura,
Claro sol, & ausente noite escura.

Tu esquesida ja do bem passado,
E do primeyro amor que me mostraste,
Tu coração de mĩ tens apartado,
E o lugar tambem desamparaste:
Não te quero eu ati mais que ameu gado?
Não sou eu mesmo aquelle que tu a maste?
Pois onde mereſci tão grão desuio?
Oxueme, pois me ves ja morto & frio.

Bem ves que por amor se moue tudo,
E não ha quem d'amor se veja isento,
O animal mais simple, baixo, & rudo,
O de mais leuantado pensamento,
Atè debaixo d'agoa o peixe mudo
Lã tem d'amor tambem seu mouimento,
A aue, que no ar cantando voa
Tambem por outra aue se afeiçoa.

A musica do leue passarinho
Que sem concerto algũ solta & derrama,
Saltando de raminho em raminho,
Cantando com amor suspira & chama,
Te a char no amado & doce ninho
Aquelle a quem busca & aquem ama,
Descansado trabalho que tomàra
Tendo ſò seu descanso em quem a chàra:

A fera

A fera que he mais fera, & o lião,
Sempre acha outro leão, & outra fera,
Em quem possa empregar hũa affeição,
Que lhe a conuersação no peito gera,
Tambem sabe sentir sua paixão,
Tambem suspira, morre, & desespera,
Acena, salta, brada, ferue, & geme,
E não temendo nada, amor sò teme.

O ceruo que escondido & emboscado,
Temendo o cubiçoso caçador,
Está na selua, mõnte, bosque, ou prado,
Alli onde está & viue, viue amor,
D'amor & de temor acompanhado,
Com justa causa amor tem, & temor,
Temor de quem alli ferillo vinha,
E a amor a quem ja ferido o tinha.

Se o animal insensiuel que não sente
Tambem sente d'amor a frecha dura,
Porque te não abranda o fogo ardente
Que procede de tua fermosura,
Porque escondes a luz do sol â gente?
Que nesses olhos trazes bella & pura,
Mais bella, mais suaue, & mais fermosa,
Que o lirio, o Iasmin, o crauo, a rosa.

Pôde ser se me viras, que sintiras,
Ver desfazer hum peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras se me viras,
Ia que eu sò por te ver suspiro tanto,
As magoas & suspiros que me ouuiras,
Te podêraõ mouer a grande espanto,
A dor, a piedade, a sentimento,
E mais que pera mais he meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leue
O suspirar em vaõ tambem ao vento,
O esperar a calma, a chuua, a neue,
E não te poder ver hum sò momento,
Tormento he que sômente ati se deue,
E se pode inda auer mayor tormento,
Quem te vio, & se vê de si ausente
Muito mais passarâ mais leuemente.

Faz mossa a pedra dura em sua dureza,
Coa agoa que lhe toca brandamente,
Abranda o ferro forte a fortaleza
Se lhe toca tambem o fogo ardente,
Sò em ti não conheço a natureza,
Que a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
Ia teu peito cruel fora desfeito
Do fogo, & das lagrimas que deito.

Quando a fermosa Aurora mostra a fronte
Alegra toda a terra vendo o dia,
Quando Phebo apareſce no Orizonte,
Manifeſta tambem grande alegria,
Contente come o gado ao pè do monte,
Alegre vay beber à fonte fria,
Tudo contente eſtà, alegre tudo,
Eu sò, sò, penſativo, triſte, & mudo.

Se da alma & do corpo tẽs a palma,
E do corpo ſem alma não tẽs dò,
Ha dò do corpo sò que eſtà ſem alma,
Pois ſem alma não viue o corpo sô.
Na chama, no ardor, no fogo, & calma,
Na affeição, no querer, eu ſou hum sò,
Não acharâs vontade mais cattiua,
Nem outra como a tua tão eſquiua.

Se te apartas por naõ ouuir meu rogo,
Onde eſtiueres te ei de importunar,
Poſto que va por agoa, ferro, ou fogo,
Contigo em toda a parte m'has de achar,
Que a chama que me abraſa he de tal fogo,
Que em quanto eu viuo for ha de durar,
E o nô que me tem preſo he de tal ſorte,
Que não ſe ha de ſoltar em vida ou morte.

Neſte

Neſte meu coração ſempre eſtarás
Em quanto a alma eſtiuer com elle vnida,
Meu ſpiritu tambem poſſuirâs
Deſpois que a alma do corpo for partida,
Por mais & mais que faças, não faras
Que não te ame neſta & na outra vida,
Impoßiuel ſerà que eternamente
Eſtês de mĩ auſente eſtando auſente.

Cà me acompanhará tua memoria,
Se o rio que ſe diz do eſquecimento
Da minha não borrar taõ longa hyſtoria,
Tão graue mal, tão duro apartamento,
Atè que eu te veja entrar na gloria,
Viuirei n'hum contino ſentimento,
Inda então ſerâ (ſe iſto ſer poſſa)
Seruir eſta alma minha lâ a voſſa.

Aqui com graue dor, com triſte accento,
Deu o triſte paſtor fim a ſeu canto,
Co roſto baixo, & alto o penſamento
Seus olhos começaraõ nouo pranto,
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiadou no cêo o coro ſanto,
As circunſtantes ſeluas ſe abaixárão,
De dò das triſtes magoas que eſcutâraõ.

Com hũa mão na face, & encostado,
Em sua dor tão enleuado estaua,
Que como em graue sono sepultado
Naõ vio o sol que ja no mar entraua:
Berrando anda em roda o manso gado,
Que o seguro curral ja desejaua,
Nas couas as raposas, & em seu ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Ia sobre hum secco ramo estaua posto
O mocho co funesto & triste pranto,
A cujo som o pastor ergueo o rosto,
E vio a terra enuolta em negro manto,
Quebrando então o fio a seu gosto,
Mas não quebrando o fio a seu pranto,
Para melhor cudar em seu cudado,
Leuou para os currais o manso gado.

EGLOGA VI.

AO DVQVE DAVEIRO.

Alicuto pescador, Agrario pastor.

A Rustica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques, das areas,
De seus rudos cultores moduladas:
A cujo som attonitas & alheas
Do monte as brancas vaccas estiuerão,
E do rio as saxatiles lampreas,
Desejo de cantar, que se mouerão
Os troncos & as auenas dos pastores,
E os silvestres brutos sospenderão:
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do alto pego,
E fez ouuir os mudos nadadores.
E se por sustentarse o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
O que he mais proprio no ocio, & no sossego.
Mais marauilhas dando a voz da fama
No mesmo mar vndoso, & vento frio,
Brasas roxas acende a roxa flama.

Vos (ô ramo de hum tronco alto & sombrio)
Cuja frondente coma ja cubrio
De Luso todo o gado & senhorio.
E cujo saõ madeiro ja saõ
A lançar a forçosa & larga redè,
No mais remoto mar que o mundo vio.
E vos cujo valor tão alto excede
Que cantalo em voz alta & diuina
A fonte de Parnaso moue a sede.
Ouui da minha humilde çanfonina,
A armonia que vos aleuantais
Tanto, que de vos meſmo a fazeis dina.
E ſe agora que affabil me eſcutais
Nãq ouuirdes cantar com alta tuba
O que vos deue o mundo que dourais,
Se os Reis auos voſſos, que de Iuba
Os Reinos deuaſtárão, não ouuis,
Que nas azas do verſo excelſo ſuba,
Se não ſabem as frautas paſtoris
Pintar de Toro os campos, ſemeados
De armas, corpos fortes, & gentis,
Por hum moço animoſo ſuſtentados,
Contra o indomo pai de toda Eſpanha,
Contra a fortuna vãa, & injuſtos fados.

Hum moço cujo esforço, animo, & manha
Fez decer do Olympo o duro Marte,
E darlhe a quinta Esphera que acompanha.
Se não sabem cantar a menos parte
Do sapiente peito, & gran conselho
Que pòde (ò Reino illustre) descansarte,
Peito que o douto Apollo fez vermelho,
Deixar o sacro monte & as noue irmãs,
Diz que a elle se affeitem como a espelho:
Saberaõ sò cantar as suas vãs
Contendas, de Alicuto vil & Agrario,
Hum d'escamas cuberto, outro de lãs.
Vereis (Duque sereno) o estillo vario,
A nòs nouo, mas noutro mar cantado,
D'hum que sò foi das Musas secretario.
O pescador sincero, que amansado
Tem o pego do Pocrita co canto,
Pellas sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som que pòde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos nouo estillo, & nouo espanto.
Partirase do monte Agrario insano,
Para onde a força sò do pensamento,
Lhe encaminhaua o lasso peso humano.

Embebido n'hum longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos d'hum doce sonho, & fingimento.
Rompendo as siluas horridas do mato,
Vai por cima de outeiros & penedos,
Fugindo emfim de todo humano tratto.
Ante os seus olhos leua os olhos ledos,
Da branca Diamene, que enuerdesce
Sò co meneo os valles & rochedos.
Ora se ri comsigo quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo se entristesce.
Qual a tenra nouilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido,
E cansada nas humidas verduras,
Cair se deixa ao longo do ribeiro,
Ia quando as sombras vem descendo escuras.
E nem coa noite ao valle seu primeiro,
Se lembra de tornar como soia,
Perdida pello bruto companheiro.
Tal Agrario chegado emfim se via,
Onde o gran pego horrissono suspira,
N'hũa praya arenosa, humida & fria.

Tanto que aõ mar estranho os olhos vira,
Tornando em si de longe ouuio tocarse
De douta mão, naõ vista, & noua lyra.
Pello o som desusado desuiarse,
Para onde mais soaua desejando
DE ouuir & conuersar, & de prouarse,
Não tinha muito espaço andado, quando
N'hũa concauidade de hum penedo
Que pouco & pouco fora o mar cauando,
Topou c'hum pescador que pronto & quedo
N'hũa pedra assentado brandamente
Tangendo, fazia o mar sereno & ledo.
Mancebo era de idade florescente,
Pescador grande do alto, conhecido
Pello nome de toda a humida gente.
Alicuto se chama, que perdido
Era pella fermosa Lenoria,
Nympha que tem o mar ennobrescido.
Por ella as redes lança noite & dia,
Por ella as ondas tumidas despreza,
Por ella soffre o sol & a chuua fria.
Co seu nome mil vezes a braueza
Dos ventos feros amansou co verso,
Que remoue das rochas a dureza.

E agora em som de voz suaue & terso
Está seu nome aos eccos ensinando
Por estillo do agreste som diuerso:
Do qual Agrario attonito afloxando
Da fantasia hum pouco seu cudado,
Suspenso esteue, os numeros notando:
Mas Alicuto vendose estronado
Pello pastor da musica diuina
Aleuantando o rosto sossegado,
Lhe diz assi: Vaqueiro da campina
Que vês buscar às arenosas prayas,
Ond'a bella Amphitrite sò domina?
Que razão ha pastor porque te sayas
Pera o nosso escamo & vil terreno,
Dos mui floridos myrthos, & altas fayas?
Que se agora o mar ves brando & sereno,
E estenderemse as ondas pella area
Amansadas das agoas com que peno,
Veras logo o como desenfrea
Eolo o vento pello mar vndoso,
De sorte que Neptuno o arrecea.
Responde Agrario: ò musico & amoroso
Pescador, eu não venho a ver o lago
Brauo quieto, ou o vento brando, & iroso.

Mas

Mas o meu pensamento, com que apago
As flamas ao desejo, me trazia
Sem ouuir & sem ver suspenso & vago.
Atè que a tua Angelica armonia
Me acordou, vendo o som com que aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.
Mas se de verme ca no mar te espantas,
Eu me espanto tambem do estillo nouo
Com que as ondas horrisonas quebrantas:
O qual posto que certo louuo & aprouo
Desejo de prouar contra o silvestre
Antigo pastoril, que eu mal renouo.
E tu que no tocar pareces mestre,
Podes julgar se ha clara differença
Entre o nouo maritimo & o campestre.
Não ha (disse Alicuto) em mi detença,
Mas antes aluoroço, inda que veja
Que essa tua confiança sò me vença.
Mas porque saibas que nenhũa inueja
Os pescadores tem aos pastores,
No som que pello mundo se deseja,
Toma a lyra na mão que os moradores
Do vitreo fundo vejo ja juntarse,
Para ouuir nossos rusticos amores.

E bem

E bem ves pella praya apresentarse
Nas conchas varia cor à vista humana,
E o mar vir por antr'ellas, & tornarse.
Sossegado do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio
Que seu licor aqui mestura & dana.
Este penedo concauo & sombrio,
Que de cangrejos ves estar cuberto,
Nos dà abrigo do sol quieto & frio.
Tudo nos mostra emfim repouso certo,
E nos conuida ao canto com que os mudos
Peixes saem ouuindo ao ar aberto.
Assi se desafião estes rudos
Poetas, nos officios discrepantes,
Nos engenhos porem sotis & agudos.
E ja mil companheiros circunstantes
Estauão para ouuir & aparelhauão
Ao vencedor os premios semelhantes.
Quando ja as lyras subito tocauão
Agrario começaua & da armonia
Os pescadores todos se admirauão,
E desta arte Alicuto respondia.

Agrario.

Vos

Vos semicapros Deoses do alto monte,
Faunos longeuos, Satyros, Syluanos,
E vos Deosas do bosque & clara fronte,
Ou dos troncos que viuem largos annos,
Se tendes pronta hum pouco a sacra fonte,
A nossos versos rusticos & humanos,
Ou me daij a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lyra d'hum pinheiro.

ALICVTO.

Vos humidas Deidades deste pego,
Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo,
E vos Nereidas do sal em que nauego,
Porque do vento as furias pouco temo.
Se as vossas ricas aras nunca nego,
O congro nadador na pâ do Remo,
Não consintais que a musica marinha
Vencida seja aqui da lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do sol as carretas moue & guia,
Ouuio o rio Amphriso a lyra douro,
Que o seu sacro inuentor alli tangia.
Io foi vacca, Iupiter foi touro,
Mansas ouelhas junto da agoa fria
Guardou o fermoso Adonis, & tornado
Em bezerro Neptuno foi ja achado.

Alecto.

Alicuto. Pescador ja foi Glauco, o qual agora
Deos he do mar Protheo, & Focas guarda
Nasceo no pego a Deosa que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda,
Se foi bezerro o Deos que a moradora
Tambẽ ja foi Delphin, & quem resguarda
Verâ que os moços pescadores erão
Que o escuro enigma ao vate derão.

AGRARIO.

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores ja furtei
Aa doce philomena, & dos mortinhos
Para ti (fera) as flores apanhei,
E se os crespos madronhos nos raminhos
Ati com tanto gosto apresentei,
Porque não das a Agrario desditoso
Hum sò reuoluer d'olhos piadoso?

ALICVTO.

Para quem trago eu d'agoa em vaso cauo
Os curuos camarões viuos saltando?
Para quem as conchinhas ruiuas cauo?
Na praya os brancos buzios apanhando?
Para quem de margulho no mar brauo
Os ramos de coral venho arrancando?
Senão pera a fermosa Lenoria,
Que c'hum sò riso a vida me daria?

Agra-

Agr. Quẽ vio ja o desgrenhado & crespo inuerno,
D'altas nuuẽs vestido, horrido, & feo,
Ennegrescendo a vista o ceo superno,
Quando arranca os troncos o rio cheo,
Rayos, chuuas, trouões, hum triste inferno,
Mostra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor cioso a quem sospeita
Que outrem de seus trabalhos se aproueita.

ALICVTO.

Se alguem vio pello alto o sibilante
Furor, deitando flamas & bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante
Horrido aos olhos, horrido aos ouuidos,
Abraços derrubando o ja nutante
Mundo, cos Elementos destruidos,
Assi me representa a fantasia
A desesperação de ver hum dia.

AGRARIO.

Minh'alua Dinamene, a Primauera
Que os campos deleitosos pinta & veste,
E rindose hũa cor aos olhos gêra
Com que na terra vem o arco celeste,
O cheiro, rosas, flores, a verde era,
Com toda a fermosura amena, agreste,
Não he para meus olhos tão fermosa,
Como a tua que abate o lirio & rosa.

Alicuto.

Alic. *As conchinhas da praya que apresentão*
A cor das nuuens, quando nasce o dia,
O canto das Sirenas, que adormentão
A tinta que no murice se cria,
Nauegar pellas agoas que se assentão
Co brando bafo quando a sesta he fria,
Não podem Nympha minha assi aprazerme,
Como verte hũa hora alegre verme.

AGRARIO.

A Deosa que na Lybica alagoa
Em forma virginal apareceo,
Cujo nome tomou que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do cêo,
Garços os tem, mas hũa que a coroa
Das fermosas do campo meresceo
Da cor do campo os mostra graciosos,
Quem diz que não saõ estes os fermosos?

ALICVTO.

Perdoemme as deidades, mas tu diua
Que no liquido marmol es gerada,
A luz dos olhos teus celeste & viua
Tẽs por vicio amoroso atraueſſada,
Nòs pretos lhe chamamos, mas quem priua
Do dia o lume baixa & sossegada,
Traz a do seus nos meus que o não nego,
E com tudo isso inda assi estou cego.

Assi

Assi cantauão ambos os cultores
Do monte & praya, quando os atalhárão
A hum pastores, a outro pescadores,
E quaisquer a seu vate coroarão
De capellas idoneas & fermosas,
Que as Nymphas lhe tecerão & ordenárão.
A Agrario de mortinhos & de rosas
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios, & conchas ruiuas & lustrosas.
Estauão n'agoa os peixes embebidos,
Co as cabeças fora, & quasi em terra,
Os musicos delphins estão perdidos.
Iulgauão as pastoras que na serra
O cume & preço está do antigo canto,
Que quem o nega contra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
Tem da sonora frauta quanto teue
O campo pastoril de antigo manto.
Mas ja o pastor de Admeto o carro leue
Molhaua n'agoa amara, & compellia
A recolher a roxa tarde & breue,
E foi fim da contenda o fim do dia.

EGLOGA VII.

Intitulada dos Faunos, dirigida a dom Antonio de Noronha.

AS doces cantilenas, que cantauão
Os semicapros Deoses amadores,
Das Napeas, que os montes habitauão:
Cantando escreuerei, que se os amores
Aos silueſtres Deoſes maltratârão,
Ia ficão desculpados os pastores.
Vos (senhor dom Antonio) aonde achârão
O claro Apollo & Marte hum ser perfeito,
Em que suas altas mentes assinarão,
Se meu ingenho he rudo & imperfeito,
Bem sabe onde se salua, pois pretende
Leuantar co a causa o baixo effeito.
Em vos minha fraqueza se defende,
Em vos instilla a fonte de Pegaso,
O que meu canto pello mundo estende.
Vedes que altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomandome das maõs tão alto caso:

Vedes

Vedes o louro Apollo, que me tira
De louuar vossa stirpe, & escuresce
O que em vosso louuor meu canto aspira.
Ou por me auer inueja me falleſce,
Ou por não ver soar na frauta rude
O que a sonora cithara mereſce.
Pois sei vos, senhor, dizer, que a lingoa muda
Em quanto progne triſte o sentimento,
Da corrompida irmã co pranto ajuda.
E em quanto Galathea ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz accento.
E em quanto flor aos campos não falleça,
(Se não recebeis isto por affronta)
Farâ que o Douro & o Ganges vos conheça.
Eja que a lingoa niſto fica prompta,
Conſenti que a minha Egloga ſe conte
Em quanto Apollo as vossas couſas conta.
No cume do Parnaso duro monte,
De silueſtre aruoredo rodeado,
Naſce hũa criſtallina & clara fonte,
Donde hum manso Ribeiro diriuado,
Por cima d'aluas pedras, manſamente
Vay correndo ſuaue & ſoſſegado.

O murmurar das ondas excellente,
Os passaros excita, que cantando,
Fazem o monte verde mais contente.
Taõ claras vaõ as agoas caminhando
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se pode hũa & hũa estar contando.
Não se veraõ ao redor pisadas
De fera ou de pastor que alli chegasse,
Porque do espesso monte saõ vedadas.
Herua se não verà, que alli criasse
O monte ameno, triste, ou venenosa,
Senaõ que la no centro as igualasse.
O roxo lirio apar da branca rosa,
Acecem branca, & a flor que dos amantes
Acor tem magoada, & saudosa.
Alli se vimos myrthos circunstantes,
Que a cristallina Venus encubriraõ,
Da companhia dos Faunos petulantes.
Ortelã, manjarona, alli respiraõ,
Onde nem frio inuerno, ou quente estio,
As murchárão jamais, ou seccas viraõ.
Desta arte vay seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes aruores sombrio.

Aqui

Aqui hũa linda Nympha por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este alto monte era encuberto.
Cansada ja da caça vindo hum dia,
Quis descansar â sombra da floresta,
E tirar nas mãos aluas da agoa fria.
E vendo a nouidade manifesta
Do sitio, & como as aruores co vento
As calmas defendião da alta sesta,
Das aues o lasciuo mouimento,
Que em seus modulos versos occupadas
As asas dão ao doce pensamento.
Tendo notado tudo, ja passadas
As horas da gran sesta se tornou
A buscar as irmãs no centro amadas.
Depois que largamente lhes contou
Do não visto lugar que perto estaua,
Que tanto por estremo a namorou.
Que ao outro dia fossem lhes rogaua
A lauarse naquella fonte amena,
Que tão fermosas agoas distilaua,
Ia tinha dado hum giro a luz serena
Do gran pastor de Admeto, & ja nascia,
Aos ditosos amantes noua pena,

Quando as fermosas Nymphas a porfia
Pera o lugar do monte caminhauão,
Rompendo a manha roxa, alegre & fria:
De hũa os cabellos louros se espalhauão,
Pello fermoso collo sem concerto,
Com dous mil nós suaues se enlaçauão.
Outra leuando o collo descuberto,
Por mais despejo em tranças os atára,
Auendo por pesado o desconcerto.
Dinamene, & Phire a quem topâra,
Nuas Phebo n'humrio, & encubrirão
Seus delicados corpos n'agoa clara,
Sirene, & Nise, que das maõs fugirão
Do Tegeo Pan, Amanta & Elysa,
Destras nos arcos, mais que quantas tirão.
Alinda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa taõ fermosa as heruas pisa.
Todas astas Angelicas donzellas,
Pello viçoso monte alegres hião,
Quais no cèo largo as nitidas estrellas.
Mas dous silvestres Deoses que trazião
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe mais que a si querião.

Naõ

Não lhe ficaua monte, valle, ou prado,
Nem aruore por onde quer que andauão,
Que não soubesse delles seu cudado.
Quantas vezes os rios que passauão
Detiuerão seu curso, ouuindo os dannos,
Que ate os duros montes magoauão.
Quantas vezes amor de tantos annos
Abrandàra qualquer vontade isenta,
Se em Nymphas coraçoẽs ouuesse humanos.
Mas quem de seu cudado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Que amor de alegres magoas se sustenta.
Que o moço Idalio quis nesta sciencia
Que se compadecessem dous contrarios,
Digao quem tiuer delle experiencia.
Indo os Deoses emfim por montes varios,
Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristallino rio tributarios,
Topârão dos pès aluos & mimosos
As pisadas na terra conhecidas,
As quais forão seguindo presurosos.
Mas encontrando as Nymphas, que despidas
Na clara fonte estauão, não cudando
Que d'alguem fossem vistas, ou sentidas,

Deixaraõse estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
Que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porem a espessa mata, mensageira
Da futura cilada, co rugido
Dos raminhos d'hũa aspera auelleira,
Mostrando a hum dos Deoses escondido,
Todas tam inha grita alleuantàraõ,
Como se fosse o monte destruido.
E logo assi despidas se lançarão
Pella espessura tão ligeiramente,
Que mais então que os ventos auoarão.
Qual o bando das pombas, quando sente
A fermosa Aguia cuja vista pura
Não obedesce ao sol resplandescente.
Empresta lhe o temor da morte dura
Nas asas noua força, & não parando
Cortaõ o ar, & rompem a espessura.
Desta arte vaõ as Nymphas, que deixando
De seu despojo os ramos carregados
Nuas por entre as siluas vão voando.
Mas os amantes ja desesperados
Que para as alcançar em fim se viõ
Nada dos pês caprinos ajudados.

Com amorosos brados as seguiaõ,
Hum sò, que o outro ainda naõ tomaua
Folego algum da pressa que traziaõ,
Mas despois descansado se queixaua.

Primeiro Satyro.

Ah Nymphas fugitiuas,
Que sô por naõ vsar humanidade,
Os perigos dos matos naõ temeis,
Para que sois esquiuas,
Que inda de nos naõ peço piedade,
Mas dessas aluas carnes que offendeis?
Ah Nymphas naõ vereis
Que Eurydice fugindo dessa sorte
Fugio do amante, & naõ da fera morte?
Tambem assi Alcithoe foi mordida
Da bibora escondida,
Olhay que toda a Nympha na herua verde
Que a condição naõ perde perde a vida.

Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera, venenosa,
Ou que inimigo emfim vos vay seguindo?

D'hum

D'hum brando coraçaõ,
Que preso dessa vista riguroſa,
De ſi para vos foge, andais fugindo?
Olhay que em geſto lindo,
Não ſe conſente peito taõ diſforme,
Se não quereis que tudo ſe conforme,
Poſto que bellas n'agoa vos vejais,
Aa fonte naõ creais,
Que vos traz enganada ſua vingança,
Deſta noſſa eſperança que enganais.

Mas ah que naõ conſinto
Que nem pallaura minha vos offenda,
Poſto que me deſculpa a magoa pura,
Nymphas digo que minto,
Que não pôde auer nunca quem pretenda
De deſfazer em voſſa fermoſura,
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem mereſce,
Naõ eſtranheis minh'alma, que endoudece,
Que ſe falla doudices de improuiſo,
Sem tento nem auiſo,
Queira Deos que dureza taõ creſcida
Que me não tire a vida alem do ſiſo.

Cousas grandes & estranhas
Tem pello mundo feito & faz natura,
Qu'a quẽ vos não vio (Nymphas) muito espantaõ,
Nas Libycas montanhas
Os Crocodillos feros, de pintura
Taõ singular, que sò co a vista encantão,
A sua voz leuantaõ
Taõ propia & natural â voz humana,
Que a quem a ouue facilmente engana,
E vos (ô gentes feras) cujo aspeito
O mundo tem sogeito
Tendes de natureza juntamente
A vista, & voz de gente, & fero o peito.

Das amorosas leis
Com que liga natura os coraçoẽs
Andais fugindo (Nymphas) na espessura,
Como não vos correis
Que dja em vos tão duras condiçoẽs,
Que possaõ mais que a prouida natura?
Se vossa fermosura
He sobrenatural, naõ he forçado
Que assi tenha tambem o peito irado:
Mas antes ao amor em cuja mão

Os corações estão
Por vossa gentileza tão fermosa,
Lhes deueis amorosa condição.

Amor he hum brando affeito,
Que Deos no mundo pos & a natureza,
Para aumentar as cousas que criou,
De amor está sogeito
Tudo quanto possue a redondeza,
Nada sem este affeito se gèrou,
Por elle conseruou
A causa principal o mundo amado,
Donde o pay famulento foi deitado,
As cousas elle as atta & as conforma,
Com o mundo reforma,
A materia, quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre forma?

Entre as heruas dos prados
Naõ ha machos & femeas conhescidas
E junto hũa da outra permanesce?
Naõ estão carregados
Os vlmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?

Naõ

Não vedes que padesce
Tanta tristeza a rola pella morte
De sua amada & vnica consorte?
Pois la no Olympo a quantos catiuou
Cupido, & maltratton?
Milhor qu'eu o dirà a sutil donzella,
Que la na sua tella o dibuxou.

Ah caso grande & graue,
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis absolutas naturais,
Aquelle amor suaue,
Aquelle poder alto, que forçados
Os Deoses obedescem desprezais?
Pois quero que saibais
Que cõtra o fero amor nunca ouue escudo,
O seu costume be vingança em tudo,
Eu vos verei deitar em hum momento,
Sospiros mil ao vento,
Lagrimas, tristes tantos, noua dor,
Por quẽ tenha outro amor no pensamẽto.

Mais quisera dizer
O desditoso amante, que ajudado

Se via então da magoa & da tristeza,
Mas foilho defender
O outro companheiro como irado,
Com taõ disforme & aspera dureza,
Aquillo que a rudeza
E a sciencia agreste lhe ensinàra,
Imaginando como que acordàra
D'hum sonho arrancãdo d'alma hũ grito.
O mais que alli foi ditto,
Vos montes o direis, & vos penedos,
Que em vossos aruoredos anda escritto.

Satyro segundo.

Nem vos nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,
Mas d'algũa disforme fera Hircana,
La no Caucaso monte vos criastes,
Daqui tomastes a aspereza insana,
Daqui o frio peito congelastes,
Sois Sphinges nos gestos naturais,
Que o rosto sò de humanas amostrais.

Se

Se vos fostes criadas na espessura,
Onde não ouue cousa que se achasse
Animal, herua verde, ou pedra dura,
Que em seu tempo passado não amasse,
Nem a quem a affeição suaue & pura
Nessa presente forma não mudasse:
Porque não deixareis tambem memoria
De vos, em namorada & longa hystoria?

Olhai como na Arcadia soterrando
O namorado Alpheo sua agoa clara
La na ardente Sicilia vay buscando
Por debaixo do mar a Nympha chara,
Assi mesmo vereis passar nadando
Acis, que Galathea tanto amara,
Poronde do Cicople a grande magoa
Conuerteo do mancebo o sangue em agoa.

Virai os olhos (Nymphas) a Erycina
Espessura vereis alli tornarse
Egeria em fonte clara & cristallina,
Pella morte de Numa destillarse
Olhai que a triste Biblis vos ensina
Com perderse de todo & transformarse
Em lagrimas que emfim poderão tanto
Que accrescentarão sempre o verde manto.

Se-

Se entre as claras agoas ouue amores,
Os penedos tambem foraõ perdidos,
Olhay os dous conformes amadores,
No monte Ida em pedra conuertidos,
Lethea por cayr em vaõs errores,
De sua fermosura procedidos,
Oleno porque a culpa em si tomaua,
Por não ver castigar quem tanto amaua.

Tomay exemplo, & vede em Cypro aquella
Por quem Iphis no laço pos a vida,
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Iuno consumida,
E se queixar se quer de sua estrella,
A voz extrema sò lhe he concedida,
E tu tambem (ô Daphne) que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste.

Tamanho amor tinha â brauda amiga,
Que em inimiga emfim se foi tornando,
Porque outra Nympha estranha o sogiga
Suas magicas heruas vay buscando,
Olhay a cruador a quanto obriga,
Que por vingar sua ira, transformando
Se foi em pedra, ô dura confusaõ,
Depois lhe pesaria, mas em vão.

Olhai (Nimphas) as aruores alçadas,
A cuja ſombra andais colhendo flores,
Como em ſeu tempo foraõ namoradas,
Que inda agora o tronco ſente as dores,
Vereis tambem, ſe fordes alembradas,
Como a cor das amoras he de amores,
Em ſangue dos amantes na verdura
Teſtemunha he de Tisbe a ſepultura.

E lâ pella odorifera Sabea,
Naõ vedes que de lagrimas daquella
Que com ſeu pay ſe ajunta & ſe recrea,
Arabia ſe enriqueſce & viue della,
Vede mais a verde aruore Penea,
Que foi ja noutro tempo Nympha bella,
E Cyparisſo angelico mancebo,
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.

Eſtá o moço de Phrigia dilizado
No mais alto aruoredo conuertido,
Que tantas vezes fere o vento irado
Galardão de ſeus erros mereſcido,
Que da alta Bericinthia ſendo amado,
Por hũa Nympha baixa foi perdido,
E a Deoſa a quem perdeo do penſamento,
Quis que tambem perdeſſe o entendimento.

O subito furor lhe afiguraua
Que o monte, as casas, & aruores cahiaõ,
Ia dos pudicos membros se priuaua,
Que a Deosa & a furia grande o constrangiaõ.
Ia no indino monte se lançaua,
De sua morte as feras se doiaõ,
Dest'arte perdeo Athis na espessura
Despois de tantas perdas a figura.

Lembrevos quando as gentes celebrauaõ
Em Grecia as grandes festas de Lyeo,
Onde as fermosas Nymphas se juntauaõ
E os sacros moradores do Lyceo,
Todos em doce sono se occupauaõ
Pello monte depois que anoiteceo,
Mas o Deos do Helesponto naõ durmia,
Que hum nouo amor o sono lhe impedia.

Mas ella emfim os braços estendendo,
Em ramos se lhe foraõ transformando,
Em rayzes os pès se vaõ torcendo,
E o nome Lotho sò lhe vay ficando,
Vede Napeas este caso horrendo,
Que vos està de longe ameaçando,
Que assi tambem aquella a quem seguia
O sacro Pan, a forma sò perdia.

E que direis de Phlis, que perdida
Da saudosa dor em que vinia,
Com desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida
Atava ao colo a cinta que trazia,
Mas o tronco sem folha pello monte
Rhodope, abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis Iacintho,
Por quem Phebo de si se queixa em vão,
Vereis o monte Idalio em sangue tinto,
Do neto de seu pai, da mãy irmão,
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o cèo & a terra com razão,
A terra porque logo não se abrio,
O cêo porque tal morte permittio.

E tu constante Clycie, a quem falleçe
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos,
Nenhum alegre estado permaneçe,
Que são do mundo os gostos mintirosos,
E tu ò clara luz por quem suspiras,
Ainda agora em herua a folha viras.

Trago vos estas cousas â lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver que a criação & longa vsança
Vos não preuerte & muda a natureza,
Dou estas lagrimas minhas em fiança
Que em tudo quanto está na redondeza
Cousa ha de amor isenta, se atentais,
Em quanto a vos não virdes não vejais.

Ia vos disse que de amor sempre tiuerão
As cousas insensiueis pena & gloria,
Vede as sensiueis como se perderão,
E dirvos ey das aues larga hystoria,
Que as penas que em sua alma se soffrerão,
Nas asas lhe ficarão por memoria:
E aquelle aliuio, & leue mouimento,
Lhe ficou sô por dor do pensamento.

O doce roxinol, & a andorinha,
De donde ellas se forão transformando,
Senão do puro amor que o Thracio tinha
Que em Poupa inda armado a anda chamando?
Chama sem culpa â misera auezinha,
Que nas areas de Assis habitando
Do rio toma o nome, & assi se vay,
Chamando à may cruel, & Mouro o pay.

Vede

Vede a que engeitou Pallas por falar,
Que dos amores he mayor defeito,
E aquella que ſucede em ſeu lugar
Ambas aues do mar vſado effeito.
Hũa porque fugia ao Deos do mar,
Outra por que temera o patrio leito,
E Silla que a ſeu pai pos em perigo,
Sò por ſer muito amiga do enemigo.

A elle lhe ficarão ainda as cores
Da purpurea Real que ter ſoîa
Eſaco, que ſeguindo ſeus amores
O trouxe a ver tão cedo o eſtremo dia,
Ou vede os dous tão firmes amadores,
Que amor aues tornou na praya fria,
Do Rei dos ventos era genro o triſte,
Mas contra o fado emfim nada reſiſte.

Eſtaua a triſte Alcyone eſperando
Com longos olhos o marido auſente,
Mas os irados ventos aſſoprando,
Nas agoas o afogarão triſtemente,
Em ſonhos ſe lhe eſtâ repreſentando
Que o coração preſago nunca mente,
Sô do bem as ſoſpeitas mintirão,
Que as do mal futuro certas ſão.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
Buscando o mar com elles hia & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya,
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha,
Nereidas do Egèo consolaya,
Pois este triste officio vos conuinha,
Consolaya, sabi das vossas agoas,
Se consolação ha em grandes magoas.

Mas ò nescio de mũ, que estou fallando
Das auezinhas mansas, & amorosas,
Se tambem teue amor poder & mando
Entre as feras monteses venenosas,
O leão & a leoa, como ou quando
Tais formas alcançârão temerosas,
Sabeo da Deosa Dindymene o dempló,
E a que o deu a Adonis por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca dilolia,
Mas o gran Nilo o diga que a adora,
Que força tem a Vrsa saber sehia
Do Polo Boreal donde ella mora:
O caso de Acteon tambem diria
Em ceruo transformado, & milhor fora
Que dos olhos perdera a vista escura
Que escolher nos seus galgos sepultura.

Daqui se tirârão duas oitauas. Tudo

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Aonde a si de improuiso em ceruo vio,
Que assi quem desta arte alli o topàra,
Que se mudasse em ceruo permittio,
Mas como o triste amante em si notàra
A desusada forma, se partio,
Os seus que o não conhecem, o vão chamando,
E estando alli presente o vão buscando.

Cos olhos & co gesto lhes fallaua,
Que a voz humana ja mudada tinha,
Qualquer delles por elle então chamaua,
E a multidão dos cães contra elle vinha,
Que viesse ver hum ceruo lhe gritaua,
Acteon aonde estàs acude asinha,
Que tardar tanto he este, (lhe dizia)
He este, he este, o ecco respondia.

Quantas cousas em vão estou fallando,
(ô esquiuas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu danno tanto sò deseja,
Pois por mais que de mi andeis tirando,
E por mais longa em fim que a vida seja,
Nunca em mi se verá tamanha dor,
Que amor a não conuerta em mais amor.

Aqui (ò Nymphas minhas) vos pintei
Todo de amores hum jardim suaue,
Das aues, pedras, agoas vos contei,
Sem me ficar bonina, fera, ou aue:
Se o amor dos peitos que deixei
Que dos contentamentos tem a chaue,
Por dita em tempo algum determinasse
Que de tão longos damnos vos pessasse.

Quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga hystoria, & não alhea,
E com quanta mais agoa regaria
De contente, que o rio a branca area,
Entre os contentamentos me seria
Este hum não cuidado, & grande idea,
E vos gostando deste estado vfano,
Zombareis então de vosso engano.

Mas com quem fallo, ou que estou gritando,
Pois não ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou pallauras espalhando,
A quem as digo corre mais que o vento,
A voz, & a vida, a dor me estão tirando,
E não me tira o tempo o pensamento,
Direi emfim as duras esquiuanças,
Que sò na morte tenho as esperanças.

Aqui o triste Satiro acabou,
Com saluços que a alma lhe arrancauão,
E os montes insensiueis que abalou
Nas vltimas repostas o ajudauão,
Quando Phebo nas agoas se encerrou,
Cos animais que o mundo alumiauão,
E co luzente gado appareceo
A celeste pastora pello cêo.

EGLOGA VIII.

PESCATORIA.

ARde por Galathea branca & loura,
Sereno pescador pobre, forçado
D'hũa estrella cruel, que â miugoa moura.
Os outros pescadores tem lançado
No Tejo as redes, elle sò fazia
Este queixume ao vento descuidado.
Quando virà (fermosa Nympha) o dia
Em que te possa dar a conta estreita,
Desta doudice triste, & vã porfia?
Naõ ves que me foge a alma, & que m'engeita,
Buscando u'hum sò riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis mansa colheita?
Se a esse spiritu algũa magoa toca,
Se d'amor fica nelle hũa pègada,
Que te vay, Galathea, nesta troca?
Dart'ei minh'alma, la ma tẽs roubada,
Naõ ta demandarei, dame por ella
Hũa sò volta d'olhos descuidada.

Se

Se muito te parece, & minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Doute as asas do amor perdidas nella.
Que mais te posso dar Nympha formosa,
Inda que o mar daljofar me cubrira
Toda esta praya leda & graciosa?
Amansão ondas, quebra o vento a ira,
Minha tormenta triste não sossega,
Arde o peito em vão, em vão suspira.
Ao romper d'alua anda a neuoa cega,
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto a elles a luz do sol não chega.
Eu vejo aparecer outros formosos
Rayos, que a graça & cor ao cêo roubârão,
Ficão meus olhos cegos mais saudosos.
Quantas vezes as ondas se encrespârão,
Com meus suspiros, quantas com meu pranto
Se parârão com magoa, & me escutârão.
Se na força da dor a voz leuanto,
E ao som do remo que a agoa vay ferindo,
Por alta lũa meu cudado canto.
Os mauiosos delphins me estão ouuindo,
A noite sossegada, o mar calado
Só Galathea foges, & vas rindo.

Estra-

Estranhas por ventura o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento solta,
E hum pobre pescador aqui lançado?
Antes que o sol dê no cèo hũa volta,
Se pode melhorar minha ventura,
Como acontesce aos outros n'agoa enuolta,
Igual preço não he da fermosura
A area d'ouro, que o rico Tejo espraya,
Mas hum amor que pera sempre dura.
Vejão teus olhos (bella Nympha) a praya
Verás teu nome na mimosa area,
Nunca sobre elle o mar com furia saya.
Que ategora nem vento & ar saltea,
Tres dias ha que escritto aqui o deixou
Amor, guardandoo a toda a força alhea.
Elle com suas mãos mesmo ajudou,
Escolher estas conchas, que guardando,
Hũa & hũa para ti sô ajuntou.
Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes que o ar lhe dêsse, parescia
O que eu de tua boca estou cudando,
Ditoso se o soubesse inda algum dia.

Fim da quarta parte.

QVINTA PARTE,

Das redondilhas, motes, esparsas, & grosas.

Sobre os rios que vão
Por Babylonia m'achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Syão,
e quanto nella passei.
Alli o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
a alma se representârão,
e minhas cousas ausentes,
se fizerão tão presentes
como se nunca passarão.
Alli depois de acordado,
o rosto banhado em agoa,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não he gosto, mas he magoa.

E vi que todos os danos
se causauão das mudanças,
& as mudanças dos annos,
onde vi quantos enganos,
faz o tempo âs esperanças.
Alli vi o mayor bem,
quão pouco espaço que dura,
o mal quão de preßa vem,
& quam triste estado tem
quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val,
que então se entende milhor
quando mais perdido for

vi o bem ſuceder mal,
& o mal muito pior.
E vi com muito trabalho
comprar arrependimento,
vi nenhum contentamento,
& vejome a mi, q'eſpalho
Triſtes palauras ao vento.

Bem ſaõ rios eſtas agoas,
com que banho eſte papel,
bem pareſce ſer cruel,
variedade de magoas,
& confuſaõ de Babel.
Como homem q̃ por exẽplo
dos trances em q̃ ſe achou,
deſpois q̃a guerra deixou,
pellas paredes do templo
ſuas armas pendurou.

Aſſi deſpois que aſſentei
que tudo o tempo gaſtaua,
da triſteza que tomei
nos ſalgueiros pendurei
os orgaõs com q̃ cantaua.

Aquelle inſtrumento ledo
deixei da vida paſſada,
dizendo, muſica amada
deixovos neſte aruoredo
à memoria conſagrada.

Frauta minha que tangẽdo
os montes fazieis vir
pera onde eſtaueis correndo
& as agoas que biaõ decẽdo
tornauão logo a ſubir.
Iamais vos nãõ ouuirão
os tigres que ſe amanſauão
& as ouelhas que paſtauão
das heruas ſe fartarão,
que por vos ouuir deixauão.

Ia naõ fareis doccemente
em roſas tornar abrollhos
na ribeira floreſcente,
nem poreis freo à corrente
e mais ſe for dos meus olhos.
Nãõ mouereis a eſpeſſura
nem podereis ja trazer

a ſi

...ras vos a fonte pura,
...pois não podestes mouer
...desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
...fama que sempre vella,
...frauta de mi tão querida,
...porque mudandose a vida
...se mudão os gostos della.
...Acha a tenra mocidade
...prazeres accõmodados,
...& logo a mayor idade
...sente por pouquidade
...aquelles gostos passados.

...Hũ gosto que oje se alcãça,
...amanhã ja o não vejo,
...assi nos traz a mudança
...de esperança em esperança,
...& de desejo em desejo.
...Mas em vida tão escassa
...que esperança sera forte?
...fraqueza da humana sorte,
...que quanto da vida passa
está receitando a morte.

Mas deixar nesta espessura
o canto da mocidade,
não cuide a gente futura
que sera obra da idade
o que he força da ventura.
Que idade, tẽpo, o espanto
de ver quam ligeiro passe,
nunca em mi poderão tanto
que posto que deixe o canto,
a causa delle deixasse.

Mas em tristezas & enojos
em gosto & contentamento
por sol, por neue, por vẽto,
terne presente alos ojos
por quiẽ muero tan contẽto.
Orgãos & frauta deixaua,
despojo meu tão querido,
no salgueiro que alli estaua
què para tropheo ficaua
de quem me tinha vencido.

Mas

Mas lembrãças da affeição
que alli catiuo me tinha,
me preguntaraõ entõ
que era da musica minha,
qu'eu cantâua em Syaõ?
Que foi daquelle cantar
das gentes taõ celebrado,
porq̃ o deixaua de vsar,
pois sempre ajuda a passar
qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante ledo
no caminho trabalhoso,
por antr' o espesso aruoredo
& de noite o temeroso
cantando refrea o medo.
Canta o preso docemente,
os duros grilhões tocando,
canta o segador contente,
& o trabalhador cantando
o trabalho menos sente.

Eu qu'estas cousas senti
n'alma de magoas tão chea,
como dirâ, respondi,
quem taõ alheo estâ de
doce canto em terra a
Como poderà cantar
quẽ em choro banh' o p
porque se quem trabalh
canta por menos cans
eu sò descansos engeito.

Que naõ parece razõ
nem seria cousa idonia,
por abrandar a paixão
que cantasse em Babyl
as cantigas de Sião.
Que quãdo amuita gra
de saudade quebrante
esta vital fortaleza,
antes moura de tristeza
que por abrandala cant

Que se o fino pensamen
sò na tristeza consiste,
naõ tenho medo ao torm
que morrer de puro tris

que mayor contentamento?
Nem na frauta cantarei
o que paſſo & paſſei ja,
nem menos o eſcreuerei,
porque a pena canſarà,
& eu naõ deſcanſarei.

Que ſe vida taõ pequena
ſ'accreſcẽta em terra eſtranha
& ſe amor aſſi o ordena,
rezão he que canſe a pena,
de eſcreuer pena tamanha.
Porem ſe pera aſſentar
o que ſente o coraçaõ
a pena ja me canſar,
naõ canſe para voar,
a memoria em Siaõ.

Terra bemauenturada,
ſe por algum mouimento
d'alma me fores mudada,
minha pena ſeja dada
a perpetuo eſquecimento.
A pena deſte deſterro
que eu mais deſejo eſculpida,
em pedra, ou em duro ferro,
eſſa nunca ſeja ouuida,
em caſtigo de meu erro.

E ſe eu cantar quiſer,
em Babylonia ſogeito,
Hieruſalem ſem te ver,
a voz quando a mouer
ſe me congele no peito.
A minha lingoa ſe apegue
âs fauces, pois te perdi,
Se em quanto viuer aſſi
ouuer tempo em que te negue
ou que me eſqueça de ti.

Mas ò tu terra de gloria,
ſe eu nunca vi tua eſſencia,
como me lembras naauſencia?
naõ me lembras na memoria,
ſenaõ na reminiſcencia.
Que a alma he taboa raſa,
que com a eſcrita doutrina
celeſte, tanto imagina,

que voa da propria casa
& sobe â patria diuina.

Naõ he logo a saudade
das terras onde nasceo
a carne, mas he de cèo,
daquella santa cidade,
donde esta alma descendeo.
E aquella humana figura,
que câ me pode alterar,
naõ he quem s'ha de buscar,
he rayo da fermosura,
que sò se deue de amar.

Que os olhos & a luz q̃ atea
o fogo que câ sogeita,
não do sol, mas da candea,
he sombra daquella idea
q̃ em Deos està mais perfeita.
E os que câ me catiuâraõ
saõ poderosos efeitos,
que os corações tem sogeitos,
sophistas que m'ensinâraõ
maos caminhos por direitos.

Destes o mando tiranno,
me obriga com desatino,
a cantar ao som do danno
cantares de amor profano
por versos de amor diuino.
Mas eu lustrado co santo
rayo na terra de dor,
de confusoẽs & d'espanto,
como ei de cantar o canto
que sò se deue ao Senhor?

Tanto pòde o beneficio,
da graça, que dá saude,
que ordena que a vida mude,
& o que tomei por vicio
me fez grao pera a virtude.
E faz que este natural
amor, que tanto se preza
suba da sombra Real
da particular belleza,
para a belleza gêral.

Fique logo pendurada
a frauta com que tangi,

ô Hierusalem sagrada,
& tome a lyra dourada,
para sò cantar de ti.
Não catiuo & ferrolhado
na Babylonia infernal,
mas dos vicios desatado,
& cà desta atileuado,
patria minha natural.

E se eu mais der a ceruiz
a mundanos accidentes,
duros, tyrannos, & vrgentes,
risqueſe quanto ja fiz,
do gran liuro dos viuentes.
E tomando ja na mão
a lyra santa & capaz,
doutra mais alta inuençaõ,
caleſe esta confusaõ,
canteſa a viſaõ da paz.

Cuſame o paſtor, & o Rei,
rtumbe eſte accento ſanto,
mouaſe no mundo eſpanto,
que do que ja mal cantei
a palynodia ja canto.
A vos sò me quero ir,
ſenhor & gran capitão,
da alta torre de Syão,
à qual naõ poſſo ſubir
ſe me vos naõ dais a maõ.

No gran dia ſingular
que na lyra o douto ſom
Hieruſalem celebrar,
lembraiuos de caſtigar
os roins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
no pobre ſangue innocente,
ſoberbos co poder vão,
arraſayos igualmente,
conheção que humanos ſaõ.

E aquelle poder tão duro
dos effeitos com que venho,
que encendẽ alma & engenho,
que ja me entrârão o muro
do liure aluidrio que tenho.

Estes que tão furiosos
gritando vem a escallarme,
maos spiritus dannosos,
que querem como forçosos
do alicerce derrubarme.

Derrubayos, fiquem sòs,
de forças fracos, imbelles,
porque não podemos nôs
nem com elles ir a vos,
nem sem vos tirarnos delles.
Não basta minha fraqueza,
para me dar defensão,
se vos santo capitão
nesta minha fortaleza
não poser des guarnição.

E tu, ô carne, que encantas
filha de Babel tão fea,
toda de miserias chea,
que mil vezes te leuantas,
contra quem te senhorea.
Beato sò pode ser
quem coa ajuda celeste
contra ti preualescer,
& te vier a fazer
o mal que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
se fere mais que hũa vez,
cuja alma de vicios nua,
faz nodoas na carne sua,
que ja a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
seus pensamentos resentes,
& em nascendo os afogar,
por não virem a parar
em vicios graues & vrgentes.

Quem com elles logo der
na pedra do furor santo,
& batendo os desfizer,
na pedra que veo a ser
emfim cabeça do canto.
Quem logo quando imagina
nos vicios da carne mà,
os pensamentos declina,
àquella carne diuina,

que

que na cruz esteue ja.
Quem do vil contentamento
desteste mundo visiuel
quanto ao homem for possiuel
passar logo o entendimento
para o mundo intelligiuel.

Alli achará alegria
em tudo perfeita & cheа,
de taõ suaue armonia,
que nem por pouca recrea,
nem por sobeja enfastia.
Alli verà taõ profundo
mysterio nà summa alteza,
que vencida a natureza
os mòres faustos do mundo
julgue por mayor baixeza.

Ô tu diuino aposento,
minha patria singular,
se sò com te imaginar
tanto sobe o entendimento,
que fara se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
para ti, terra excellente,
taõ justo, & taõ penitente,
que despois de ati subir
la descanse eternamente.

Carta a hũa dama.

Querendo escreuer hum dia,
o mal que tanto estimei,
cudando no que poria,
vi amor que me dezia
escreue, que eu notarei.

E como para se ler
naõ era hystoria pequena
a que de mĩ quis fazer,
das asas tirou a pena,
com que me fez escreuer.

E logo como a tirou
Me disse, auiua os espritos,
que pois em teu fauor sou,
esta pena que te dou
fara voar teus escrittos.

E dandome a padescer
tudo o que quis que pusesse,
pude emfim delle dizer
que me deu cõ que escreuesse
o que me deu a escreuer.

Eu qu'este engano entendi,
disselhe, Que escreuerei?
respondeo, dizendo assi,
Altos effeitos de ti,
& daquelle a quem te dei.

E ja que te manifesto
todas minhas estranhezas,
escreue pois que te prezas
milagres d'hum claro gesto,
& de quem o vio tristezas.

Ah senhora em quem se apura
a fé de meu pensamento,
escutai & estai a tento,
que com vossa fermosura
iguala amor meu tormento.

E posto que tão remota
estejais de me escutar,
por me não remedear,
ouui, que pois amor nota,
milagres são de notar.

Nota.

Escreuem varios autores,
que junto da clara fonte
do Ganges, os moradores
viuem do cheiro das flores
que nascem naquelle monte.

Se os sentidos podem dar
mantimento ao viuer,
não he logo d'espantar,
se estes viuem de cheirar,
que viua eu sò de vos ver.

Hũa aruore se conhesce,
que na geral alegria
ella sò tanto entristesce,
que como he noite floresce,
& perde as flores de dia.

Eu q̃ em veruos sinto o preço
que em vossa vista consiste,
em a vendo me entristeço,
porque sei que não mereço
a gloria de viuer triste.

Hum Rei de grande poder
com veneno foi criado,
porque sendo costumado,
não lhe podesse empecer,
se depois lhe fosse dado.

Eu que criei de piquena
a vida a quanto padesce,
desta sorte me acontesce,
que não me faz mal a pena,
senão quando me falleçe.

Quem da doença Real
de longe enfermo se sente
por segredo natural,
fica sã vendo somente
hum volatil animal.

Do mal que amor em mi cria,
quando aquella Fenix vejo,
são de todo ficaria,
mas ficame hydropesia,
que quanto mais, mais desejo.

Da biuora he verdadeiro
se a conforte vay buscar,
que em se querendo juntar,
deixa a peçonha primeiro,
porque lhe impede o gerar.

Assi quando me apresento
â vossa vista inhumana,
a peçonha do tormento
deixo a parte, porque danna
tamanho contentamento.

Querendo amor sustentarse
fez hũa vontade esquiua,
d'hũa estatua namorarse,
despois por manifestarse
conuerteo a em molher viua.

De quem me irei queixando,

ou quem direi que m'engana,
se vou seguindo & buscando
hũa imagem que de humana
em pedra se vay tornando?

De hũa fonte se sabia,
da qual certo se prouaua
que quem sobr'ella juraua,
se falsidade dizia,
dos olhos logo cegaua.

Vos que minha liberdàde
senhora tyranizais,
injustamente mandais
quando vos fallo verdade
que vos não possa ver mais.

Da palma se escreue & canta
ser tão dura & tão forçosa,
que peso não a quebranta,
mas antes de presunçosa,
com elle mais se leuanta.

Co peso do mal que dais,

a constancia que em mĩ vejo
não sòmente ma dobrais,
mas do braso meu desejo,
com que então vos quero mais.

Se alguem os olhos quiser
às andorinhas quebrar,
logo a mãy sem se deter
hũa herua lhe vay buscar,
que lhe faz outros nascer.

Eu que os olhos tenho a tento
nos vossos que estrellas são,
cegão se os do entendimento,
mas nascemme os da razão,
de folgar com meu tormento.

La para onde o sol sae
Descubrimos nauegando
hum nouo rio admirando,
que o lenho que nelle cae
em pedra se vay tornando.

Não se espantẽ disto as gẽtes,

mais

mais razaõ sera que espante,
hum coraçaõ taõ possante,
que com lagrimas ardentes
se conuerte em diamante.

Pòde hum mudo nadador
na linha & cana influir
tão venenoso vigor
que faz mais não se bulir
o braço do pescador.

Se começaõ de beber
deste veneno excellente,
meus olhos sem se deter,
não se sabem mais mouer
a nada que se apresente.

Isto são claros sinais
do muito que em mi podeis,
nem podeis desejar mais,
que se veruos desejais,
em mi claro vos vereis.

E quereis ver a que fim
em mi tanto bem se pos,
porque quis amor assim
que por vos verdes a vos,
tambem me visseis a mi.

Dos males que me ordenais
que inda tenho por pequenos,
sabei se mos escutais,
que ja não sei dizer mais,
nem vos podeis saber menos.

Mas ja que a tanto tormento,
não se acha quem resista,
eu senhora me contento,
de terdes meu soffrimento,
por aluo de vossa vista.

Quantos contrarios consente
amor por mais padescer,
que aquella vista excellente
que me faz viuer contente
me faça taõ triste ser.

Mas dou este entendimento
ao mal que tanto me offende,
como

como na vella se entende,
que se se apaga co vento,
co mesmo vento se accende.

Exprimentouse algũa hora
da aue que chamão Cámão,
que se da casa onde mora
vê adultera a senhora,
morre de pura paixão.

A dor he tão sem medida,
que remedio lhe não val,
mas ò ditoso animal,
que pòde perder a vida
quando vê tamanho mal.

Nos gostos de vos querer
estaua agora enleuado,
senão fora salteado,
das lembranças de temer
ser por outrem desamado.

Estas sospeitas tão frias,
com que o pensamento sonha,
são assi como as Harpyas,
que as mais doces igarias
vão conuerter em peçonha.

Fazme este mal infinito
não poder jamais dizer,
por não vir a corromper
os gostos que tenho escritto,
cos males que ey de escreuer.

Não quero que se apregoe
mal tanto para encubrir,
porq̃ em quanto aqui se ouuir
nenhũa outra cousa soe,
que a gloria de vos seruir.

Outras.

Dama d'estranho primor,
se vos for
pesada minha firmeza,
olhai não me deis tristeza,
porque a conuerto em amor.
Se cudais

de

de me matar quando vsais
de esquiuança,
irei tomar por vingança
amarvos cada vez mais.

Porem vosso pensamento
como isento,
seguir à sua tençaõ,
crendo que em tanta afficiçaõ
naõ aja accrescentamento.
Naõ creais
que desta arte vos façais
inuencivel,
que amor sobre o impossivel
amostra que pòde mais.

Mas ja da tençaõ que sigo
me desligo,
que se ha tanto poder nelle
tambẽ vos podeis mais qu'elle,
neste mal que vsais comigo.
Mas se fôr
o vosso poder mayor,
entre nos,
quem poderâ mais que vos,
se vos podeis mais que amor?

Despois que dama vos vi
entendi
que perdêra amor seu preço,
pois o favor que lh'eu peço
vos pede elle para si.
Nem duuido
que naõ pòde de sentido
resistir,
pois em vez de vos ferir
ficou de vos ver ferido.

Mas pois vossa vista he tal,
em meu mal,
que posso de vos querer?
que mal poderei valer
onde o mesmo amor naõ val?
Se atentar,
nenhum bem posso esperar,
& oxalà
que vos alembrasse ja,
sequer para me matar.

Mas nem com isto creais
que façais

meus

meus seruiços mais pequenos,
porqu'eu quãdo espero menos
sabei que então quero mais.
Nada espero,
mas de mi crede este fero,
que em ser vosso,
vos quero tudo o que posso,
& não posso quanto quero.

Sò por esta fantesia
merescia
de meus males algum fruito,
que ainda não quero muito,
para o muito que queria.
De maneira,
que não he na derradeira
grande espanto,
que quẽ, dama, vos quer tanto
que outro tanto de vos queira.

A hũas sospeitas.

Sospeitas que me quereis,
que eu vo quero dar lugar,
que de certas me mateis,
se a causa de que naſceis
vos quisesse confessar.

Que de não lhe achar desculpa
a grande magoa passada
me tem a alma tão cansada,
que se me confessa a culpa
tclaey por desculpada.

Ora vede que perigos
tem cercado o coraçaõ,
que no meo da oppressiõ,
a Jeus proprios enimigos
vay pedir a defensaõ.

Que sospeitas eu bem sei
como se claro vos visse,
que he certo o que ja cudei,
que nunca mal sospeitei,
que certo me não saisse.

Mas queria esta certeza
daquella que me atormenta,
porque

porque em tamanha estreitza,
ver que disso se contenta,
he descanso da tristeza.

Porque se esta sò verdade
me confessa limpa & nua,
de cautella & falsidade,
não pòde a minha vontade
deseonformarse da sua.

Por segredo namorado,
he certo estar conhescido,
que o mal de ser engeitado
mais atormenta sabido,
mil vezes que sospeitado.

Mas eu sò em quem se ordena
nouo modo de querella,
de medo da dor pequena
venho achar na mayor pena
o refrigerio para ella.

Ia nas iras me inflamei,
nas vinganças nos furores,
que ja doudo imaginei,
& ja mais doudo jurei
d'arrancar dalma os amores.

Ia determinei mudarme
para outra parte com ira,
despois vim a concertarme
que era bom certificarme
no que mostraua a mintira.

mas despois ja de cansadas
as furias do imaginar,
vinha emfim aarrebentar
em lagrimas magoadas,
& bem pera magoar.

E deixandose vencer
os meus fingidos enganos,
de tão claros desenganos,
não posso menos fazer,
que contentarme cos danos.

E pedir que me tirassem
este mal de sospeitar,

que

que me vejo atormentar,
inda que me confessassem
quanto me pode matar.

Olhai bem se me trazeis
senhora, posto no fim,
pois neste estado a que vim
para que vós confesseis,
se dão os tratos a mim.

Mas para que tudo possa
amor, que tudo encaminha,
tal justiça lhe convinha,
porque da culpa que he vossa
venha ser a morte minha.

Justiça tão mal olhada,
olhay com que cor se doura,
que quer no fim da jornada
que vos sejais confessada
para que eu seja o que moura.

Pois confessai-vos jágora,
inda que tenho temor
que nem nesta vltima ora
me ha de perdoar amor
vossos peccados senhora.

E assi vou desesperado
porque estes são os costumes
d'amor, que he mal empregado
do qual vou ja condenado
ao inferno de ciumes.

Outras a hũa senhora, a qnem derão pera hũa filha sua hum pedaço de cetim amarello, de quem se tinha sospeita.

SE dirinais de verdade
esta palaura Sitim,
achareis sem falsidade,
que apos o si, tem o tim,
que tine em toda a cidade.

Bem vejo que me entendeis,

mas

mas porque não falle em vão,
abei que a esta nação
uito que o Si concedeis
Tim, logo está na mão.

E quem da fama se arreda,
que tudo vay descubrir,
deue sempre de fugir
de Sitis, porque da seda
se natural he rugir.

Mas pano fino, & delgado
qual raxa, & outros assi,
dura, aquenta, & he calado,
amoroso, & da de si,
mais que sitim, nem borcado.

Mas estes que sedas são
com quẽ s'enganão mil damas
mais vos tomão do que dão,
prometem, mas não darão,
senão nodoas para as famas.

E se não me quereis crer

ou tomais outro caminho,
por exemplo o podeis ver
quando la virdes arder
a casa d'algum vezinho.

Ô fiminina simpreza,
donde estão culpas a pares,
que por hum dom de nobreza,
deixão dões de natureza,
mais altos & singulares.

Hum dom q̃ anda enxertado
no nome, & nas obras não,
(fallo como exprimentado,)
que sitim desta feição
eu tenho muito cortado.

Dizemme que era amarello,
a quem assi o quis dar,
sò para me Deos vingar,
se vem â mão amarelo,
o que eu não posso cudar.

Porque quem sabe viuer

por

por estas artes manhosas,
(isto bem pode não ser,)
daa a mininas formosas
sòmente polas fazer.

Quem vos isto diz senhora,
seruio nas vossas armadas
muito, mas anda ja fora,
& pode ser que inda agora
traz abertas as frechadas.

E posto que disfauores
o tirão de seruidor,
quer vos ventura melhor,
que dos antigos amores
inda lhe fica este amor.

A hũa senhora, que estaua rezando por hũas cõtas.

PEçouos que me digais
as orações que rezastes,
se são pellos que mataste,
se por vos que assi matais?

Se são por vos, são perdidas
que qual sera a oração
que seja satisfação
senhora de tantas vidas?

Que se vedes quantos vem
a sò vida vos pedir,
como vos ha Deos de ouuir,
se vos não ouuis ninguem?

Não podeis ser perdoada
cõ maõs a matar taõ prontas,
que se n'hũa trazeis contas,
na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomendando
os que mataste andais,
se rezais por quẽ matais,
para que matais rezando?

Que se na força do orar
leuantais as mãos aos cèos,

não

vão as ergueis para Deos,
ergueilas para mattar.

E quando os olhos cerrais
toda enleuada na fè,
cerraõse os de quem vos vè,
pera nunca verem mais.

Pois se assi forem trattados
os que vos vẽ quando orais
essas horas que rezais,
são as horas dos finados.

Pois logo se sois seruida,
que tantos mortos não sejão,
naõ rezeis onde vos vejaõ,
ou vede para dar vida.

Ou se quereis escusar
estes males que causastes,
resuscitai quem matastes,
naõ tereis por quem rezar.

Cõuite que Luis de Camões fez na India, a certos fidalgos, cujos nomes aqui vão.

¶ A primeira iguaria foi posta a Vasco d'Attaide, entre dous pratos, & dizia,

Se não quereis padescer
hũa ou duas horas tristes,
sabeis que aueis de fazer,
boluervos por do venistes,
que aqui não ha que comer.

E posto que aqui leais
trouinha que vos enlea,
corrido não estejais,
porque por mais que corrais
não eis d'alcançara cea.

A segunda foi posta a Dõ Frãcisco Dalmeida, & dizia.

Heliogabalo zombaua

das pessoas conuidadas,
& de sorte as enganaua,
que as iguarias que daua
vinhaõ nos pratos pintadas,

Naõ temais tal traueſſura,
pois ja naõ póde ser noua,
que a cea está mui segura
de vos naõ vir em pintura,
mas ha de vir toda em troua.

¶ A terceira foi posta á Eitor da Sylueira, & dizia.

Cea naõ a papareis,
com tudo porque naõ minta,
para beber achareis.
naõ Caparica, vias tinta,
& mil cousas que papeis.
E vos torceis o focinho,
com esta amphibologia?
pois sabei que a Poesia
vos dá aqui tinta por vinho,
& papeis por iguaria.

A quarta foi posta á Ioaõ Lopez Leitão, a quem o autor mandou hũ mote, que vai adiante, sobre hũa peça de cacha, que mandou a hũa dama.

Porque os q̃ vos conuidáraõ
vosso estamago naõ danem,
Por justa causa ordenáraõ
se trouas vos enganáraõ,
que trouas vos desenganem.

Vos tereis isto por tacha,
conuerter tudo em trouar,
pois se me virdes zombar,
naõ cudeis senhor que he cacha
que aqui naõ ha cachar.

Finge que responde Ioã Lopez Leitaõ.

Pesar

Pesar ora naõ de saõ,
mjuro pello cèo bento
se de comer me naõ dão,
que eu não sou Camaleão
que m'ei de manter do vento.

Finge que responde o Autor.

Senhor não vos agasteis,
porque Deos vos proverà,
& se mais saber quereis,
nas costas deste lereis
as iguarias que ha.

Vira o papel, que dizia assi.

Tendes nem migalha assada,
cousa nenhũa de molho,
& nada feito em empada,
& vento de tigellada,
ficar no dente em remolho.

De fumo tendes tassalhos,
aues da pena què sente
quem de fome anda doente,
bocejar de vinho & dalhos,
manjar em branco excellẽte.

A quinta & derradeira, foi posta a Francisco de Mello, & dezia.

D'hum homem que teu'o cetro
da vea marauilhosa,
naõ foi cousa duuidosa,
que se lhe tornaua em metro
o que hia a dizer em prosa.

De mi vos quero apostar
que faça cousas mais nouas,
de quanto podeis cudar,
esta cea que he manjar,
vos faça na boca em trouas.

¶ Mote, a Ioão Lopez Leitão, sobre hũa peça de cacha q̃ elle mandou a hũa dama na India, q̃ se lhe fazia dõzella: o qual Ioão Lopez Leitão, he o que elle conuidou no banque atras.

Mote.

Se vossa dama vos dá
tudo quanto vos quisestes,
dizei para que lhe destes
o que vos ella fez já?

Sendo os restos inuidados
& vos de cachas mil contos,
sabeis com quam poucos põtos
que lhos achastes quebrados?
Se o que tem issovos dá,
vos mui bem lho merescestes,
porque se a cacha lhe destes,
unhaúola feita já.

A dona Francisca d'Aragão, mandaudandolhe esta regra que lha glosasse.

MOTE.

Mas porẽ a q̃ cuidados.

Tanto mayores tormentos
forão sempre os que sofri,
daquillo que cabe em mi,
que não sei que pensamentos
são os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
a perigos arriscados,
inclinado, bem sospeito
que a cudados sou sogeito,
Mas porem a que cudados?

Outra ao mesmo.

Que vindes em mi buscar,
cudados, que sou catiuo?
& não tenho que vos dar?
se vindes a me matar,

já

já ha muito que não viuo.
Se vindes porque me dais
tormentos desesperados,
eu que sempre soffri mais,
não digo que não venhais,
Mas porem a que, cudados?

Outra ao mesmo.

Se as penas que amor me deu
vem por taõ suaues meos,
naõ ha que temer receos,
que val hum cudado meu
por mil descansos alheos.
Ter n'hũs olhos taõ fermosos
os sentidos enleuados,
bem sei que em baixos estados
saõ cudados perigosos,
Mas porem ah que cudados.

¶ Carta que Luis de Camões mandou a dona Francisca de Aragaõ, com a glosa acima.

Sñora.

Deixeime enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he seruida de me tornar a resuscitar, por mostrar seus poderes, lembrolhe que hũa vida trabalhosa he menos de agradecer que hũa morte descansada. Mas se esta vida que agora de nouo me dá for para ma tornar a tomar, seruindose della, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este mote de v.m. ao qual dei tres entendimentos, segundo as palauras delle podèraõ soffrer: se forem bõs, he o mote de v. m. se maos, saõ as glosas minhas.

Mote que lhe mandou o Visorei na India, pera lhe fazer hũas voltas.

Muito sou meu enemigo,
pois que não tiro de mi
cudados com que nasci,
que poem a vida em perigo,
oxalà que fora assi.

Voltas proprias.

Viuer eu sendo mortal
de cùdados rodeado,
paresce meu natural,
que a peçonha naõ faz mal
a quem foi nella criado.
Tanto sou meu inimigo
que por naõ tirar de mi
cudados com que nasci,
porei a vida em perigo,
oxalâ que fora assi.

Tanto vim a accrescentar
cudados que nunca amansaõ,
em quanto a vida durar,
que canso ja de cudar
como cudados naõ cansaõ.
Se estes cudados que digo
dessem fim a mi, & a si,
fariaõ pazes comigo,
que por a vida em perigo,
o bom fora para mi.

Redondilhas mandadas ao Visorei, com o mote atras.

Cõde, cujo illustre peito
merece nome de Rei
do qual muito certo sei
que lhe fica sendo estreito
o cargo de Visorei.

Seruir dès vos dè occuparme,
tanto contra meu planeta,
naõ foi senaõ asas darme
cõ as quais vou a queimarme,
como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar
que tão mal cortada tenho.

nã para celebrar
esso valor singular,
ino de mais alto engenho.

Que se o meu vos celebrasse,
cessario me seria
os olhos d' Aguia tomasse,
para que naõ cegasse
o sol de vossa valia.

ossos feitos sublimados,
u armas dinos de gloria,
ão no mundo taõ soados,
e em vos de vossos passados
resuscita a memoria.

ais aquelle animo estranho,
onto para todo effeito,
anta todo o conceito,
ino coraçaõ tamanho
os pòde caber no peito.

clemencia que afferena
ração taõ singular,

s'eu nisso puseſſe a pena,
seria encerrar o mar
em coua muito pequena.

Bem basta senhor que agora
vos sirvais de me occupar,
que assi fareis aparar
a pena com que algũa hora
vos vereis ao cêo voar.

Assi vos irei louuando,
vos a mũ do chaõ erguendo,
ambos o mundo espantando,
vos co a espada cortando,
eu co a pena escreuendo.

Glosas do Autor.

Mote alheo.

Campos bemauenturados
tornaiuos agora tristes,
que os dias em que me vistes
alegre, ja saõ passados.

Glosa.

Campos cheos de prazer,
vos que estais reuerdescendo
ja me alegrei com vos ver,
agora venho a temer,
que entristeçais em me vendo.
E pois a vista alegrais,
dos olhos desesperados,
não quero que me vejais,
para que sempre sejais
Campos bemauenturados.

Porem se por accidente,
vos pesar de meu tormento
sabereis que amor consente
que tudo me descontente,
senão descontentamento.
Por isso vos aruoredos,
que ja nos meus olhos vistes
mais alegrias que medos,
se mos quereis fazer ledos,
tornainos agora tristes.

Ia me vistes ledo ser,
mas despois que o falso amor
tão triste me fez viuer,
ledos folgo de vos ver,
porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
de minha dor me sentistes,
julgai quanto mais desejo
as oras que vos não vejo,
Que os dias em que me viste

O tempo que he desigual,
de seccos verdes vos tem,
porque em vosso natural
se muda o mal pera o bem,
mas o meu para mòr mal.
Se preguntais verdes prados
pellos tempos differentes,
que de amor me forão dados
tristes aqui são presentes,
Alegres ja são passados.

Mote alheo.

Trabalhos descansarião
se para vos trabalhasse,
tempos tristes passarião,
se algũa hora vos lembrasse.

Glosa propria.

Nunca o prazer se conhece
senão depois da tormenta,
tampouco o bem permanece,
que se o descanso floresce
logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bẽs se lograrião,
mas os males tudo atalhão,
porem ja que assi porfiaõ,
onde descansos trabalhaõ
trabalhos descansariaõ.

Qualquer trabalho me fora
por vos gran contentamento,
nada sentira senhora,
se vira disto algum'hora
em vos hum conhescimento.
Por mal que o mal me tratasse
tudo por bem tomaria,
posto que o corpo cansasse
a alma descansaria,
se para vos trabalhasse.

Quem vossas cruezas ja
soffreo, a tudo se pos,
costumado ficarà,
& muito milhor serâ
se trabalhar para vos.
Tristezas esquecerião,
posto que mal me tratârão,
annos naõ me lembrarião,
que como estoutros passaraõ
tempos tristes passariaõ.

Se fosse galardoado
este trabalho tão duro,
naõ viuera magoado,
mas não o foi o passado,
como o serâo futuro?
De cansar naõ cansaria,

Se quiserdes que cansasse,
Cauar, morrer, falobia,
tudo emfim me esqueceria,
se alguã hora vos lembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
pois quer vossa condição
que os males q̃ dais por pena,
me fiquem por galardão.

Gloſa propria.

Depois de sempre soffrer
senhora vossas cruezas,
a pesar de meu querer,
me quereis satisfazer
meus seruiços com tristezas.
Mas pois embalde resiste
quẽ vossa vista condena,
prestes estou pera a pena,
que de galardão tão triste
Triste vida se me ordena.

De contente do meu mal
a taõ grande estremo vim,
que consinto em minha fim,
assi que vos & mais eu,
ambos somos contra mi.
Mas que sofra meu tormento
sem querer mais galardaõ,
naõ he fora de razão,
que queira meu soffrimento,
Pois quer vossa condiçaõ.

O mal que vos dais por bem,
esse senhora he mortal,
que o mal que dais como mal,
em muito menos se tem,
por costume natural.
Mas porem nesta vittoria,
que comigo he bem piquena,
a mayor dor me condena
a pena que dais por gloria,
Que os males q̃ dais por pena.

Que mòr bẽ me pòssa vir
que seruiruos, naõ o sei,

Pois

pois que mais quero eu pedir,
se quanto mais vos seruir
tanto mais vos deuerei?
Se vossos merescimentos
de taõ alta estima são,
assaz de fauor me daõ,
em querer que meus tormẽtos
se fiquem por galardaõ.

Mote alheo.

Ia não posso ser contente,
tenho a esperança perdida,
sendo perdido entre a gente,
nẽ mouro, nem tenho vida.

Glosa propria.

Depois que meu cruel fado,
destruîo hũa esperança,
em que me vi leuantado,
no mal fiquei sem mudança,
no do bem desesperado.
O coraçaõ que isto sente
esta dor não resiste,
porque vẽ mui claramente
que pois nasci para triste,
Ia não posa ser contente.

Por isso contentamentos
fugi de quem vos despreza,
ja fiz outros fundamentos
ja fiz senhora a tristeza
de todos meus pensamentos,
O menos que lhe entreguei
foi esta cansada vida,
cuido que nisto acertei,
porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
fora ja muito melhor,
teuera fim esta dor,
que não podendo mòr ser,
cada vez a sinto mòr.
De vos desejo esconderme
& de mĩ principalmente,
onde ninguem possa verme,
q̃ pois me ganho em perderme

ando

Ando perdido antr'a gente.

Gostos de mudanças cheos,
não me buſqueis, não vos q̃ro,
tenho vos por tão alheos,
que do bem que não eſpero,
anda me ficão receos.
Em pena tão ſem medida,
em tormento tão eſquiuo,
que moura ninguem duuida,
mas eu ſe mouro, ou ſe viuo,
Nem mouro, nem tenho vida.

Morte, & gloſa do autor, a hũa dama que ſe chamaua Ana.

A morte pois que ſou voſſo,
Não na quero, mas ſe vem,
A de ſer todo meu bem.

Gloſa.

Amor que em meu penſam̃eto
com tanta fè ſe fundou,
me tem dado hum regimento,
que quando vir meu tormento
me ſalue com cujo ſou,
E cõ eſta deſenſaõ,
cõ que tudo vencer poſſo,
diz a cauſa ao coraçaõ,
não tẽ em mĩ jurdiçaõ,
A morte, pois que ſou voſſo.

Por exprimentar hũ dia
amor ſem' achaua forte,
neſta fee como dizia,
me conuidou cõ a morte,
ſò por ver ſe a tomaria.
E como elle ſeja a couſa,
onde eſtâ todo meu bẽ,
reſpondilhe (como q̃ẽ
quer dizer mais, & não ouſa)
Naõ a quero, mas ſe vẽ,

Não diſſe mais por q̃ entaõ
entendeo quanto me toca,
& ſe tinha dito, o não,
muitas vezes diz a boca
o que nega o coração.
Toda a couſa defendida

em mais estima se tem,
por isso he cousa sabida,
que perder por vos a vida
ha de ser todo meu bem.

Mote alheo.

Vejo a n'alma pintada,
quando ma pede o desejo,
a natural que não vejo.

Glosa propria.

Se só no ver puramente
me transformei no que vi,
de vista tão excellente
mal poderei ser ausente,
em quanto o não for de mi.
Porque a alma namorada
atraz tão bem debuxada,
& a memoria tanto voa,
que se a não vejo em pessoa,
vejo a n'alma pintada.

O desejo que se estende
ao que menos se concede
sobre vos pede & pretende,
como o doente que pede
o que mais se lhe defende.
Eu que em ausencia não vejo,
tenho piedade & pejo,
de me ver tão pobre estar,
que então não tenho que dar,
quando me pede o desejo.

Como aquelle que cegou
he cousa vista & notoria,
que a natureza ordenou
que se lhe dobre em memoria
o que em vista lhe faltou.
Assi a mi que não vejo,
os olhos ao que desejo,
na memoria & na firmeza,
me concede a natureza
a natural que não vejo.

Mote alheo.

Sem vos & com meu cudado,
olhay com quem, & sem quẽ.

Glosa

Glosa propria.

Vendo amor que com vos ver
mais leuemente soffria
os males que me fazia,
não me pode isto soffrer.
Conjurouse com meu fado,
hum nouo mal me ordenou,
ambos me leuaõ forçado
naõ sei onde, pois que vou
Sem vos, & com meu cudado.

Naõ sei qual he mais estranho
destes dous males que sigo,
se não vos ver, se comigo
leuar imigo tamanho,
O que fica & o que vem,
hum me mata, outro desejo,
com tal mal, & sem tal bem,
em tais estremos me vejo,
olhai com quem, & sem quem.

Outra sua, ao mesmo mote.

Amor cuja prouidencia
foi sempre que naõ errasse,
porque n'alma vos leuasse,
respeitando o mal de ausencia
quis q̃ em vos me trãsformasse.
E vendome ir maltratado,
eu & meu cudado sòs,
proueo nisso d'atentado,
por não me ausentar de vos,
Sem vos, & com meu cudado.

Mas est'alma qu'eu trazia
por que vos nella morais,
deixame cego & sem guia,
que ha por melhor companhia
ficar onde vos ficais.
Assi me vou de meu bem
onde quer a forte estrella,
sem a alma que em si vos tem,
co mal de viuer sem ella,
Olhai com quem, & sem quẽ.

Mote alheo.

Sem ventura he por demais.

Glosa.

Glosa propria.

Todo o trabalhado bem
romete gostoso fruttu,
as os trabalhos que vem
ra quem dita não tem,
alem pouco, & custaõ muito.
Rompem toda a pedra dura,
z os homẽs immortais,
trabalho quando atura,
as querer achar ventura
m ventura, he por demais.

Mote alheo.

lfinh'alma lembrainos della.

Glosa propria.

Pois o veruos tenho em mais
e mil vidas que me deis,
ſi como aque me dais
eu bem ja que mo negais
us olhos naõ mos negueis.

E ſe a tal eſtado vim,
guiado de minha eſtrellá,
quando ouuerdes dò de mĩ
minha vida dailhe a fim,
minh'alma lembrainos della.

Outro mote alheo.

Tudo pode hũa affeição.

Glosa propria.

Tem tal jurdiçaò amor,
n'alma donde ſe aposenta,
& de que ſe faz ſenhor,
que a liberta & iſenta
de todo o humano temor.
E com mui juſta razão
como ſenhor ſoberano,
que amor naõ conſente dãno,
& pois me ſoffre tençaõ,
gritarei por deſengano,
Tudo pòde hũa affeiçaõ.

Troua de Boſcão.

Iuſta fue mi perdicion,

de

de mis malles soy contento,
ya no espero galardon,
pues vuestro merescimiento
satisfizo à mi passion.

Glosa propria.

Despues que amor me formò
todo de amor qual me veo,
en las leyes que me dio,
el mirar me consintio,
y defendiome el desseo.
Mas el alma como injusta,
en viendo tal perficion,
dio al desseo occasion,
y pues quebrè ley tan justa
Justa fue mi perdicion.

Mostrandoseme el amor
mas benigno que cruel,
sobre tyranno traydor,
de celos de mi dolor
quiso tomar parte enel.
Yo que tan dulce tormento
no quiero dallo aunque pecco,
resisto, y no lo consiento,
mas si me lo toma a trueco,
De mis males soy contento.

Señora ved lo que ordena
este amor tan falso nuestro,
por pagar a costa agena
manda q̃ de vn mirar vuestro
haga el premio de mi pena.
Mas vos para que veais
tan engañosa tencion,
aunque muerto me sintais
no mireis, que si mirais
Ya no espero galardaõ.

Pues que premio (me dircis)
esperas que sera bueno,
sabed si no lo sabeis,
que es lo mas delo que peno
lo menos que mereseeis.
Quien haze al mal tan vsano
y tan libre al sentimiento?
el desseo? no, ques vano,
el amor? no ques tyranno,

Pues

Pues? vueſtro mereſcimiento.

No pudiẽdo amor robarme
le mis tan charos deſpojos,
aunque fue por mas hõrarme,
vos ſola para matarme
le preſtaſtes vueſtros ojos.
Mataronme ambos a dos,
mas a vos con mas razon
deue el la ſatisfacion,
que a mi, por el y por vos,
Satisfizo mi paſsion.

Trouas a hũa dama que lhe mandou pedir algũas obras ſuas.

Senhora ſe eu alcançaſſe
no tempo que ler quereis,
que a dita dos meus papeis
polla minha ſe trocaſſe,
& por ver
tudo o que poſſo eſcreuer
em mais breue relação,
indo eu onde elles vão,
por mi sò quiſeſſeis ler.

Depois de ver hum cudado
tão contente de ſeu mal,
verieis o natural
do que aqui vedes pintado,
que o perfeito
amor de que ſou ſogeito,
vereis aſpero & cruel,
aqui com tinta & papel,
em mi co ſangue no peito.

Que hum contino imaginar
naquillo que amor ordena,
he pena que emfim por pena
ſe não pòde declarar,
que ſe eu leuo
dentro n'alma quanto deuo,
de trasladar em papeis,
vede qual melhor lereis,
ſe a mi, ſe aquilo que eſcreuo?

A hũa Dama com quem queria andar de amores.

Mote.

Minina fermosa, & crua,
bem sey eu
quem deixara de ser seu
se vos quizereis ser sua.

Volta.

Minina mais que naydade
se para me querer bem
vos não vejo ter vontade,
he porque outrem vola tem:
tomuola & faz vola crua,
porem eu
ja tomara não ser meu
se vos não foreis tão sua.

Nos olhos & na feição
vos vi quando vos olhaua,
tanta graça que vos daua
de graça este coração,
não o quisestes de crua,
por ser meu
se outrem vos dera o seu
pode ser foreis mais sua.

Menina tende maneira
que ainda não venha a ser
pois não quereis quẽ vos quer
q̃ queirais quẽ vos não queira
olhay não me sejais crua
que pois eu
quero ser vosso, & não meu,
sede vos minha & não sua.

Mote a hũa dama que estaua doente.

Da doença, em que ardeis,
eu fora vossa mezinha
soo com vos ser des a minha.

He muito para notar
cura tão bem acertada:
que podereis ser curada
somente com me curar
se que

Se quereis damatrocar
ambos temos a mezinha,
a vossa, & vos a minha.

Olhay que não quer amor,
(porque fiquemos iguoais)
pois meu ardor não curais,
que se cure vosso ardor:
eu ca sinto a vossa dor,
& se vos sintis a minha,
day & tomay a mezinha.

Outrõ a outra dama q̃
estaua tãbem doente.

Dey senhora por sentença
amor que fosseis doente,
para fazerdes aa gente
doce & fermosa a doença.

Não sabendo amor curar
foy a doença fazer
fermosa para se ver,
doce para se passar,
então vendo a differença,
que ha de vos a toda a gente,
mandou que fosseis doente,
para gloria da doença.

E digovos de verdade,
que a saude anda enuejosa
por ver estar tão fermosa
em vos esta infimidade.
Não façaes logo detença
senhora em estar doente
porque adoecera a gente
com desejos da doença.

Que eu por ter fermosa dama
adoença que em vos vejo
vos confesso que desejo
de cair comvosco em cama,
Se consentis que me vença
este mal, não ouuegente
da saude tão contente
como eu serey da doença.

Estancias, a outra dama doente.

Olhai que dura sentença,
foi amor dar contra mĩ,
que porque em vos me perdi,
em vos me busca a doença:
claro está
que em vos sò me achará,
que em mĩ, se me vem buscar,
não poderá mais achar
que a forma do que fui ja.

Que se em vos amor se pos,
senhora he forçado assi,
que o mal que me busca a mi,
que vos faça mal a vos,
sem mintir,
amor me quis destruir,
por modo nunca cudado,
pois vos ha de ser forçado
pesaruos de vos seruir.

Mas sois tão desconhecida,
& saõ meus males de sorte
que vos amcaça a morte,
porque me negais a vida,
se por boa
tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
auei vos perdão d'amor,
que a parte ja vos perdoa.

Mas o que mais temo emfim,
he que nesta differença
que se não torne a doença,
se me não tornais a mĩ,
de verdade
que ja vossa humanidade
de que se queixe não tem,
pois para as almas tambem,
fez amor infirmidade.

A hũa dama que estaua vestida de dó.

De atormentado & perdido,
ja vos não peço senão

que

que tenhais no coração
o que tendes no vestido.

Se de dò vestida andais
por quem ja vida não tem,
porque não no aueis de quem
vos tantas vezes matais,
que brado sem ser ouuido
& nunca vejo senão
cruezas no coraçam,
& grande dò do vestido.

Outro à dona Guiomar de Blasfe, queiman-dose com hũa vella no rosto.

Amor que todos offende
teue senhora por gosto
que sentisse o vosso rosto
o que nas almas ascende.
Aquelle rosto que tras
o mundo todo abrasado
se foy da flama tocado,
foy porque sinta o que faz.

Bem sey que amor se lhe rende
porem o seu prosoposto
foy sentir o vosso rosto,
o que nas almas assende.

Ahũa molher q̃ foy assoutada por hum homẽ que chamauam foão Coresma na India.

Não estejais agrauada
senam se foi de vos mesma,
porque a molher q̃ he errada
com rezam pella coresma
deue ser desiprinada.
Quererdes profano amor
em coresma he consciencia,
assoutes, & penitencia
vos está muito milhor.

Nam fiqueis disto afrontada

Pois a culpa he vossa mesma
que molher q̃ he tam maluada
he bem que pella coresma
seja bem desciprinada.

Se a penitencia vos val
muy bem assoutada estais
pois por coresma pagais
vossos viços do carnal.
Nam torneis a ser errada
nem condeneis a vos mesma
pois estais ja emendada,
& nam sereis por coresma
outra vez desiprinada.

Esparsa a hum fidalgo na
India que lhe tardaua cõ
hũa camisa galante,
que lhe prometeo.

Quem no mundo quiser ser
auido por singular
para mais se engrandecer
ade trazer sempre o dar
nas ancas do prometer.

E ja que vossa merce
largeza tem por diuisa,
como todo mundo vè,
ha mister que tanto dè
que venha dar a camisa.

Mote a hũa dama q̃ lhe
chamou diabo, por no-
me foã dos Anjos.

Senhora pois me chamais
tam sem rezaõ taõ mao nome,
inda o diabo vos tome.

Quem quer que vio, ou q̃ leo,
ter a por nouo, & moderno
ter quem viue no inferno
o pensamento no ceo.
Mas se a vos vos pareceo
que me estaua bem tal nome,
esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguem
con-

nfeſſo ſenhora ſer
as o diabo nam quer
os Anjos tamanho bem,
is logo nam me conuem,
a ſe me conuem tal nome
ra pera que vos tome.

Mote alheo.

Caterina bem promete
era ma como ella mente.

Voltas propias.

e vos benzeis com cautella
mo Danjo, & não de luz,
l pôde fugir da Cruz
em vos tendes poſto nella
as ja que foy minha eſtrella,
diabo, & ter tal nome
ardayuos que vos nã tome.

Caterina he mais fermoſa
para mim que a luz do dia
mas mais fermoſa ſeria
ſe nam foſſe mentiroſa,
oje a vejo piadoſa,
a menham tam diferente
que ſempre cudo que mente.

que cheagis tanto ao cabo
as mãos poſtas aos ceos,
ſempre pedindo a Deos
vos leue eſte diabo,
ſenhora nam me gabo,
s pois que me dais tal nome
oo para que vos tome.

Caterina me mentio
muitas vezes ſem ter ley,
mas todas lhe perdoey
por hũa ſoo que cumprio,
ſe como me conſentio
falar o mias me conſenta,
nunca mais direy que mente.

Mà mintirosa maluada
dizey para que mentis,
pormeteis, & nam cumpris
pois sem cõprir tudo be nada,
nam sois bem aconselhada
que quem promete se mente
o que perde nam no sente.

Iuroume aquella cadella
de vir, pella alma que tinha,
enganoume tem a minha
dalhe pouco de perdella,
a vida gasto a pos ella
porque ma dâ se pormete,
mas tirama quando mente.

Tudo vos consetiria
quanto quisesseis fazer
se esse vosso pormeter
fosse pormeter hum dia,
todo então me desfaria
conuosco, & vos de contente
zombaries de quem mente.

Pormeteome ontem de vir
nunca mais apareceo,
creo que nam prometeo
senam sò por me mentir,
fazme em fim chorar, & ri
rio quando me promete,
mas choro quando me mente

Mas pois folgais de mentir
pormetendo de me ver,
eu vos deixo e pormeter
deixayme vos o comprir
a veis entam de sentir
quanto fica mais contente
o que cumpre, q̃ o que ment

Labarinto do autor qu
xandose do mundo.

Corre sem vella, & sem le
o tempo desordenado
d'hum grande vento leuad
o que perigo nam teme
he de pouco esprementado.

redeas trazem na mão
que redeas nam tiuerão
ndo quanto mal fizeram
ubiça, & ambiçam
fraçados se acolherão.
nao que se vay perder
lhrue mil esperanças,
jo o mao que vem a ter
jo perigos correr
em não cuda q̃ ha mudãças?

s que nũca em sella andarão
a sella postos se vem,
e fazer mal não deixaram,
e demonios habito tem
s que o justo profanarão.
Que poderà vir a ser
mal nunca refreado,
nda por certo enganado
quelle que quer valer
uando o caminho erado.

He pera os bõs confiança
er que os maos perualecerã,
posto que se detiueram.

com esta simulação
sempre castigos tiueram
Nam porque gouerne o leme
em mar emuolto, & turbado
que tem seu remo mudado
se merece grita, & geme
em tempo desordenado.

Terem justo galardão
& dor dos que merecerão
sempre castigos tiueram:
sem nenhũa redempção
posto que se detiueram.
Na tormenta se vier
desespere na bonança,
quem manhas nam sabe ter
sem que lhe valha gemer
vera falçar a balança.

Os que nunca trabalharam
tendo o que lhe nam conuem,
se ao innocẽte enganaram
perderão o eterno bem,
se do mal nam se apartaram.

A hũa

A hum seu amigo a quẽ não podia encõtrar.

Mote.

Qual tera culpa de nos
neste mal que todo he meu
quando vindes não vou eu
quando vou nam vindes vos.

Reinãdo amor em dous peitos
tesse tantas falcidades,
que de conformes vontades
faz desconformes, & feitos
Igualmente viue em nos,
mas por desconcerto seu
vos leua se venho eu,
me leua se vindes vos.

Mote seu.

Descalça vay polla neue,
assi faz quem amor serue

Voltas.

Os priuilegios que os Reis
nam podẽ dar, pode amor
que faz qualquer amador
liure das humanas leis,
mortes, & guerras, crueis,
ferro frio, fogo, & neue.
tudo sofre quem o serue.

Moça fermosa despresa
todo o frio. & toda a dor
olhay quanto pòde amor
mais quea propria natureza?
medo nem delicadeza
lhe empede que passe a neue,
assi faz quem amor serue.

Por mais trabalhos que leue
a tudo se offreceria,
passa polla neue fria
mais alua que a propria neue,
com todo o frio se atreue,
vede em que fogo ferue
o triste que o amor ferue?

Outro alheo.

A dor que a minha alma sente
não na sabe toda a gente.

Voltas propias.

Que estranho caso de amor,
que desejado tormento
que venho a ser auarento
das dores de minha dor
por me nam tratar pior
se se sabe, ou se se sente,
nã na digo a toda a gente.

Minha dor, & a causa della
de ninguem a ouso fiar
que seria auenturar
a perderme, ou a perdella,
& pois soo com padessella
a minha alma esta contente,
não quero q̃ o sayba a geute.

Ande no peito escondida
dentro na alma sepultada,
de mi soo seja chorada,
de ninguem seja sentida,
ou me mate, ou me de vida,
ou viua triste. ou contente
não ma sayba toda a gente.

Otro seu.

D alma, & de quanto tiues
quero que me despojeis,
com tanto quẽ me deixeis
os olhos pera vos ver.

Volta.

Cousa este corpo nam tem
que ja não tenhais rendida
depois de tirarlhe a vida,
tirayllhe a morte tambem:
se mais tenho que perder
mais quero que me leueis,
com tanto que me deixeis
os olhos pera vos ver.

Mote alheo.

Amores de hũa casada
que eu vi pollo meu mal

Voltas propias.

Nũa casada fuy por
os olhos de si senhores,
cuidey que fossem amores
elles fizeraõse amor,
fasse a desejo mayor
donde o remedio namval
em perigo de meu mal.

Nam me pareceo que amor
podesse tanto comigo
que dõde entra por amigo
se leuante por senhor,
leuame de dor em dor
& de final em final,
cada vez pera mòr mal.

Outro seu.

Enforquey minha esperança
mas amor foy tam madraço
que lhe cortou o baraço.

Voltas.

foy a esperança julgada
por sentença da ventura,
que pois me teue apindura
que fosse depindurada,
vem Cupido coa espada
cortalhe serço o baraço,
Cupido foste madraço.

Outro seu.

Pus o coração nos olhos
& os olhos pus no chão
por vingar o coração,

Volta.

O coraçam enuejoso
como dos olhos andaua
sempre remoques me daua
que nam era o meu mimoso
venho eu de piadoso
do senhor meu coraçam
boto os meos olhos no chão.

Outro seu.

Pus meus olhos n'hũa funda,
& fiz hum tiro com ella,
ás grades de hũa janella.

Voltas.

Hũa dama de maluada,
tomou seus olhos na mão,
& tirou me hũa pedrada
com elles ao coraçaõ.
armei minha funda então
& pus os meus olhos nella,
trape, quebrou'a janella.

Endechas. A hũa catiua com quẽ andaua d'amores na India, chamada Barbora.

Aquella catiua
que me tem catiuo,
porque nella viuo
já não quer que viua,
eu nunca vi rosa
em suaues molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no cêo estrellas,
nem no campo flores,
me parescem bellas,
como os meus amores,
rosto singular,
olhos sossegados,
pretos & cansados
mas não de matar.

Hũa graça viua,
que nelles lhe mora,
para ser senhora
de quem he catiua,
pretos os cabellos,
onde o pouo vaõ
perde opinião
que os louros saõ bellos.

Pretidão de amor,
taõ doce a figura,

que

que a neue lhe jura
que trocâra a cor.
Leda mansidaõ
que o siso a companha.
bem pareſſe eſtranha
mas barbora naõ.

Preſença ſerena
que a tromenta amansa
nella em fim deſcansa
toda a minha pena.
Eſta he acatiua
que me tem catiuo
& pois nella viuo
he força que viua.

Chiſte.

Quem ora ſoubeſſe
onde o amor naſce
que o ſe me aſſe.

Da mor & ſeus danos
me fiz laurador,
ſe meaua amor
& colhia enganos,
naõ vi em meus annos
homẽ que apanhaſſe
o que ſemeaſſe.

Vi terra florida
de lindos abrolhos,
lindos para os olhos
duros para a vida
mas a Res perdida
que tal erua paſſe
em forte hora naſce.

Com quanto perdi,
trabalhaua em vaõ
ſe ſemeey graõ
grande dor colhy,
amor nunca vy
que muito duraſſe
que naõ magoaſſe

Alheo.

Se me leuaõ agoas
nos olhos as leuo.

Propias.

Se de ſaudade
morrerey ou naõ
meus olhos diraõ
de mim a verdade.
Por elles me atreuo
alcançar as agoas
que moſtrem as magoas
que neſta alma leuo.

As agoas que em vaõ
me fazem chorar
ſe ellas ſaõ do mar
eſtas do mar ſaõ.
Por ellas releuo
todas minhas magoas
que ſe força d'agoas
me leuaõ, eu as leuo.

Todas me entriſteſcem,
todas ſaõ ſalgadas,
porem as choradas
doces me parecem.
Correy doces agoas
que ſe em vos me enleuo
naõ doem as magoas
que no peito leuo?

Outra alheo.

Minina dos olhos verdes
porque me naõ vedes?

Propias.

Elles verdes ſaõ
& tem por vſança
na cor eſperança
& nas obras naõ
voſſa condiçaõ
naõ he dolhos verdes
porque me naõ vedes.

Inſenções a molhos
que elles dizem terdes
naõ ſaõ d'olhos verdes

nem de verdes olhos,
siruo de giolhos,
& vos naõ me credes,
porque me não vedes?

Auião de ser
porque possa vellos,
que hũs olhos taõ bellos
naõ se haõ d'esconder,
mas fazeismе crer
que ja não saõ verdes,
porque me naõ vedes.

Verdes não o saõ
no que alcanço delles,
verdes saõ aquelles
que esperança daõ,
se na condiçaõ
está serem verdes,
porque me naõ vedes?

Outro alheo.

Trocai o cudado
senhora comigo,
vereis o perigo
que he ser desamado.

Voltas proprias.

Se trocar desejo
o amor entre nòs,
he para que em vos
vejais o que vejo,
& sendo trocado,
este amor comigo,
ser vosha castigo,
terdes meu cudado.

Tendes o sentido
d'amor liure, & isento,
& cudais que he vento
ser taõ mal querido,
não seja o cudado
taõ vosso inimigo,
que quero o perigo
de ser desamado.

Mas nunca foi tal
este meu querer,
que quem tanto quer
queira tanto mal,

seja

seja eu mal tratado,
& nunca o castigo
vos mostre o perigo
que he ser desamado.

Outra à tençam de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
de ver outro dia
quem o acabaria?

A lindesa vossa,
dama quem a vê
impossivel he
que guardar se possa
se faz tanta mossa,
vernos hum soo dia
quem se guardaria?

Milhor deue ser
neste a venturar,
ver, & nam guardar
que guardar de ver,
Ver, & defender
muito bom seria,
mas quem poderia?

Alheo.

De piquena tomey amor
porque o nam entendi,
agora que o conheci
matame com disfauor.

Voltas propias.

Vio moço, & pequinino
& a mesma idade ensina
que se encline hũa minina,
as mostras de hum minino.
Ouuilhe chamar amor
pello nome me vensci,
nunca tal engano vi,
nem tamanho desamor.

Cresceume de dia em dia
com a idãde a affeição,
porque amor de criação

nalma ena vida se cria,
criose em mim este amor
& senhoreouse de mim,
agora que o conheci
matame com disfauor.

As flores me torna abrolhos,
amorte meditrimina
quem eu troxe de menina
nas meninas dos meus olhos.
desta magoa & desta dor
tenho sabido em fim,
por amor me perco a mim,
porquẽ de mim perde o amor.

Parece ser caso estranho
o que amor em mim ordena,
que em jdade tão pequena
aja tormento tamanho.
Sejão milagres de amor,
ey os de sofrer assi,
ate que aja dô de mim
quem entender esta dor.

Cantiga velha.

Apartaraõse os meus olhos
de mim tão longe,
falsos amores
falsos maos enganadores.

Voltas propias.

Tratarãome con cautella
por me enganar mais azinha
deilhe posse da alma minha
forãome fogir com ella.
Não ha vellos, nem ha vella
de mi tão longe,
falsos amores
falsos maos enganadores.

Entregueilhe a liberdade,
& em fim da vida o melhor
foraõse, & do desamor

fizerão

fizerão neciſidade,
quem teue a ſua vontade
de mim tan longe
falſos amores
erão crueis matadores.

Naõ ſe pos terra nem mar
entre vos que foraõ em vaõ,
poſſe voſſa condiçaõ,
que taõ doçe he de paſſar
ſoo ella vos quis leuar
de mim taõ longe
falſos amores,
& o xala que enganadores.

Outra cantiga velha.

Falſo caualeiro ingrato
enganaiſme:
vos dizeis que eu vos mato,
& vos mataiſme.

Voltas propias.

Coſtumadas artes ſaõ
para enganar inocencias
piadoſas aparencias
ſobre y zento coraçaõ:
eu vos amo, & vos ingrato,
magoaiſme,
dizendo que eu vos mato
& vos mataiſme.

Vede agora qual de nos
anda mais perto do fim
que a juſtiça faz ſe em mim
& o pregaõ diz que ſois vos
quando mais verdade trato
leuantaiſme
que vos deſamo & vos mato,
& vos mataiſme.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
he por que para vos vejo
em todo o mundo deſejo
& em ningem merecimento.

Voltas propias.

Para quem vos soube olhar
tam impossiuel foy ser
o poderuos merecer,
como o nam vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
nenhũ remedio lhe vejo,
se nam se der o desejo
asas ao merisçimento.

Otro alheo.

Vos senhora tudo tendes
senão q̃ tẽdes os olhos verdes.

Voltas propias.

Dotou em vos natureza
o sumo da perfeiçam,
que o que em vos he senam,
he em outras gentileza:
o verde nam se despreza,
que agora que vos o tendes,
sam bellos os olhos verdes.

Ouro & azul he a milhor
cor porque a gente se perde,
mas a graça desse verde
tira a graça a toda a cor,
fica agora sendo a flor
a cor que nos olhos tendes,
porque sam vossos, & verd

Otro mote alheo.

Para que me dan tormento
aprouechando tam poco
perdido mas no tam loco
que discubra lo que siento.

Voltas propias.

Tiempo perdido es aquel
que se passa en darme affan
pues quanto mas me lo dan
tanto menos siento del.
que descubra lo que siento:
no lo hare que no es tan poc

que no puede ser tan loco
quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda amor,
que de tan dulce querella,
a nadie dè parte della,
porque la sienta mayor,
es tan dulce mi tormiento
que aun semantoja poco:
y si es mucho quedo loco
de gusto de lo que siento.

Otro mote alheo.

De vuestros ojos sentellas,
que ensienden pechos de yello,
suben por el ayre al cielo
y en llegando son estrelles.

Voltas propias.

Falsos loores os dan
que essas sentellas tan raras,
no son nel cielo mas claras,
que en los ojos donde estan.
Porque quando miro en ellas
de como alumbran al cielo
no se que seran nel cielo
mas se que a ca son estrellas.

Ni se puede presumir,
que al cielo suban señora
que la lumbre que envos mora
no tiene mas que subir,
mas pienso que dan querellas
a Dios nel octauo cielo,
porque son a ca en el suelo,
dos tan hermosas estrellas.

Otro alheo.

De dentro tengo mi mal
que de fora no ay señal.

Voltas propias.

Mi nueua, y dulce querella,
es inuisible a la gente,
el alma sola la siente,
que el cuerpo no es dino della.

como la viña sentella
se encubre en el pedernal
de dentro tengo mi mal.

Otro mote alheo.

Amor loco, amor loco,
yo por vos, y vos por otro.

Voltas proprias.

Dióme amor tormentos dos
para que pene doblado
vno es verme desamado
otro es manzilla de vos,
ved que ordena amor en nos,
porque me vos hazeis loco,
que seais loca por otro.

Tratais amor de manera
que porque assi me tratais
quiere que pues no me amais
que amais otro q̃ no os quiera
mas con todo fino os viera
de todo loca por otro
con mas razon fuera loco.

Y tan contrario viuiendo
al fin al fin conformamos,
pues ambos a dos buscamos
lo que mas nos va huyendo
voy tras vos siempre siguiendo,
y vos huyendo por otro
andais loca, y me hazeis loco.

Chiste.

Irme quiero madre
aquella galera,
con el marinero
a ser marinera.

Voltas proprias.

Madre si me fuere
do quiera que vò
no lo quiero yo
quel amor lo quiere,
a quel ninho fiero
haze que me muera,
por vn marinero,
a ser marinera.

el

El que todo puede
madre no podrà,
pues el alma vá
que el cuerpo se quede,
con el por quien muero,
voy porque no muera
que si es marinero,
sere marinera.

Es tirana ley,
del niño señor
que por vn amor
se desfeche vn Rey:
pues desta manera
quiere, yo me quiero,
por vn marinero
hazer marinera.

Diss ondas quando
vistes vos donzella,
siendo tierna y bella,
andar nauegando
mas no se espera
daquel ninho fiero,
vea yo quien quiero,
sea marinera.

Outra cantiga velha.

Saudade minha
quando vos veria?

Volta propia.

Este tempo vam,
esta vida escassa
para todos passa
soo para mim nam,
os dias se vam
sem ver este dia
quando vos veria?

Vede esta mudança
se està bem perdida,
em tam curta vida
tam longa esperança,

Se este bem se alcança,
tudo sofreria,
quando vos viria.

Saudosa dor
eu bem vos entendo
mas nam me deffendo,
porque offendo amor,
Se fosseis mayor
em mayor valia
vos estimaria.

Minha saudade
caro penhor meu,
a quem direy eu
tamanha verdade
na minha vontade
de noite, & de dia,
sempre vos teria.

Outra alhea.

Vida da minha alma
nam vos posso ver,
isto nam he vida
para se sofrer.

Voltas propias.

Quando vos eu via
esse bem lograua.
a vida estimaua,
mais então viuia,
porque vos seruia,
soo para vos ver,
ja que vos nam vejo,
para que he viuer.

Viuo sem rezão,
porque em minha dor
nam a pos amor
que enimiguos sam
muy grande treyçam,
me obrigaua fazer
que viua senhora
sem vos poder ver.

nam me atreuo ja
minha tam querida,

a dre-

chamarnos vida
porque a tenho mà,
ingem cuidara
que isto pode ser
endome vos vida,
nam poder viuer.

nunca podem ser yguais,
que inda que estes la maltrate
esses ca maltratam mais.

Trouas que mandou cõ hum papel dalfenetes a hũa dama.

Esses alfinetes vam
a vos picarem nam mais,
soo porque julgueis então,
o como me picaram
os com que vos me picais.

Venham os alfinetes ca,
desses olhos porque assertem
donde acerto ja nam ha,
porem os meus que vam la
soo quero que vos apertem.

Mas os que dessas estrellas
vem, tem pontas tam agudas,
q̃m que estoutros vão cõ ellas
podem vos dar picadellas,
mas os vossos dam feridas,

E deixando o mais passado,
fazey queste papel seja
pregado, digo empregado,
porque do seu gasalhado
eu mesmo lhe tenho enueja.

Assi que se bem notais,
no como ambos debatem,

E se elles em vos se pregão,
por força os ey de enuejar,

nãe

nam so porq̃ bem se empregaõ
mas porque senhora chegaõ
onde eu nam posso chegar.

La vam, & la ficaram
a donde continuamente
a par de si vos teram,
em fim la vos picaram,
eu ca picarey no dente.

Mote alheo.

Todo es poco lo posible.

Glosa propia.

Ved que enganos señorea
nuestro juyzio tan loco,
que por mucho que se crea,
todo el bien que se desea
alcançado queda poco
vn bien de qual quiera grado
se dea verse es imposible,
queda mucho deseado,
mas para mucho alcansado,
Todo es poco lo posible

Otra.

Posible es a mi cudado
poderme hazer satisfecho,
si fuera posible al hado
hazer no echo lo echo
y futuro lo passado.
Si oluido pudiera auer,
fuera remedio sufrible
mas ya que no puede ser
para contento me hazer,
todo es poco lo posible.

Mote alheo.

Vede bem se nos meus dias
os desgostos vi sobejos,
pois tenho medo a desejos,
& quero mal à alegrias.

Voltas propias.

Se desejos fuy ja ter,
seruira de atormentarme,
se algum bem pode alegrarme
quis-

uisme antes entristecer
ssey annos passey dias,
m desgostos tam sobejos,
ue soo por não ter desejos,
erderey mil allegria.

Mote seu.

Pois he mais vosso que meu
enhora meu coração
u vosso captiuo sam
eus olhos lembreuos eu.

Volta.

Lembreuos minha tristeza
que ja mais nunca me deixa,
lembreuos com quanta queixa
se queixa minha firmeza
lembrenos que nam he meu
este triste coraçam,
er pois ha tanta rezão
meus olhos lembreuos eu.

Otro mote seu.

Senhora pois minha vida
tendes em vosso poder
por serdes della siruida,
não queiraes que destruyda
possa ser.

Volta.

Isto nam por me pesar
de morrer se vos quiseres,
que milhor me he a cabar
mil vezes que soportar
os males que me fizerdes,
mas soo por serdes siruida,
de mi em quanto viuer,
vos pesso que minha vida
não queirais que distruyda
possa ser.

Outro seu a hũa dama.

Pois me faz danno olharuos
não quero por não querervos,
que ninguem me veja veruos.

Volta.

De veruos a nam vos ver
ha dous estremos mortais,

E ſam elles em ſi tais
que hum por hũ me faz morrer
mas antes quero eſcolher
que poſſa viuer ſem veruos
minhalma por não perderuos.

Deſte tamanho perigo,
que remedio poſſo ter?
ſe viuo ſoo com vos ver
ſe vos nam vejo perigo,
quero acabar comiguo
que ninguem me veja veruos,
ſenhora por nam perderuos.

Mote a tres damas que lhe diziam que o amauão.

Não ſey ſe me engana Helena
ſe Maria, ſe Ioana,
não ſey qual dellas mengana?

Volta.

Hũa diz que me quer bem,
outra jura que mo quer,
mas em jura de moller
quem crerâ, ſellas não crem,
não poſſo não crer a Helena
a Maria, nem Ioana,
mas nã ſey qual mais mẽgana.

Hũa faſme juramentos
que ſoo meu amor eſtima,
a outra diz que ſe fina,
Ioana que bebe o veetos,
ſe cudo que mente Helena,
tambem mintirâ Ioana,
mas quem mente não engana.

Otro ſeu a hũa dama ma empregada.

Minina nam ſey dizer
vendouos tam acabada,
quam triſte eſtou por vos ver
fermoſa, & mal empregada.

Voltas.

Quem taõ mal vos empregou
pouc

pouco de mi se dobia
pois nam vio quanto me hia
em tirarme o que tirou,
obriga o primor que tem
lindeſa tam eſtremada,
que digam quantos a vem
fermoſa, & mal empregada.

Tomaſtes da fermoſura
quanto della deſejaſtes,
& com ella me guardaſtes
para tam triſte ventura,
mataueis ſendo ſolteyra
matais agora em caſada,
matais de toda a maneyra:
fermoſa, & mal empregada.

Otro a hũa foã Gonçalues.

Mote.

Com voſſes olhos gonçalues
ſenhora captiuo tendes
eſte meu coração mendez.

Volta.

Eu ſou boa teſtemunha
que amor tem por couſa mâ,
que olhos que ſam homẽs ja
ſe nomeyem ſem alcunha
pois o coração apunha,
& diz olhos pois vos tendes
chamayme coraçam mendes.

Outro ſeu.

De que me ſerue fugir
de morte, dor, & perigo
ſe me eu leuo comigo?

Voltas.

Tenhome perſſuadido
por rezão conueniente,
que não poſſo ſer contente
pois que pude ſer nacido,
anda ſempre tam vnido
o meu tormento comigo
que eu meſmo ſou meu perigo.

Esse de mi me liurasse
neuhum gosto me seria
que nam sendo eu nam teria
mal que esse bem me tirasse,
força he logo que assi passe
ou com desgosto comigo,
ou sem gosto, & sem perigo.

Disbarates seus na India.

Este mundo es el camino
ado ay dozientos vaos
por onde roins, bons, & maos
todos somos del mirino
mas os maos saõ de teor
que des q̃ mudão a cor
chamão logo al Rey cõpadre
& emfim dexaldos mimadre
que sempre tem hũ sabor.
De quem torto nace tarde
se endireyta.

Deixay a hum que sea bone,
diz logo de muito sengo
villas & castilhos tengo,
todos a mi mandar sone.
então eu que estou de molho,
com alagrima no olho,
e lo virar do en vez,
digolhe tu insanus es,
& por isso não to tolho.
Pois honra & porueito
não cabẽ num saco.

Vereis hũs, que no seu seyo
cudãoque trazem Paris,
& querem con dous seitis
fender a anca pello meyo
vereis mancebinhos darte
com espada emtalabarte
não ha mais ytaliano:
e este direis meu mano
vos sois galante que farte.
Mas pan & vino anda el
camino, que no moço
garrido.

Outros

utros em cada treatro
or officio lhe ouuireis
ue se matarancontres
lo mismo haraõ con quatro
rezaõse de dar repostas
ompalauras bem compostas,
nas se lhe meteis a mão
a paz mostrão coração
uguerra mostrão as costas,
Porque aqui troce a porca
o rabo.

utros vejo por aquĩ
que se acha mal o fundo
andão emendando o mũdo,
& não se emendão á si,
stes respondem a quem
lles não entende bem
dolor que está a secreto
as porem quem for discreto
sponderlhe ha muyto bem.
Assi entrou o mundo, assi
a de sair.

Achareis rafeyro velho
que se quer vender por galgo
diz q̃ o dinheiro he fidalgo,
que o sange todo he vermelho
selle mais alto o disera
este pellote pusera
que o seu ecco lhe responda
que su padre era de Ronda,
& su madre de ante quera.
E quer cubrir o ceo cum
joeyra.
Fraldas largas graue aspeito
para senador Romano
ò que grandissimo engano
que momo lhe abrisse o peito,
conciencia que sobeja,
siso com que o mũdo reja
mansidão outro que se
mas que lobo está em tĩ
metido empelle de o veja.
E sabem no poucos.

Guardainos d'hũs meus sñores
que a inda comprão e vendem
hũs

hũs que he serto que decendẽ,
da geraçam de pastores,
mostranse vos bõs amigos
mas se vos vem em perigos
escarrãuos nas paredes,
que de fora dormiredes,
irmão que he tempo de figos
porque de rabo de porco
nunca bom virote.

A hũa dama que lhe jurau a sempre pellos seus olhos.

Quando me quer enganar
a minha bella perjura,
para mais me confirmar
o que quer sertificar,
pellos seus olhos mo jura.

Como meu contentamento
todo se rege por elles,
ymagina o pensamento
que se faz agrauo a elles,
não crer tam gram juramento
Porem como em casos tais
ando ja visto, & corrente
sem outros sertos sinais
quanto mella jura mais,
tanto mais cudo que mente.

Então vendolhe offender
hũs tais olhos como aquelles,
deixo me antes tudo crer
soo pella nam constranger,
a jurar falço por elles.

Mote.

Vosteneis mi coraçon.

Glosa propia.

Mi coraçon me an robado
y amor viendo mis enojos,
me dixo fuete lleuado
por los mas hermosos ojos
que des que viuo he mirado.
gracias sobre naturales,
te lo tienen en prision,

si amor tiene razon
nbora por la senbales
os teneis mim coraçon.

¶ Coyfa de Beirame namorou Ioane.

Voltas proprias.

Por couſa taõ pouca
ndas namorado?
mas a toucado
& não quem o touca?
ndo ſega & louca
or ty meu Ioane
u pello beirame

Amas o viſtido
u falſo amador
u não ves que amor
ſe pinta diſpido
ego & perdido?
ndas por beirame
& eu por ty Ioane.

Se alguem te vir
que dira de ty
que deixas a mim
por couſa taõ vil?
terâ bem que rir
pois amas beirame
& a mim não Ioane.

Quem ama aſsi
a de ſer amada
ando maltratada
damores por ti
amame a mim
& deixa o beirame
que he rezão Ioane.

A todos encanta
tua paruoiſe
de tua doudiſe
gonſalo ſe eſpanta
& zonbando canta
coyfa de beirame
namorou Ioane.

Eu não sey que viste
neste meu toucado
que tão namorado
delle te sentiste
não te veja triste
amame Ioane
& deixa o beirame.

Ioane gimia
Maria chorava
assi lamentava
o mal que sentia
Os olhos feria
& não o beirame
que matou Ioane.

Não sey de que vem
andares vestido
que o mesmo Cupido
vestido não tem
sabes de que vem
amores beirame
vem de ser Ioane.

Mote alheo.

Ha hum bẽ que chega & foge
& chama se este bem tal
ter bem para sentir mal.

Volta propia.

Quem viue o sempre num se
inda que seja em pobreza
não vio o bem da riqueza
nem o mal de empobrecer
não ganhou pera perder
mas ganhou cõ vida igual
não ter bẽ nem sentir mal.

Outras a hũa dama q̃ lhe virou o rosto.

Olhos não vos mereci
que tenhais tal condição
tão liberais pera o chão
tão iroſos pera mi.

Voltas proprias.

Bayxos & onestos andais
por vos negardes a quem
não quer mais que aquelle
que vos no chão espalhais.
Se pouco vos mereci
não me estimais mais q̃ o cha
a quem vos o galardão
dais, & mo negais a mi.

Sentença

emtenças do autor por fim do liuro.

ay o bem fugindo
ese o mal cos annos
anse descubrindo
o tempo os enganos.

Amor & alegria
enos tempo dura
iste de quem fia
os bens da ventura.

em sem fundamento
em certa mudança
erto sentimento
a dor da lembrança.

Quem viue contente
iua receoso
al que se não sente
e mais piriguosso.

Quem males sintio
saiba ja temer
& pello que vio
julge o que a de ser.

Alegre viuia
triste viuo agora
chora a alma de dia
& de noite chora.

Confesso os enganos
do meu pensamento
bem de tantos annos
foise num momento.

Meus olhos que vistes
pois vos atreuestes
choray olhos tristes
o bem que perdestes.

A luz do sol pura
so a vos se nega
seja a noite escura
nunca a menhã chege.

O campo floreça
mormurem as agoas.
tudo me entristeça
creção minhas magoas.

Quisera mostrar
o mal que padeço.
nam lhe da lugar
quem lhe deu começo.

Em tristes cudados,
passo a triste vida.
cudados cansados.
vida aborreçida.

Nunca pude crer
o que a gora creo,
segoume o prazer
do mal que me veo.

Ah ventura minha.
como me negaste
hum soo bem que tinha
porque mo roubaste?

Triste fantesia:
quanta cousa guarda
quem ja visse odia
que tanto lhe tarda.

Nesta idade sega:
nada permaneçe
o que inda não chega
ja desapareçe.

Qualquer esperança:
foge como o vento:
tudo fas mudança.
saluo meu tromento.

Amor sego & triste:
quem o tem padeçe:
mal quem lhe resiste:
mal quem lhe obedeçe.

Nō meu mal esquiuo
sey como amor trata.
& pois nelle viuo,
nenhū amor mata.

LAVS DEO.

TABOADA.

SONETOS.

A Alma minha gentil que te partiſte, Fol. 4
Aquella triſte & leda madrugada, fol. 6
Alegres campos, verdes aruoredos, fol. 10
Amor com eſperança ja perdida, fol. 14
Apollo, & as nouе Muſas diſcantando, fol. 14
Apartauaſe Niſe de Montano 15.
B Buſca amor nouas artes, nouo engenho. 3
C Clara minha enemiga em cuja mão, 5
Como fezeſte doce a tal ferida, 18
D Doces lembranças da paſſada gloria, 4
De vos me aparto ò Nymphas em tal mudança, 5
Depois de tantos dias mal gaſtados, 15
De tão diuino aſſento, & voz humana, 19
Debaixo deſta pedra eſtà metido, ibid.
Daime hũa lei ſenhora de querervos. 21
E Em quanto quis fortuna que tiueſſe, 1
Eu cantarei de amor tão docemente. ibidem.
Em flor vos arrancou de então creſcida, 3
Eſpanta crecer tanto o Crocodilo, 6
Em fermoſa Latbea ſe confia, 6
Eſtaſe a Primauera trasladãdo, 7
Eſtâ o laſciuo & doce paſſarinho, 7
Eu me aparto de vos Nymphas do Tejo, 20

F Fermosos olhos que na idade nossa. 10
Fermosura do ceo a nos decida, 21
G Gran tempo ha que soube da ventura, 12
H Hum mouer d'olhos brãdo & piadoso, 9
L Lindo & subtil trançado que ficaste, 11
Lembranças saudosas se cudaes. 14
M Males que contra mi vos conjurastes, 7
Mudase o tempo mudanse as vontades. 16.
N Num iardim adornado de verdura. 3.
Num bosque que das nimphas se abitaua. 5.
Não passes caminhante, quem me chama. 10.
Nayadas que os rios abitaes. 15.
O Os Reinos, & os Imperios poderosos. 5.
O fogo que na branda cera ardia. 10.
O Cisne quando sente ser cheguada. 12.
O como se me alongua de anno em anno. 13.
P. Passo por mens trabalhos tam isento. 2.
Pedeme o desejo dama que vos veja. 8.
Porque quereis senhora que o fereça. ibidem.
Pellos estremos raros que mostrou. 12.
Pois meus olhos não cansaõ de chorar. 21
Q Que vè senhora claro, & manifesto. 4
Quando da bella vista & doce riso. ibidem.
Quando o Sol emcuberto vay mostrando. 8.

TAVOADA.

Quantas veses do fuso se esquecia. 11.
Quando vejo que meu destino ordena. 15.
Quem jaz no grão Sepulchro que descreue. 17
Quem pode liure ser gintil senhora. ibidem.
Quem he este que na arpa Lusitana. 18.
Que vençais no Oriente tantos Reys. 20.
S Se quando vos perdi minha esperança. 6.
Sete annos de pastor Iacob seruia. 7.
Se tanta pena tenho merecida. 8.
Se algũa hora em vos a piedade. 13.
Se as penas com que amor tam mal me trata. 16.
T Tanto de meu estado me acho incerto. 12.
Trasformase o amador na cousa amada. 2.
Todo animal da calma repousaua. 3.
Tomoume vossa vista soberana. 9.
Tomaua Deliana por vinguança. 12.
Tempo he ja que minha confiança. 14.
V Vossos olhos senhora que competem. 21.

Cançoẽs.

A A instabilidade da fortuna. 23.
C. Com força de susada. 30.
F. Fermosa & gentil dama quando vejo. 22.
I. Ia a Roxa manhã clara. 25.
Iunto de hum seco fero, & esteril monte. 35.

Mandame

Mandame amor que cante docemente. 32.
S *Se este meu pensamento.* 28.
T *Tomey atriste pena.* 34.
V *Vão as serenas agoas.* 27.
Vinde quâ meu tam serto secretario. 38.

Sextina.

F *Fogeme pouco a pouco a curta vida.*

Odes.

D *Detem hum pouco Musa o largo pranto.* 43.
F *Fermosa fera humana.* 48.
N *Nunca manhã suaue.* 50.
S *Se de meu pensamento.* 46.
T *Tam suaue, tam fresca, & tam fermosa.* 45.

Elegias.

A *Aquella de amor descomedido.* 55.
O *O poeta Simonides falando.* 51.
O Sulmonense Ouuidio desterrado. 57.

Capitulo.

A *Aquelle mouer de olhos excellente.* 59.

Oitaua Rima.

C *Como nos vossos hombros tam constantes.* 65.

Muy alto Rey aquem os ceos en sorte. fol. 69.
Quem pode ser no mundo tam quieto. fol. 60.

Eglogas.

A Ao longo do sereno. fol. 81.
A quem darei queixumes namorados fol. 108.
A rustica contenda desusadas. fol. 115.
As doçes cantilenas que cantauão. fol. 121.
Ar de por gualathea branca, & loura. fol. 133.
C Cantando por hum valle docemente. fol. 100.
P Passado ja algum tempo que os amores. fol. 93.
Q Que grande variedade vão fazendo, fol. 71.

Taboada das redondilhas, motes, sparsas, & glosas.

A A morte pois que sou vosso. fol. 150
Amor que todos offende, ibid.
A dor que minha alma sente. 158.
Amores de hũa casada. ibidem.
Aquell catiua. 159
Apartarãose os meus olhos. 161
Amor loco, amor loco. 163.
C Conde cuyo elustre peito 147.
Campos bemauenturados. 148.
Caterina bem promete 156.
Corre sem vela, & sem leme. 156.

Com vosos olhos gonçalues. 167

D Dama de estranho primor. fol. 141.
Da doença en que ardeis. fol. 153.
Deu senhora por sentença. fol. 154.
De atormentado & perdido. fol. 154.
Descalça vay pola neue. fol. 157.
Dalma, & de quanto tiuer. fol. 158.
De piquena tomey amor. fol. 161.
De vuestros ojos centellas. fol. 163.
De dentro tengo mi mal. fol. 163.
De que me serue fogir. fol. 167.

E Enforquey minha esperança. fol. 158.
Esses alfinetes vão. fol. 165.
Este mundo es el camino. fol. 167.

F Falso caualeiro ingrato. fol. 162.

I Ia naõ posso ser contente. fol. 150.
Iusta fue mi perdicion. fol. 152.
Irme quiero madre. fol. 163.

M Mas porem aque cudados. fol. 145.
Muito fois meu enemiguo. fol. 145.
Minha alma lembraiuos della. fol. 152.
Menina fermosa & crua. fol. 153.
Menina dos olhos verdes. fol. 160.
Menina naõ sey dizer. fol. 166.

N Não estejaes agrauada. fol. 155.
Não sey se me engana Elena. fol. 160.
O O lhay que dura sentença. fol. 154.
P Peçouos que mediguaes. fol. 144.
Pus o coraçaõ nos olhos. fol. 158.
Pus meus olhos nũa fanda. fol. 159.
Para que me daõ tormentos. fol. 162.
Pois he mais vosso que meu. fol. 166.
Pois me faz dano olharuos. fol. 166.
Q Querendo escreuer hum dia. fol. 139.
Quem no mundo quizer ser. fol. 155.
Qual tera culpa de nos. fol. 157.
Quem hora soubese. fol. 159.
Quando me quer enganar. fol. 168.
S Sobre os rios que vaõ. fol. 135.
Sospeitas que me quereis. fol. 142.
Se deriuaes de verdade. fol. 143.
Se naõ quereis padecer. fol. 145.
Se vossa dama vos da. fol. 145.
Sem vos, & com meu cudado. fol. 151.
Sem ventura he por demais. fol. 151.
Senhora se eu alcançasse. fol. 153.
Senhora pois me chamais. fol. 155.
Se me leuaõ aguas. fol. 156.

TAVOADA.

Se de meu mal me contento. fol. 162.
Saudade minha. fol. 163.
Senhora pois minha vida. fol. 166.
T Trabalhos descansarião. fol. 149.
Triste vida se me ordena. fol. 149.
Tudo pode hũa afeição. fol. 152.
Trocay o cudado. fol. 160.
Todo es poco lo posible.
V Vejo na alma pintada. fol. 151.
Ver, & mais guardar. fol 161.
Vos senhora tudo tendes. fol. 161.
Vida da minha alma. fol. 164.
Vede bem senos meus dias. fol. 165.
Vos teneis mi coraçon. fol. 168.
Vay o bem fugindo. ibidem.

LAVS DEO.

Soneto.

Ferido sem ter cura perecia
O forte e duro Telepho temido
Por aquele que na agoa foi metido
A quem ferro nenhu' cortar podia.
Ao Appollineo oraculo pedia
Conselho p.ª ser restituido,
Respondeu q. tornasse a ser ferido
Porquem oja ferira, e sararia.
Assi (senhora) quer minha ventura.
Que ferido de veruos claramente
Com vos tornar a ver Amor me cura
Mas he tam doce vossa formosura
Que fico como hydropico doente,
Que co bebrer he cresse mor secura

Soneto.

Na metade do ceo subido estaua ardia
o claro Almo pastor, quando deixauaõ
o verde pasto as cabras, Et buscauaõ
a frescura suaue dagoa fria
Coa folha da aruore sombria
Do rajo ardente as aues s'emparauaõ
o modulo cantar de q' cessauaõ
Sô nas roucas cigarras se sentia.
Quando liso pastor nhum campo verde
Caterçia crua Nimpha sobuscaua
cõ mil sospiros tristes q derrama
Porque te uas de quem por ti se perde
p. quem pouco te ama. suspiraua
O Ecco lhe responde, pouco te ama

Soneto

Ja a saudosa Aurora destrucaua
os seus cabellos, de ouro, delicados
E as flores nos campos esmaltados
do cristalino orvalho borrifaua:
Quando o formoso gado s'espalhaua
De Siluio, E de Laurente pellos prados,
Pastores ambos, E ambos apartados
De quem o mesmo Amor não apartaua,
em verdadeiras lagrimas Laurente
Não sei o Nimpha disia delicada.
Que não morre, ia que viue ausente.
Pois A vida sem ti não prezta nada.
Responde Siluio, Amor não consente
que offende as esperanças da tornada.

Soneto

Quando de minhas magoas a comprida
Maginaçaõ os olhos m'adormesse,
Em sonhos aquell'alma m'aparesse
que p.ª mi foj sonho nesta uida.
La Cibrua soydade, onde astendida
a uista pello campo desfallece,
corro pera Ella, Vella entaõ parece
que mais de mi se alonga, compellida.
Braldo naõ me fujais sombra diuina
Ella Cos olhos Em my, e hu'brando pejo
como que dis que ia naõ pode ser
Torna a fugirme: Ee Eu gritando, Dinaõ
antes que diga Mene, acordo Euejo
que ne' hu'breue engano posso ter

Soneto

Sospiros inflamados, que cantaes
atristesa cõ que Eu uiui tam ledo,
Eu mouro, E naõ uos leuo, p que ei medo
que ao passar do Lethe uos percaes.
Escritos pera sempre ia ficaes
onde uos mostrarão todos co dedo
como exemplo de males, q̃ Eu concedo
que p.ª auiso doutros estejais
m quem, pois, uirdes falsas esperanças
De Amor E da Fortuna cuios danos
algũs teram p bemauenturanças,
Discilhe, que os seruistes muitos annos
E que Em Fortuna tudo saõ mudanças
E que Em Amor naõ ha senaõ enganos

Soneto

Aquella fera humana, qu' enriquesse
Sua presumptuosa tirania,
destas minhas entranhas, onde eria
Amor hu' mal q falta quando cresce
Se nella mostrou o seo (como parece)
quanto mostrar ao mundo pertendia,
porque a' minha uida s' iniuria?
porque de minha morte s' ennobresce
Hora enfim sublimaj uossa uitteria
senhora co' uencerme, e captiuarme,
fasei dito no mundo larga historia
Que por mais q. uos ueja maltratarme
Ta' me fico gozando desta gloria
De uer q tendes tanta d' matarme

Soneto

Ditoso seja aquelle que somente
se queixa d'amorosas esquiuanças
Pois por ellas naõ perde as esperanças
De poder E'algum tempo ser Contente
Ditoso seja quem estando absente
naõ sente mais q. apena das lembranças
porque inda q se tema de mudanças
menos se sente ador quando se sente
Ditoso seja (emfim) qualquer estado
Onde enganos, desprezos Visensaõ
trasem o Coraçaõ atormentado.
Mas triste que se sente magoado
D'erros Em que naõ pode auer perdaõ
Semficar n'alma amagoa do peccado

Soneto

Quem fosse acompanhando uintamente
por esses uerdes campos a Auesinha.
que despois de perder hũ bem q̃ linha.
naõ sabe mais q̃ cousa he ser cõtent
Quem fosse apartandosse da gente
Ella q̃ companh.ra v. p. uisinha.
M.e auidasse achorar apena minha,
Se eu a Ella o pezar q̃ tanto sente.
Ditosa aue q̃ ao menos s'a Natura,
a seu p.o bem naõ da segundo
Dalhe ser triste a seu Contentamento.
Mas triste quem de longe quis ventura
que p.a respeitar lhe falte o vento,
E p.a tudo Emfim lhe falte o Mun

Soneto

Culto Diuinal se celebraua
No templo donde toda a criatura
Louua o feitor diuino q̃ a feitura
co seu sagrado sangue restauraua.
Ali Amor q̃ o tempo me aguardaua
onde a bontade tinha mais segura.
Huã celeste Vangelica figura.
Auista da resaõ me sabteaua.
Eu crendo q̃ o lugar me defendia
Le seu liure Costume naõ sabendo
que nenhũ Confiado lhe fugia
Deixeime captiuar, mas ia entendo
Senhora, q̃ por uosso me queria
Do tempo q̃ fui liure m'arrependo

Soneto

Leda serenidade deleitosa.
O que representa Em terra hũ paraiso
Entre rubis e perlas doce riso,
De bairo d'ouro e neue, cor de rosa.
Presensa moderada graciosa.
onde ensinando estão despejo e siso
que se pode por arte e p auiso
como por naturesa ser fermosa:
Falla de quem a morte e auido pende
Rara, suaue, em fim trã uossa.
repouso nella alegre e comedido:
Estas as armas são com que me rende,
E me captiua Amor mas não q̃ possa
despojarme da gloria de rendido.

Soneto (a)

Illustre e diuino Ramo dos Menezes
aos quais o prudente, e largo Ceo
(que errar nao sabe) concedeo
Rompessem os Maometicos arneses,
Despresando a fortuna e seus reueses
Ide pa onde o fado vos moueo
Erguej flamas no alto Erithreo,
E sereis noua luz aos portugeses.
Opprimi cem tam duro e forte peito
o pirata insolente que s' espante.
E trema a trapobana e quadrosia
Daj noua Causa a Cor do Arabo estreito
assi q. o raro mar da qui e diante
o seja so co sangue de turquia

Soneto

Resão he ia q̃ minha Confiança
Se dessa de sua falssa opinião
Mas Amor não se rege p̃ resão
não posso perder logo a esperança:
Auida sy: q̃ huã aspera mudança
não acix a viuer tanto su coração,
V eu tenho na morte a saluação
Sy: mas quem a desija não a alcança
Forçado he logo assi q̃ o pere V viua.
O dura Lei de Amor q̃ não consente
quietação nhuã alma q̃ he captiua.
S'ei de viuer em fim forçadamente
pera q̃ quero a gloria fugitiua.
D'huã esperança uam q̃ m'atromen

Soneto

No tempo q. de Amor uiuer soia
nem sempre andaua ao remo fenalhado
antes agora liure agora atado
Em uarias flamas, uariam.te ardia.
Q'ardesse Em hum so fogo nao queria
O eo q. que tiuesse exprimentado
que nem mudar as causas as cudado
mudança na ventura me faria
E se algum pouquo tempo andaua Vzento
fui como quem co pezo descansa
p. tornar a cansar com mais alento
Louuado seja Amor E meu tormento
pois p.a passatempo seu tomou
Este meu tao cansado sufrimento.

Soneto

Amor q. o gesto humano n'alma escreue
uiuas faiscas me mostrou hu dia
Donde hu' perquo Cristal se derretia
por Entre uiuas rosas Valua neue.
A uista que Em si mesma nao s'atreue
por se certificar do que ali uia,
foj Conuertida Em fonte q fasia
Cador ao Infrim.to doce, Vt leue
Jura Amor q. brandura d'uontade
Causa o p.to effeito: o pensamento
Endoudice, se Cura q. se uerdade
Thaj como Amor gera n hum. mom.to
De lagrimas de honesta piedade
lagrimas de immortal Contentam.to

Soneto

Como quando ao mar tempestuoso
o marinheiro lasso e trabalhado
D'hum naufragio cruel, ia saluo anado,
so ouuir falar nelle, o fas medroso;
E' iura &c. Em que ouja bonançoso
o uiolento mar e sossegado:
Naõ entre nelle mais: mas uai forçado
pello muito interesse cobiçoso:
Assi, Senhora, Eu que da tormenta
de uossa uista fujo por saluarme
Iurando de naõ mais Em outra uerme.
Minh'alma que de uos nunca s'ausenta
Dame por preço ueraos, fas tornarme
Donde fugi tam perto de perderme

Soneto

Amor he hum fogo q̃ arde sem se ver
He ferida q̃ doe, Et naõ se sente
He hum contentamento descontente,
He dor q̃ desatina sem dorr.
He hũ naõ querer mais q̃ bem querer
He hum andar solitario entre agente
He nunca contentarse de contente,
He hum cuidar q̃ ganha em se perder
He querer estar preso q̃ vontade
He servir aquem vence ouencedor,
He ter com quem nos matas lealdade
Naõ sei como causar pode seu fauor
Nos coracoins humanos amizade
Se taõ contrario assi he o mesmo Amor

Soneto

Se pena por amaruos se merece
Quem della liure esta? ou quem Rento?
Que alma que resaõ, que entendimento
Em ueruos se naõ rende e obedece?
Que mor gloria na uida se offerece
Que occuparse em uos o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em ueruos se naõ sente, mas e quesse
Mas se merece pena quem amando
contino vos esta se uos offende
o mundo matareis q todo he uosso:
Em mi podeis inhora ir começando
que claro se conhece e bem se entende
Amaruos quanto deuo e quanto posso

Soneto

A morte de D. Maria de Tauora.

Que leuas cruel morte? Hu claro Dia
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
Entendes o que leuas? naõ o entendo.
Pois quem tofas leuar? Quem o entendia
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania q dis? fica dizendo
Em fim naõ mereço Dona Maria.
Mataste quem a uiu? la morto estaua.
Que dis o Tru Amor? falar naõ ousa.
E quem o tas calar? minha vontade
Ta forte q ficou? saudade braua.
Que fica la que ver? nenhua cousa
Mas fica q chorar sua beldade.

Soneto

Ondados fios[1] d'ouro relusente.
Qu'agora da mão[2] bella recolhidos
faseis q̃ sua[4] bellesa s'acrecente:
agora sobre[3] as rosas estendidos.
Olhos q̃ uos moueis[5] tam doce mente.
Em mil diuinos[6] rajos encendidos
Se de cá me leuais[7] alma v sentidos
Que fora se deuos[8] não fora ausente?
Honesto riso que[9] entre amor finesa
De perlas v coraes[10] nasce e parece
Se n'alma[11] em doces ecos não ouuisse
S'imaginando so[12] tanta bellesa
De si; em noua[13] gloria a alma s'esquece
Que sera quando auer[14] as quem auisse.

Soneto

Foj ja n'hum tempo doce cousa amar
Em quanto m'enganaua a Esperança
O Coraçaõ co esta Confiança
Todo se desfasia em desejar.
Vam caduco e debil esperar,
Como se desengana huã mudança,
Que quanto he mor a bemauenturança
Tanto menos se cre que a de durar.
Quem ia se uui contente, e prosperado
uendosse em breue tempo em pena tanta,
resaõ tem de uiuer bem magoado.
Porem quem tem o mundo experimentado,
naõ o magoa a pena, nem o espanta
Que mal se estranhara o costumado

Soneto

Dos Illustres antigos que deixaraõ
Tal nome qu' igualou fama a memoria
ficou por lus do tempo a larga historia
Dos feitos em que mais se assinalaraõ.
Se se com cousas destes festejaraõ
mil uossas cada hua tam notoria
uencera a menor dellas amor gloria
Qu' elles em tantos annos alcançaraõ.
A gloria sua foj, ninguem lha tome
seguindo cada hum uarios caminhos
E Platuas leuantando no seu templo.
Vos enra Portuguesa e dos Coutinhos
Illustre Dom Joaõ cõ milhor nome
a uos encheis de gloria, e a nos d' exemplo

Soneto

Conuersaõ domestica affricoa,
Hora Em foro de boa, E saa vontade
Hora de sua amorosa piedade
Sem buscar qualidade de pessoa.
Se despois p. ventura uos magoa,
Com desamor E pouca lealdade,
Logo uos fas mentira da verdade.
Obrando Amor q̃ tudo Em si perdoa.
Naõ saõ isto que falo coniecturas
que o pencamento julga na apparencia.
p. faser delicadas escrituras.
Metido tenho a maõ na consciencia
Ec naõ falo senão uerdades puras
que me ensinou a viua experiencia.

o Roxo

Epitaphio á sepultura de Dom
Henrrique de meneses Go
uernador da India.

Esforço grande igual ao pencamento.
Pencamentos em obras diuulgados
E não empeito temido encerrados,
E desfeitos depois em chuua e uento:
Anima da Cobica baixa Vzento
Digno por isso so d'altos estados.
Fero acoute dos nunqua bem domados
Pouos, do Malabar sanguinolento.
Gentilesa de membros corporais
ornados de pudica continencia.
Obra por certo rara de Natura.
Estas uirtudes e outras muitas mais
Dignas todas da Flomerica e loquencia
Tazem nesta lapidea sepultura

Soneto

No mundo quis hum tempo q̃ s'achasse
o bem que p. acerto ou sorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
quis que a fortuna em mi s'exprimenta.
Mas porque meu destino me mostrasse
que nem ter esperanças me convinha,
nunca nesta tam longa vida minha
cousa me deixou ver q̃ desejasse.
Mudando andei costume, terra e estado
por ver se se mudava a sorte dura,
a vida pus nas maõs de hũ leve lenho.
Mas (segundo o que o ceo me tem mostrado)
ia sei que deste meu buscar ventura;
achado tenho, ia, que naõ atenho.

Soneto

A perfeicaõ a graça, o doce geito
A primauera chea de frescura
que sempre Em uos floresce, a que aventura
Ea resaõ entregaraõ este peito:
Aquelle cristalino Et doce aspeito puro
que em si comprende toda a fermosura,
o resplandor dos olhos Et abrandura
Desque o amor a ninguem quis ter respeito:
Se isto q Em uos se uee, uer deseijais
como digno de uerse claramente.
por mais que d'Amor uos isentaes
traduzido ouereis tam fielmente
no meio deste espeito donde estaes
que uendo uos sintaes o que elle sente

Soneto

Vos que de olhos suaves e serenos
com uilla causa auida cativais
e q̃ os outros cuidados condenais
por indiuidos baixos e pequenos
Sainda do Amor domesticos uenenos
nunqua prouastes: quero q̃ saibais
que se tanto mais o Amor depois q̃ ama
quanto são mais as causas de ser menos
E não cude ninguem q̃ algũ defeito
quando na cousa amada se apresenta
possa diminuir o amor perfeito.
Antes o dobra mais: e se atormenta
pouco e pouco o desculpão blando peito
que Amor com seus contrarios sacreçe

Soneto

Que poderei do mundo la querer?
que naquillo em q̃ pus tamanho Amor,
naõ vij. senaõ desgosto e desamor
A morte em fim q̃ mais naõ pode ser.
Pois vida me naõ farta de viuer,
pois la sej q̃ naõ mata grande dor
se cousa ha y q̃ magoa dee maior
Eu a verei q̃ tudo posso ver.
A morte ameu pezar me assegurou
De quanto mal me vinha ia perdi
o que perder o medo m̃ ensinou.
Na vida desamor somentes vi,
Na morte a grande dor q̃ me ficou:
parece q̃ pera isto so naci.

Soneto

Pensamentos que agora nouamente
Cuidados uãos Em mi recusitais,
Dizeime ainda naõ uos contentais
De terdes quem uos tem taõ descontent
Que fantesia he esta q̃ presente
Cad.ª hora ante meus olhos me mostrais
Com sonhos, E com sombras attentais
quem nem p̃ sonhos pode ser contente.
Veyo uos pencamentos, alterados
E naõ quereis d'esquiuos declararme
que he isto q̃ uos tras ta enleuados
Taõ me negueis se andais pera negarme,
que se contra mi estaõ aleuantados
Eu uos ajudarei mesmo a matarme.

Soneto

Se tomar minha pena E' penitencia,
Do erro em que cahio o pencam.to
naõ abranda mas dobra meu tormento,
A isto, E' a mais obriga a paciencia.
E' se ~~isto~~ hũa Cor de morto na apparencia
hum espalhar sospiros uaõs aouento,
Em uos naõ fas enhora, mouimento
Fique meu mal em vossa consciencia.
E se de qualquer aspera mudança
Toda auontade Vzente Amor cabriga,
(como Eu ui bem no mal q̃ me condena)
E se Em uos naõ se entende auer vingança
Sera forçado (pois Amor m' obriga)
que eu so de uossa culpa pague a pena.

Soneto a Lucrecia

Aquella q̃ de pura castidade
De si mesma tomou cruel uingança.
Por sua breue e subita mudança
contraria a sua onra e qualidade:
Venceo a fermosura a honestidade,
Venceo emfim da vida a esperança
porque ficasse uiua tal lembrança.
tal Amor tanta fee tanta uerdade.
De si, da gente e do mundo esquecida
Ferio com duro ferro obrando peito
Banhado em sangue a forca do tyranno
Estranha ousadia estranho feito
que dando morte ~~[illegible]~~ a corpo humano
tenha sua memoria larga uida.

Soneto a Rainha Dido

Os uestidos Elisa reuoluia,
que lhe Eneas deixara p̃ memoria,
Doces despojos da passada gloria
Doces quando seu fado o consentia.
Entre elles afermosa espada uia
que instrumento oj da triste historia
E como quem de si tinha auitoria,
falando so com ella assi disia,
Fermosa E noua espada, se ficaste
so pera executares os enganos
De quem te quis deixar em minha uida,
Sabe que tu comigo te enganaste
que pera metirar de tantos danos,
sobejame a tristesa da partida.

Soneto

Ô quam caro me custa o entenderte.
Molesto Amor, que so por alcançarte,
De dor em dor me tens trasido a parte
onde em ti odio e ira se convierte.
Cuder q pera em tudo conhecerte
me não faltasse experiencia a parte,
agora vejo na alma acresentarte
aquillo que era causa de perderte.
Estavas tam secreto no meu peito
que eu mesmo que te tinha não sabia
que me senhoreavas deste geito.
Descobriste te agora e foi por via
que teu descobrimento e meu defeito
Hum m'envergonha e outro m'injuria

Soneto

Despois d'esperança tão comprida, ate perdida
Amor polla uentura consentisse
que ainda algum hora alegre uisse
De quantas tristes uiu tam longa uida;
Mua' alma ja tão fraca, e tão aida
por mais alto q. a sorte me subisse
Não tenho pera mim q. consentisse
alegria tam tarde consentida,
Não tam somente Amor me não mostrou
Hum hora em q. uiuesse alegremente
de quantas nesta uida me negou;
Mas inda tanta pena me consente
que co contentamento me negou tirou
o gosto dalgum hora ser contente

Soneto

O rayo Cristalino s' estendia
pello mundo. da aurora marchetada
quando Tlise pastora delicada
donde a uida deixaua. se partia
Dos olhos co' que o Sol escureria
leuando a uista Em lagrimas banhada,
de sy: do fado, do tempo, magoada:
pondo os olhos no Ceo: assi disia.
Nace sereno Sol, puro E lusente
Resplandesce formosa E roxa Aurora
qualquer alma alegrando descontente:
Que aminha sabe tu q. desde agora.
Ja mais na uida apodes uer contente
Nem tam triste nenhua outra Pastora.

Soneto

A pero Monis q̃ morreu no mar
De Monte felix em Epitaphio

No mundo poucos annos, e cançados
Viui, cheos de uil miseria dura.
foime tam cedo a luz do dia escura,
que naõ ui sinco lustres a cabados.
Corri terras e mares apartados
buscando â uida algũ remedio ou cura,
mas aquillo q̃ emfim naõ quer ventura,
naõ o alcançaõ teabalhos arriscados.
Criou me Portugal na uerde e chara,
Patria minha Alanquer, mas âr corrupto
que neste meu terreno uaso tinha.
Me fes manjar de peixes, em ti bruto;
Mar: que trates na Abazia fora, e auara
taõ longe daditosa patria minha.

Soneto

Que me quereis perpetuas saudades?
Com que esperança ainda m'enganais?
Que o tempo qu'se vais não torna mais
E se torna não tornão as idades.
Resp. he ia ô amos que vos vades
porque estes tão ligeiros q passais,
nem todos p.a hum gosto são iguais,
nem sempre são conformes a vontades
Aquillo a que ia quis he tão mudado,
Que quasi he outra cousa; porq os dias
com o primeiro gosto ia danado
Esperanças de novas alegrias
não mas deixa a fortuna; E o tempo crudo
que do contentamento são espias.

Soneto

Verdade Amor resaõ merecimento,
qualquer Alma faraõ segura e forte
porem fortuna caso tempo e sorte
tem do confuso mundo orecimento.
Effeitos mil reuolue o pençamento
Ze naõ sabe aque causas se reporte,
mas sabe q̃ o que he mais q̃ uida e morte,
que naõ o alcança humano entendim.to
Doctos uaroins daraõ rasoins subidas.
mas saõ experiencias mais prouadas.
Ee perigo he milhor ter muito uisto
Cousas haj que passaõ sem ser cridas,
Ee cousas cridas ha sem ser passadas
mas o milhor de tudo he crer em Christo.

Soneto

De Antiocho a Hypolito

Fiouse o Coraçaõ de muito Vzento
dese sy cuidando mal que tomaria
tam illicito Amor tal ouzadia,
tal modo nunca visto de tormento.
Mas os olhos pintaraõ sam attento
outros que visto tem na fantasia
qu' a resaõ temerosa do que via,
fugui deixando o Campo ao pensamento
O Hypolito casto, que de geito
De Phedra tua madrasta foste amado,
que naõ sabia ter nenhu' respeito:
Em my vingou o amor teu casto peito
Mas esta desse agrauo tam vingado
que se arepende ia do que tem feito

Soneto

Quem quiser uer d'Amor sua excellencia,
onde sua fineza mais se appura,
attente ond' me poem minha ventura
per ter de minha fee experiencia.
Onde lembrancas matão a longa ausencia
Em temeroso mar, e gerra dura,
Ali a saudade esta segura,
quando mor risquo corre a paciencia,
Mas penhame fortuna, e o duro fado
Em nojo morte dano, e perdicaõ
ou Em sublime e prospera uentura:
Penhame Em fim em alto ou bairo estado
que ate na dura morte, me acharaõ
na lingua o nome n' alma a uista pura

Vejasse este soneto na uolta essa
rece ficar milhor do modo q
uaj 2.º ues escrito

Soneto

Quem quiser ver d'Amor hũa excellencia
onde sua finesa mais se appura
attente onde me poem minha ventura
p. ter de minha fee experiencia.
Onde esperanças matão, longa auzensia
Em temeroso mar, e çerra dura
Alli co a saudade esta segura
onde mor risquo corre a paciencia.
Mas penhame fortuna em triste estado
Em nojo morte dano ou perdicaõ
ou em outra qualquer alta ventura:
Penhame onde quiser meu duro fado
que ate despois de morto me acharaõ
na lingoa o nome, e n'alma almagem

pura

Terceto a Dom Lionis P.ra sobre
o liuro que p.o de Magalhaes
lhe offereceo do descobri
mento da terra santa
Crus

Despois que Magalhaens teue tecida
abreue historia sua qu' illustrasse
a terra santa Crus, pouco sabida
Imaginando aquem a dedicasse
ou com cuio fauor defenderia
seu liuro dalgum zoilo q ladrasse
Tendo nisto occupada a fantesia
lhe sobreueo hum sono repousado
antes qu' o sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe aparesse todo armado;
Marte; brandindo a lança furiosa
com que fes quem ouio todo enfiado,
Disendo com uos pezada he espantosa.
não he uisto que a outrem, s' offereça
nenhuã obra que possa ser fermosa
se não a quem por armas resplandessa
no mundo todo com tal nome e fama
que louuor immortal sempre merecessa

Isto assi dito Apollo q̃ da flamã
Celeste guia os carros, d'outra parte
se lhe apresenta, E por seu nome o chan
Disendo: Magalhains pobre q̃ Marte
com seu terror te espante todauia
Comigo deues so de aconselharte.
Hum uarão sapiente, E quem talia
pos seus thesouros E seu minha sciencia
defender tuas obras poderia.
He justo q̃ a scriptura na prudencia.
ache sua defensão porque aduresa
das armas he contraria da Eloquencia;
Assij dise: E tocando com destreesa
a cythara dourada comecou.
de mitigar de Marte afortalesa.
Mas Mercurio q̃ sempre costumou
a desparter porfias duuidosas
co caduceo namão q̃ sempre uzou
Detrimina compor as perigosas
opinioins dos Deoses inimigos
com resoins boas iustas, E amorosas.
E dise: bem sabemos dos antigos
Heroes, E dos modernos q̃ prouarão
de Bellona os grauissimos perigos

Que tambem muitas ueses auintarão
Aas armas Eloquencia porque as Musas
mil Capitains nas gerras acompanharão.
Nunca Alexandre eu Casar nas Confusas;
gerras deixarão o estudo humbreue e pacto
nem armas da sciencia são escusas
Nhuã mao liuros noutra ferro e aço
Ahuã rege e ensina aoutra fere,
mais co saber se uence q̃ co braço:
Pois logo uarão grande, se requere
que com teus doẽs Apollo illustre seja
E de ti Marte Palma, e gloria espere.
Este uos darei eu Em q̃ se ueja
saber e esforço no sereno peito
q̃ he D. Lienis q̃ jas aomundo inueja
Deste as irmãs Em uendo o bem sugeito
todas noue nos braços o tomarão
criando o co seu leite, no seu leito.
As artes, e sciencia lhe ensinarão,
inclinação diuina lhe influirão
as uirtudes morais q̃ logo o ornarão.
Da qui os exercicios o seguirão
das irmãs no oriente, onde p.to
hũ soldado gentil instituirão

Ali taes provas fes de Cavaleiro
que de Christaõ magnanimo e seguro;
assi mesmo venceo por derradeiro.
Depois ia Capitaõ forte e maduro
governando toda a aurea Chersoneso
Be defendeo co braço o debil muro.
Porque vindo a cerquala todo o pezo
do poder dos Achens q. se sostenta
do sangue alheo, em feria todo acaso,
Este so que ati Marte representa
o Castigou de sorte q. o vencido
de ter quem fige vivo se contenta.
Pois tanto o grão Reino defendido;
deixou; segunda ves com maior gloria
pa o ir governar foi elegido.
E naõ podendo inda da memoria
os amigos o seu governo brando,
os imigos o dano da vitoria;
Huns com amor intrinseco, esperando
estaõ por elle; e os outros congelados
o Vaõ (com temor frio) receando,
Pois vede se seraõ desbaratados
de todo p seu braço se tornasse;
E dos mares da India Capitados

Porque he iusto q̃ nunca lhe negasse
O Conselho do Olympo alto e subido
fauor, e ayuda com q̃ peleijasse.
Pois aqui certo esta bem dirigido
De Magalhains o liuro, este so deue
De ser de uos o Deoses, escolhido.
Isto Mercurio dise: e logo em breue
se confirmarão nisto Appollo e Marte
e uoou iuntamente o tono leue.
Acorda Magalhains; e ia se parte
a uos offerecer snor famoso
tudo o q̃ nelle pos sciencia e arte.
Tem claro estillo, engenho curioso
pera poder de uos ser resebido.
com mão benigna d'animo amoroso
Porque sô de não ser fauorescido
hum claro espirito, fica baixo e escuro:
pois seja elle com uosco defendido
Como o foi de Malaca o forte muro

Do mesmo. A. ao ppriu D. Lionis
a cerqua da vitoria q̃ ouue,
Contra El Rei do Achem e
Malaca.

Soneto.

Vos Nimphas da Gangetica espessura
Cantaj suauemente, Em uos sonora
hum grande Capitão q. a Roxa Aurora
dos filhos defendeo, da noite escura.
Ajuntouisse a Caterua negra, e dura
que na aurea Chersoneso affouta mora,
pera lançar do charo ninho fora
aquelles q. mais podem q. a ventura.
Mas hum forte Leam com pouca gente
amultidão tam fera, como nescia;
destruindo castiga: e torna fraca
Pois ô Nimphas cantaj q. claramente,
mais do q. Leonidas fes Vm Grecia
e nobre Lionis fes Vm Malaca.

O de a D. Fr.ca d'Aragam

Pode hum desejo ~~tanto~~ immenso
arder no peito tanto
qu'abranda, e auiua alma, e o fogo intenso
lhe gasta as nodoas do terreno manto:
E purifica em tanta altesa o Sprito
Com olhos immortais,
que fas q̃ lea mais do que uee scripto.
Que aflama q̃ se ascende
alto tanto alumia
que s'onobre desejo ao bem s'estende
que nunca uiu, ia sente o Claro dia.
E lâ uêe, do que busca o natural,
agraça auiua cor
noutra Specie milhor, que corporal.
Pois uos o Claro exemplo.
Diuina formosura
que de tão longe ja noto, e contemplo
E alma qu'este desejo sobe e appura,
não creais q̃ não uejo aquella imagem
que as gentes nunca uem,
se de humanos não tem m.ta uentagem

Que se os olhos absentes
nao uem acompassada y
proporcaõ q das cores excellentes
de puresa, e uergonha uariada.
Da qual a poesia ia cantou
ati, q so pinturas
com mortais formosuras igualou:

Senaõ uem os cabellos
que ouulgo chama d'ouro,
e senaõ uem os claros bellos olhos
de quem cantam, q sao do sol thesouro;
e senaõ uem do rosto as excellencias,
a quem diraõ que deue
Rosa, crystal e neue as apparencias?

Vem logo a graça pura
Alus alta, e serena
qu' he raio da diuina formosura
qu' a alma imprime e fora reuerbera
Assi como crystal do sol ferido
que q fora derranta.
a resebida flama, e se la resido

E uem

Vuem agrauidade
com auiua alegria:
que misturada tem, de qualidade.
que hua' da outra nunca se desuia
nem deixa hua' de ser arreceada
por leda e por suaue.
nem outra por ser graue, muito amada.

Vuem do honesto siso
os altos resplandores
Temperados cõ doce, e alegre riso
a cujo riso no campo abrem as flores:
as palauras discretas, e suaues
Das quais o mouimento
fara deter o uento, e altas aues.

Dos olhos o uirar
(que temo tudo raso)
Do qual nao sabe o engenho diuisar
se foj p artificio. ou feito acaso:
da presensa os meneos, e a postura
o andar e o mouerse
Dende pode aprenderse fermosura.

Aquelle

Aquelle naõ sej que
que aspira naõ sei como
Que inuisiuel saindo, a uista ouee
mas pera o comprehender, naõ lh'acho temo,
o qual toda a toscana poesia,
que mais phebo restaura
Em breatiz, nem Em laura nunqua uia.

Em uos a nossa idade
senhora, o pode uer,
s'engenho, sciencia, e abilidade
igual a fermosura uossa der:
eu a ui no meu longo apartamento
qual empresensa a uijo.
tais azas da o desejo ao pencamento.

Pois s'o desejo affina
hua alma acesa tanto
que por uos use as partes da diuina,
por uos leuantarij naõ uisto canto
que o Bethis ~~[illegible]~~ m'ouea e o tigris m'leuante
que o nosso dourado tejo
em uolto hum pouco o uijo, e dissonante.

O Campo

O Campo naõ o esmaltaõ
flores, mas sô abrolhos
o fasem feo, e cudo que lhe faltaõ
ouuidos pera mim: pera uos olhos:
mas faça o q̃ quiser o uil costume,
qu' o Sol qu' em uos estâ.
na escuridaõ dura; mais claro lume.

O De a D. Manoel Portugal.

A quem daraõ de Pindo as moradoras
taõ doutas, como bellas,
florescentes capellas
d' triumphante louro ou myrto uerde
da gloriosa palma q̃ naõ perde
apresuncaõ sublime,
nem q̃ força de peso algũ s' opprime?

A quem traraõ na fralda
rosas a rosa Cloris
Conchas a branca Doris,
estas flores do mar, da terra aquellas
argentas, ruiuas, brancas, e amarelas
Com dancas e choreas
De formosas Nereidas, e Nepeas?

A quem

A quem faraõ os hymnos, odes, cantos
Em thebas Amphion,
em lesbos Arion
Senaõ a vos, porquem restituida
Se vêe da poesia ia perdida
a honra, e a gloria igual.
Snor Dom Manoel de Portugal.

Imitando os Spiritos ia passados
gentis, altos, reais,
honra benigna dais
A meu tam baixo, quã zeloso engenho:
Q Mecenas a vos celebro e tenho,
e sacro o nome vosso,
fasis rej; se alguã cousa emverço posso.

Crudo Canto meu, que resucita
as onras sepultadas.
as palmas ia passadas
dos bellicosos nossos Lusitanos,
para thesouro dos futuros annos
com vosco se defenda
da Lei lethea, â qual tudo se rende.

Ha.

Na uossa aruore ornada d'honra e gloria
achou tronquo excellente
A cêra florescente
para aminha, ate qui de baixa ~~gente~~ estima
naqual para trepar s'encosta e arrima
e nella subireis
tam alto quanto os ramos estendeis.

Sempre foraõ engenhos peregrinos
da fortuna enuejados:
que quantos leuantados
por hum braço das azas saõ da fama
tanto por outra (a sorte qu'os desama)
co pezo e grauidade
os opprime da uil necessidade.

Mas altos coraçoins dinos d'imperio
que uencem a fortuna
foraõ sempre coluna
de sesencia gentil: Octauiano,
Scipiaõ, Alexandre, e Gratiano — . Gratiano
que uemos immortaes
E uos que nosso seculo deurais

Pois

E pois logo em quanto a Cythara sonora
se estimar pello mundo
com sem docto e iocundo
e em quanto produsir o tejo, e o douro
peitos d'Marte, Phebo crespo e louro
terceis gloria immortal.
Senhor D. manoel de Portugal.

Ode a Dom francisco Conti-
nho sobre o liuro que com-
pos o Doutor orta de sim-
-plicibus-.

Aquelle unico exemplo
de fortaleza heroica, e ousadia,
que mereceo no templo
da fama aeterna, ter perpetuo dia
o grão filho de Thetis que des annos
Flagello foi dos miseros troianos

Não menos que ensinado
fojnas cruas, e medica pollicia
que destro e costumado
no soberbo exercicio da milicia:
assi que as maos que a tantos morte derão
tambem a muitos uida dar puderão

E não se despresou
aquelle fero e indomito mancebo
das artes que ensinou
para o languido corpo, o intenso Phoebo:
que se o timido Hector matar podia
tambem chagas mortais curar sabia

Tais artes aprendeo
do semiuiro mestre, e docto uelho,
onde tanto creceo
em uertude, sciencia e em conselho,
que Thelepho por elle uulnerado
so delle pode ser depois curado.

Pois

Poisauos Illustre ô excellente
e illustrissimo Conde do Ceo dado
pera faser presente
de altos heroes o seculo passado
em quem bem trasladada esta a memoria
de uossos ascendentes onra e gloria

Posto q. o pensamento
occupado tenhais na guerra infesta,
ou cô sanguinolento
Traprobano, ou Achem q. o mar moleta,
ou cô Cambajo occulto imigo nosso
que qualquer delles teme o nome uosso.

Fauoresceri a antiga
Scienera q. ia Achiles estimou
olhaj q. uos obriga
uerdes q. em uosso tempo arrebentou
o fruto daquella orta onde floresceem
Plantas nouas, q os doutos naõ conhecem.

Olhaj que em uossos annos
produsem d'hua orta uarias eruas
nos Campos Indianos,
as quais aquellas doctas, e proteruas
Medea e Circe nunca conhecerão
posto q. â lei da Magica excederão

Vuede carregado
D'annos, se tras a uarra experiencia
Hum uelho qu' ensinado
das Gangeticas musas na sciencia,
Póde a lira sutil, e arte silvestre
uencer uelho Achiron, de Achylles mestre

O qual esta pedindo
uosso fauor e aiuda ao grão uolume
qu' impresso a luz saindo
dara de medicina, hu' uiuo lume
E descobrirnos a segredos certos
a todos os antigos emcubertos

Assi q. não podeis
Negar (como uos pede) benigna aura,
que se muito ualeis
na sanguinosa gerra, indigna e Maura,
ajudai quem ajuda contra a Morte,
E sereis semelhante, ao grego forte.

O de Da breuidade
Da uida.

Ode da breuidade da vida

Fozem as neues frias
Dos altos montes e ia reuerdecem
As arvores sombrias,
As verdes erbas crecem
E o prado ameno de mil cores tecem.

Zephiro brando aspira.
Suas setas Amor afia agora
Progne triste suspira,
E philomela rhora,
O ceo da fresca terra se namora.

Vaj venus Cytharea.
Com os coros das Nimphas rodeada
Alinda Panopea
despida e delicada
cõ as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas
do Ciclope vulcano esta queimando
vão colhendo boninas
as Nimphas, e cantando
A terra êo ligeiro pée tocando.

Dece do duro monte
Diana ia cançada d'espessura.
buscando a clara fonte
onde a sorte dura.
perdeo Acteon a natural figura.

Ode de brevidade. da vida

(a)

Assi se vaõ passando
a verde primavera e seco estio
tras elle vem chegando
Depois o inverno frio,
que tambem passara q certo fio

Isea embranquecendo
com frigida neve, o seco Monte.
e Jupiter chovendo
turbara a clara fonte
temere o marinheiro o orisonte.

Porque emfim tudo passa
naõ sabe o tempo ter firmesa, em nada
e nossa vida escassa
foge taõ apressada,
que quando se começa he acabada

Que foraõ dos troianos
~~naõ sabe o tempo ter firmesa em nada~~
Heitor temido Eneas piedoso?
consumirante os annos,
O Cresso taõ famoso
Sem te valer teu ouro precioso

Todo o Contentamento
crias qu' estava em ter thesouro ufano:
o falsso pencamento
qu' a Custa de teu danno
do docto solon crestes o desengano

(2)

Obem qu'aqui s'alcança
não dura por possante ne' por forte,
qu'a bemauenturança
duravel, d'outra sorte.
se ha de alcançar da vida pera a morte

Porqu'emfim nada basta
contra o terribil fim da noite aterna
nem pode a Deosa casta
tornar a Lus superna
Hypolito da escura noite auerna

Nem Theseo esforçado
com manha, nem cõforça rigurosa
Liurar pôde o ousado
Piritho da espantosa
Prisão Lethea, oscura e tenebrosa

Que contra Amor não ual
peito forte, ne' sabio

Aquelle moço fero
Napelitronio Coua doutrinado
Do centauro seuero
Cuio peito esforçado
com tutanos de tigres foi criado

Na agoa fatal menino
o lauá amaj presagado futuro,
para que ferro fino
naõ passe o peito duro
que de si mesmo assi tem por muro

A carne lhe endurecesse
que ser naõ possa d'armas offendida
Cega q̃ naõ conhece
qu' pode auer ferida
n'alma, que menos doe perder auida

Por onde o braço irado
dos troianos passaua arnes, e escudo
ali s'uui passado
d'aquelle ferro agudo
Domenino que em todos pôde tudo

Ali s'uiu ~~passado~~ catiuo
da Cattiua gentil, que serue, e adora
ali s'uiu, qu'uiuo
em uiuo fogo mora
porqu' de seu amor seja Senhora.

Ja toma a branda lyra
na maõ qu' aõ ura Pallas meneara,
ali canta, e suspira
naõ como lhe ensinara,
o uelho, mas pomoço que o cegara

Pois logo quem culpado
Sera se de pequeno;
foi logo a seu Cuidado
no berço instituido
a naõ poder ~~estar~~ deixar, de ser ferido

Quem logo quem fraco infante
d'outro mais poderoso foi sogeito,
que para cego amante
foi de principio feito
com lagrimas banhando obrando peito

S'agora foi ferido
da penetrante seta, e forca d'orua
e s'Amor he seruido,
que serua a linda serua
para o que minha Estrella me reserua:

O gesto bem talhado
airoso no menco, e na postura,
o rosto dilicado
que na uista e figura
por arte nos ensina a fermosura

Como pode deixar
de catiuar quem tenha entendimento
que quem naõ penetrar
hum doce gesto atento,
naõ lhe ha nenhum louuor uiuer i Rento.

Pres

Qu' aquelles cuios peitos
tornou d' altas sciencias o chlino,
esses foraõ sogeitos.
ao cego Deuaõ menino,
arrebatados do furor diuino
Reifameso Hebreo
que mais que todos soubes mais amou:
tanto qu' a Deos alheo
falsso sacrificou,
se muito soube, e teue, muito errou.
Dograõ sabio qu' ensina.
passeandos, os segredos da sophia
Abaixo concubina.
Do uil Eunucho Hermia
Aras creguco qu' aos Deouses ô Deuia.
Mas ergue aquem ama
o philosopho insigne namorado
Doelhe a perpetua fama.
e grita, que culpado
da lesa diuindade, se accusado.
a foge donde habita
ta paga a culpa enorme, co' desterro,
mas ô grande desdita
bem mostra tamanho erro
que doctos coraçoins naõ saõ de ferro

Antes n'altiua Monte
no sotil sangue e engenho mais perfeito
he mais conueniente.
e conforme sorceito
onde se imprima obrando Vdoel effeito

Mote do Autor

Venceome Amor naõ onego
tem mais força que eu assas
que como he cego e rapas.
Dame porrada de cego.

Volta.

So porqu'he rapas uim.
Deilhe huã somba sombando
Disme: ô mao estais me dando
porque sois maior que mim?
pois se uos eu descarrego:
e em disendo isto. e has:
torname outra: Ta rapas
que das porrada de cego.

alheo

Verdes saõ os Campos
De cor de limaõ.
assi saõ os olhos,
Do meu Coraçaõ

Voltas suas

ampo que te estendes
cõ verdura bella,
ouelhas que nella
vosso pasto tendes
d'herbas vos mantendes
que tras ouerar
e cudas sem brancas
do meu coraçar

~~Alhes~~

Gado que passeis
com contentamento,
vosso mantimento
nas a entendeis:
isso que comeis
nas são herbas nas:
são graças dos olhos
do meu coraçar

Alhes

Verdes saõ as hortas
com rosas e flores
moças, qu'as regar
matame d'amores

Voltas suas

Entre estes penedos
que daqui parecem
verdes herbas crecem
[illegible]

1

Vaidestes rochedos.
agoa, cõ qu'as flores
d'outras, saõ regadas
que matão d'amores

2

Coa agoa que cay
daquella pessura
que dos olhos soy:
toda uinta reaj
regar beancas flores
ond'ha outros olhos
que matão d'amores

Mote do A.

Se Helena apartar
do campo seus olhos
naceraõ abrolhos

Voltas

A uerdura amena
gados, que passeis
sabeique adeueis
aos olhos d'helena.:
os uentos serena,
fas flores d'abrolhos
ô ar de seus olhos

fas

fas serras floridas.
fas claras as fontes:
S'isto fas nos montes
que fara nas uidas?
tralas sospendidas
como herbas, sommas
nos raios dos olhos.

Os coraçoins prende
cõ graça inhumana
de cada pestana
hua alma lhe pende.
Amor se lhe rende
e posto em giolhos
lhe adora seus olhos

B.

Celestes Jardins,
as flores estrellas
hortelãas dellas
saõ huns seraphins
rosas e iasmins
de diuersas cores,
Anjos qu'as regaõ
matame d'amores

Parssa sua ardes
concerto do mundo

bons ui sempre passar
o mundo graues tormentos
para mais me espantar,
maos ui sempre nadar
n mar de contentamentos.
dando alcançar assim
bem tão mal ordenado,
ui mas, mas fui castigado:
ssi que so para mi
nda o mundo concertado.

Parssa a hua dama
que lhe deu hua pena

na alma e no pencamento
por uosso me manifesto,
não me peza do que sinto
que se não sofrer tormento,
faço ofença a uosso gesto.
e pois quanto Amor ordena,
e quanto esta alma ~~ordena~~ desseja
udo a morte me condena,
não quero senão que seja
udo pena pena, pena.

Parssa a hua dama
que lhe chamou
cara sem olhos

Sem olhos ui o mal claro
que dos olhos se seguiu.
pois cara sem olhos uiu
olhos que lhe custão caro
de olhos não faço mensa
pois quereis que olhos não se
uendo uos: olhos sobejão:
não uos uendo olhos não s

A hua dama perguntandolhe quem
o matara,

Mote

perguntaisme que me ma
não quero responder nada
p uos não fazer culpada.

Volta

E se a pena não me atissa
a dizer pena tão forte
quereme entregar a morte
antes que a uos e Justiça
porem se tendes e chissa
de uos uerdes tão culpada,
direi que não sento nada

Mote

E sconuirote domingas
pois me das tanto cudado
que me digas se te uingas
uiuires menos penado

Voltas

Jurauasme q̃ outras cabras
folgauas d'apassentar
Vulp não me magoar,
fingia q̃ erão palauras.
Agora d'arte te uingas
dalgum meu doudo peccado
que inda lo queiras domigas
não posso ser enganado

Qualquer cousa busca o seu
afonte uaj para o tejo
e tu para o teu desejo.
Ipte uingares do meu.
De mi te esquesses domingas
com eu faço do meu gado
prasa a Ds. que sete uingas
que moura desesperado

Ha fantesia te pinto,
falote, responde o monte
busco

Busco o rio busco afonte
endoudeco, e não o sinto
Domingas uaue no brado.
responde, o Eco domingas
Ipte inda te não uingas
de mouer doudo tornado

Mote

S'alma uerse não pode
onde pensam ferem
q̃ fares para morrer

Voltas suas

Na alma hua se ferida
fas na uida mil sinais
tanto se descobre mais
quanto se mais escondida
se estador tão contraida
me não uem q̃ não quem
q̃ farei p̃ me crerem.

Se se pudesse bem uer
quanto callo, e q̃ sento
depois de tanto tormento
cudarra alegre ser
mas não me querem crer
oltros lo tão mal me ferem
q̃ farei p̃ me crerem

Alheo

Vosso bem querer tra
uosso mal melhor me fora

Voltas suas

Ja agora certo conheço
ser milhor todo o torm.
ond' o arrependimento
se compra q̃ iusto preço
engano um' hũ bem começo
mas o fim me dis agora
que o mal milhor m' fora

Quando hum bem he tão ~~mantoso~~ Danoso
que sendo bem da cuidado,
o dano fica obrigado
a ser menos perigoso.
mas se ami q̃ duditoso
co bem me foj mal tra
o uosso mal bem me fora

Alheo

Se me desta terra for
eu uos leuarei Amor.

Voltas suas

Se me for, e uos deixar
(punho q̃ caso que possa)

Esta alma minha q̃ he uosso
com uosco m' a de ficar
assi que so por leuar
a minha alma se me for
uos leuarej meu Amor

Que mal pode maltratar
que com uosco será mal
ou que bem pode ser tal
que sem uos possa alegrarme
o mal não pode enoiarme
o bem me sera maior
se uos leuar meu Amor

Alheo

Pequenos contentam.os
Hi buscar quem contente
qu' ami não me conheceis

Voltas do A.

os gostos q̃ tantas dores
fiserão ia valer menos
não os aceita pequenos
quem nunca teue maiores
bem parece uãos fauores
pois tão tarde me quereis
q̃ inda me não conheceis

Fereceijme alegria
tendome ia sego e mouquo
ne baixesa a ceitar pouquo
quem tanto uos meressia
ideuos q̃ outra uia
pois obem q̃ me deueis
nunca mo satisfaries

Alheo

Perdigaõ perdeu apena
naõ ha mal q̃ lhe naõ
uenha

Voltas suas

Perdigaõ q̃ o pencamento
sobio em alto lugar
perde apena de uoar
ganha a perda do sorm.to
naõ tem no ar ne no uento
asas com q̃ se sostenha
naõ ha mal q̃ lhe naõ uenha

Quis uoar ahua alta torre
mas achouse desazado
e uendose depenado
depuro penado morre

Se

Se aqueixumes s̃ socorro
lança no fogo mais lenha
naõ ha mal q̃ lhe naõ uenha

Alheo

Menina formosa
dizei de que uem
serdes rigurosa
aquem uos quer bem

Voltas do A.

Naõ sei quem assella
uossa formosura
que quem he taõ dura
naõ pode ser bella
uos sereis formosa
mas a resaõ tem
que quem he uiosa
naõ parece bem

A mostra he de bella
as obras saõ cuias
pois qual destas duas
ficara na sella
se ficar uiosa

Naõ

Tão vos esta bem
Fique antes formosa
que mais forca tem

O amor formoso
S'pinta e s'chama
S'he amor, ama.
S'ama, he piedoso.
Dis agora agrossa
qu'este texto tem
que quam he formosa
A de querer bem

Auer dô Minina
dessa formosura
que s'aterra he dura
Seccasse a bonina
Se de piedosa
não veja ninguem
que he rigurosa
porcaes tanto bem

Alheo
Tende me mão nelle
que hum real m'deue

Voltas do A.

Com

Com hũ real d'amor
Dous de confiança
e tres d'esperança
me foge o tredor
falsso desamor
S'encerra naquelle
q' hum real me deue.

Pediume emprestado
não lhe quis pentor,
he mão pagador
tendemo afferrado
cõ hum cordel atado
ao tronquo se leue
q' hum real me deue.

Porissa trauessa
Se vaj acolhendo
Eyllo vai correndo
fugindo agram pressa
nesta mão, e nessa
o falsso s'atreue
que hum real me deue

Comprecume

Emprou me Amor
Sem lhe fazer preço
Eu não lhe mereço
darme desfauor
dame tanta dor
que ando a por elle
pello q̃ me deue

Eu de qua bradando
elle uaj fugindo,
elle sempre vindo
Eu sempre chorando
De quando, e quando
no Amor s'atreue
como que não deue.

A falar uerdade
elle cá pagou
mas linda ficou
deuendo a mocidade
minha liberdade
he a q̃ me deue
Se nella s'atreue

A huas

A huas tras que a
uiam de ser terceiras
p.ª com hua dama sua

Pois a tantas perdicoins
tras. queriis dar uida
ditosa seja aferida
qu' tem taes ciurgioins
pois ventura
me sebui a tanta altura
que me sejais ualedoras
ditosa seja a tristura
qu' se cura
Q̃ uossos rogos teas.

Ser minha pena morta
ra qu' entendeis qu' huassi
não quero falar por mi
qu' p̃ mi fala meu mal
sois fermosas
aueis de ser piedosas
Q̃ ser tudo de hua cor
Q̃ pois Amor uos fes rosas
milagrosas
fasei milagres d' Amor

Pedi a que uos sabeis
que saiba d'meu trabalho
nao pello q' eu nisso ualho
mas pello q' uos qualeis
q' oualer
d' uosso alto mereser
com lho pedir d' giolhos
para que em meu padecer
possa auer
poder q' lem seus olhos

Vossam das formosura
coa sua tanto ual
qu' me rio d' meu mal
quando cudo em que mo cura
A meus Ays
pecouos qu' lhe ualhais
damas d' Amor tao ualidas
qu' nunca tal dor sintais
qu' queirais
onde nao sejais queridas

Villancete

De dentro tingo mi mal
que de fuera, no ay al.

Voltas da A.

Mi nueua, y dulce querella
qu' es inuisible a la gente
el alma sola la siente
qu' el cuerpo, no es digna della

Como la biua centella
s' encubre en el pedernal
De dentro tiengo mi mal

Ved si es dulce mal aque
qu' el alma misma lo cuida
qu' a nadie mostrar s' pued
de celos que tiene del:

abracada esta con el
que para cuerpo mortal
no nasceo tan dulce ma

Desbarates quaõ continuando
Com os mais q̃ estaõ im
pressos a fol. 167. na
volta della

Que disseis de huns quãs entranhas
Athe estaõ ardendo em cobiça
Q̃ se tem mando a Rustica
fasem de teas d'aranhas?
com suas hypocresias.
que saõ deuassas espias:
para os pequenos huns Ceros,
para os grandes tudo feios
pois tu parece naõ sabias
que la uaõ leis, onde querem Crusados?

Mas tornando a hũs enfadonhos
Cuias cousas saõ notorias
huns q̃ contaõ mil historias
mais desmanchadas, q̃ sonhos

B. Hus

Alunos mais paruos q̃ zamboas
que cotudas palaureas boas
cotes paguem por iublica
que tem morto mil pessoas
por iuda de quanto quero.

Adonde tienen las mentes
huis secretos trouadores
que fasem cartas d'amores
de que ficaõ mui contentes
naõ querem saver apraça
trasem troua q̃ negaça
E selha gabais q̃ he boa
dis que he de certa pessoa
hora q̃ quereis q̃ faça
senaõ veme p̃ este mundo?

Ô tu como me atarraca
escudeiro de solia
com bocais de fidalguia
trasidos quasi com uaca

Importuno a Amphunar
morto q̃ desenterrar
parentes q̃ cleirão lá:
uoto a tal q̃ me fara
hum destes nunca falar
mais com uiua alma

Huns que falão muito uy.
de que quisera fugir
huns qũ sem fim sem se sintir
andão falando entre sy:
q̃ fiosos sem resão
e desque tomão a mão
falão sem necessidade
V se algum hora he uerdade
deue ser na confissão
porque que não mente sam enten
deis

O Vos quem quer que melidas
que aueis de ser auisado
que diseis a namorado
que caça vento com redes?
uira q̃ uida da dama.
fala com sigo na cama.
passa de noite e escarra.
por falsete na guitarra.
poem sempre, uiua quem ama.
porque calça a seu proposito

Mas deixemos seguir ordes
q̃ hum pouco as trauessuras
porque entre quatro maduras
se ueis tambem sinco uerdes.
Deitemonos mais ao mar
e se algum se arescar.
passe tres ou quatro trouas
e uos tomai cores nouas!
mas naõ he p.ª espantar
que quem porquos ha menos em cada
moeda lhe renquam.

Vos que sois secretarios
das consciencias reais
que entre os homẽs estais
q̃ tres ordinarios:
Ms. nao pondes hũ foco
ao roubar q̃ vai sem meco
de baixo de bom governo
pois hum pedaço de inferno
q̃ pouco dinh.º alheio
se vende a Mouro, ou Judeo.

Porque a mente affeiçoada
sempre a real dinidade
vos fas vulgar q̃ bondade
a malicia da disculpa da
moue a presença Real
huã affeiçaõ natural
que logo inclina a luis
a seu fauor, e naõ dis
hum rifaõ muito geral
q̃ o alade donde canta ahi lanta

Duos bailas aqle som
por isso gentis Pastores
uos chama auos mercadores
humes [illegible] pastor bom

CAM.
10P

O restauro desta obra deve-se a:

_____

_____

_____

Salve um Livro !